

**Diccionario
biographico de
brasileiros
celebres**

**Manuel Francisco
Dias da Silva**

BERKELEY
LIBRARY
UNIVERSITY OF
CALIFORNIA



I-K-61

R

DICCIONARIO BIOGRAPHICO

Chopin. 1836.



JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA

Patriarcha da Independencia do Brasil

N. a 13 de Junho 1763, F. a 6 de Abril 1838.

DICIONARIO BIOGRAPHICO

DE

BRASILEIROS CELEBRES

NAS LETRAS, ARTES, POLITICA,
PHILANTROPIA, GUERRA, DIPLOMACIA, INDUSTRIA,
SCIENCIAS E CARIDADE

DESDE O ANNO 1500 ATÉ NOSSOS DIAS

COMPILADO

POR * * * * *

Os grandes homens são a
alma e o espelho de um povo.

(Do AUTOR.)

(Contendo cento e tres Biographias)

Olympio Westphalen

1871

PERMUTA
EXCHANGE
CANJE

Rio de Janeiro

EM CASA DOS EDITORES-PROPRIETARIOS

EDUARDO & HENRIQUE LAEMMERT

68, Rua do Ouvidor, 68

1871

52329525

LOAN STACK

~~4138E~~
F 2505
D5
1871
MAIN

DICIONARIO BIOGRAPHICO

A

Alexandre Rodrigues Ferreira.

Nasceu na cidade da Bahia em 27 de Abril de 1756, filho de Manoel Rodrigues Ferreira.

Destinado desde a infancia á vida ecclesiastica por seus pais, tomou ordens menores a 20 de Setembro de 1768, e seguiu para Coimbra onde matriculou-se em 1770; dous annos antes de concluir seus estudos, já era demonstrador de historia natural na universidade, lugar que exercia gratuitamente; sendo no fim do anno laureado e coroado pela profundidade de seu muito saber.

Sendo proposto pela congregação da faculdade, para a grande commissão de estudos naturaes do Brasil pelo que partio para Lisboa aos 15 de Julho de 1778.

Demorou-se ainda por cinco annos em Por-

D.

4

tugal, dando-se a diversas e importantes comissões designadas pelos governos de então.

Aos 22 de Maio de 1780 a academia real de sciencias de Lisbôa o nomeou seu correspondente.

Em Setembro de 1783 segue de Lisbôa para a capital do Pará, onde chega em Outubro desse mesmo anno, dando começo a seus trabalhos pela ilha de Joannes.

Nove annos gastou no estudo das riquezas do sertão do Pará, rio Negro, rio Branco, Madeira, Guaporé, serra do Cuamurú, Matto-Grosso, Cuyabá, etc.

Regressando á capital do Pará foi nomeado vogal das juntas de fazenda e justiça, casando-se por esse tempo com D. Germana Pereira de Queirós.

Voltando a Lisbôa em 1793, foi nomeado official-maior do ministerio da marinha, e no anno seguinte foi encarregado da administração do real gabinete de historia natural, jardim botânico, e suas annexas.

Acommettido de fatal melancolia, cuja causa ainda hoje é ignorada, falleceu a 23 de Abril de 1815.

Innumeros são seus escriptos, que por ordem do visconde de Santarém forão entregues ao Sr. Felix de Avelar Brotéro.

Foi condecorado com o habito de Christo; era administrador das quintas reaes; e deputado da junta do commercio.

André Vidal de Negreiros.

Era filho da Parahyba; depois de haver expulsado os hollandezes da Bahia, em 1636 e 1638; depois de ter alcançado com gloria o posto de tenente-coronel, determinou partir em 1644 para Pernambuco.

Em 1645, depois de muitos combates parciais, batê os hollandezes no engenho de Anna Paes; nesse mesmo anno derrota o estrangeiro perto do engenho de Antonio Fernandes Pessôa.

Em 1646 o Rio Grande pede-lhe soccorro, e elle offerece-se para perseguir o inimigo.

Depois de ter derrotado os hollandezes no Rio Grande e Parahyba, e coberto de gloria e abençoado pelo povo, volta a Pernambuco.

Na primeira e segunda batalha dos Guararapes acomette o inimigo de noite e o desbarata..

Em 1654 toma o reducto de Milhon, e sabe ter piedade dos vencidos.

Com mil e cem infantés ataca o forte das Cinco-Pontas. A empreza é arriscada, mas elle, o genio da guerra, supera tudo e impõe aos

hollandezes o tratado de paz de 1654, pelo qual lhe entregavão a praça do Recife com todas as suas defensas, e as capitánias de Itamaracá, Rio Grande e Parahyba.

Sendo elle o primeiro guerreiro dessa luta patriótica, foi o encarregado de levar a D. João IV em Lisbôa a feliz noticia de paz.

El-Rei o recebe com agrado, e para recompensa-lo de vinte annos de serviços, o nomeia governador do Maranhão; dá-lhe o fôro de grande fidalgo, uma commenda lucrativa na ordem de Christo, tendo elle já a commenda de S. Pedro, e as alcaidarias de Marialva e Moreira.

Foi nomeado mais tarde governador de Angola.

Religioso como um santo, instituiu perto de Goyana a capella da Senhora do Desterro.

Partindo para Angola, fez ahi importantes serviços, alcançando a victoria de Anabouilla.

Os nossos historiadores não relatão o anno e o lugar em que morreu tão distincto varão, e nem se tem noticia do seu jazigo.

Angelo Muniz da Silva Ferraz.

Nasceu na villa de Valença, provincia da Bahia.

Encetou a carreira politica aos 22 annos,

como promotor publico da capital da Bahia, pela qual foi eleito deputado á assembléa provincial.

Foi juiz de direito de Jacobina e deputado á assembléa geral até 1º de Maio de 1866 em que foi escolhido senador por sua provincia.

Foi inspector da alfandega da côrte; presidente da provincia do Rio Grande do Sul e procurador fiscal do thesouro.

Foi presidente do conselho do gabinete de 10 de Agosto de 1859; fez parte como ministro da guerra dos gabinetes de 12 de Maio de 1865 e 3 de Agosto de 1866 em cujo cargo acompanhou S. M. o Imperador á Uruguayanna, assistindo á sua rendição.

Foi nomeado barão da Uruguayanna, com grandeza, por decreto de 6 de Outubro de 1866.

Falleceu em Petropolis em 18 de Janeiro de 1867, sendo: grande do Imperio; senador; conselheiro de Estado effectivo; veador de S. M. a Imperatriz; commendador de Christo; dignitario da Rosa; gran-cruz de Christo de Portugal e 1º barão de Uruguayanna.

Seu corpo foi transportado na galeota imperial, para esta côrte, e foi sepultado no cemiterio de S. Francisco Xavier a 20 do mesmo mez.

Foi um dos mais intelligentes, illustrados e activos estadistas do Brasil.

Antero José Ferreira de Brito.

Nasceu na cidade do Rio Grande de S. Pedro do Sul em 1787.

Foi presidente por muitos annos da provincia de Santa Catharina; fez parte de um dos gabinetes da Regencia, e foi presidente da provincia do Rio Grande do Sul.

Apezar de suas opiniões liberaes nunca tomou parte activa nas lutas politicas.

Commandante das armas da côrte, falleceu em 5 de Fevereiro de 1856, sendo : tenente-general; conselheiro de guerra; gran-cruz de S. Bento de Aviz; dignitario do Cruzeiro e da Rosa; medalha da guerra da independencia (Bahia); medalha da divisão cooperadora da Bôa Ordem; medalha da campanha Cisplatina de 1817 a 1822; insignia de ouro de distincção em combate.

**Antonio Carlos Ribeiro de Andrada
Machado e Silva.**

Nasceu na cidade de Santos, provincia de de S. Paulo, em 1º de Novembro de 1773; forão seus pais Bonifacio José de Andrada, coronel de dragões milicianos, e D. Maria Barbara da Silva.

Sob a direcção de seus progenitores fez seus

estudos elementares da lingua vernacula, franceza e latina; enviado a Coimbra, depois de uma carreira de brilhantes triumphos, obteve o gráo de bacharel formado.

Voltando ao Brasil foi despachado juiz de fóra de Santos, lugar que exerceu com distincção; findo o termo deste primeiro posto na magistratura, foi nomeado ouvidor e corregedor de Olinda, de cuja comarca, coube-lhe assento de desembargador na relação da Bahia.

A revolução de Pernambuco em 1817 o leva injustamente aos calabouços das Cinco-Pontas, onde foi carregado de ferros; transportado ás cadéas da Bahia, transformou seu carcere e sua prisão em um apostolado derramando a luz do saber e da religião entre os presos, que o veneravão.

Antes de chegar a hora de seu julgamento, D. João VI insinuou-lhe um pedido de perdão e foi nobre a sua resposta:— *Perdão a Deos de meus peccados, ao rei só peço justiça*—; julgado por fim innocente, e estando ainda na Bahia, foi eleito deputado ás côrtes constituintes de Portugal, por sua provincia.

Ahi no recinto dessas côrtes representou a mais brilhante figura, de suas palavras energicas e do seu protesto surgem os primeiros raios da aurora da liberdade brasileira, e negando-

se a assignar a constituição alli approvada, seguido de seis deputados, retirou-se para a Inglaterra em 6 de Outubro de 1822, e d'ahi logo depois para o Rio de Janeiro.

Era então o Brasil já independente, e ainda na Inglaterra fôra eleito membro do primeiro congresso nacional.

Incumbido de organizar um projecto de constituição, fê-lo, o qual, com pequenas modificações, é o que nos rege.

Explendoroso foi o papel que representou na tribuna da constituinte brasileira, esse rival de Demosthenes.

Dissolvida essa assembléa á força de armas pelo ex-Imperador, é levado aos carcerees da fortaleza da Lage em companhia de seus irmãos, e d'ahi, deportados para a França, onde passou os lutosos dias de um immerecido desterro de quatro annos.

Em 1828 chegou ao Brasil, e pulverisou a calumnia de seus inimigos politicos, respondendo a um monstruoso processo, afim de co-honestar o acto da constituinte; defendeu-se a si e a seu irmão Martim Francisco, sendo ambos reconhecidos innocentes pela Relação da côrte em 6 de Setembro de 1828, retirando-se pouco depois a então villa de Santos para viver vida privada.

A regencia provisoria de 7 de Abril de 1831, alli enviou-lhe a nomeação de ministro plenipotenciario junto á côrte de Londres, que elle recusou.

A quêda do Imperador trouxe-o ao Rio de Janeiro, e a imprensa desse tempo prova o quanto erão vastos os seus conhecimentos na defesa, que junto a seu irmão Martim Francisco, então deputado, tomárão contra aquelles que tentárão abalar o throno.

Em 1833 voltou á Europa, e apenas volta em 1835 é eleito deputado á assembléa geral; sendo o coripheu dessa brilhante opposição, que venceu nos dias de Julho de 1840 pela declaração da maioridade, por elle indicada na sessão de 27 de Abril de 1840.

Estava eleito para a legislatura de 1842, que foi dissolvida.

Eleito deputado para a de 1845, quando foi escolhido senador por Pernambuco em 20 de Maio de 1845, tendo merecido a honra de entrada na lista triplice das provincias do Rio de Janeiro, Minas, Ceará e Pará.

A ruptura de um vaso do pericardio, deu-lhe morte em 5 de Dezembro de 1845.

No circulo das letras, no parlamento, no paiz, deixou sua morte um grande vazio difficil de provêr.

Despido de ambições, nunca procurou o mando

ou as honras; nem outras teve senão a grã-cruz do Cruzeiro, que lhe foi dada na criação da ordem, e a chave de gentil-homem.

Tal foi o conselheiro Antonio Carlos; viveu e morreu pobre.

Antonio Felipe Camarão (D.).

Era um indio natural dos sertões de Pernambuco; os indios o chamavão Poty, que significa *Camarão*.

Relevantes forão os serviços que prestou á causa da patria, não só contra os francezes na costa do norte da capitania do Ceará, como contra os hollandezes na Bahia e Pernambuco.

Enviado á Goyana em Julho de 1635 desbarata o general hollandez Arquichofle, destrõe os reductos do inimigo, e volta aos seus carregado de munições e coberto de louros e gloria.

Em Cunhaú, em Porto Calvo, nos campos dos Guararapes combate como soldado da antiga Roma; os inimigos o chamão — *anjo do exterminio*.

Em 1645 lhe foi dado o sitio de Sebastião de Carvalho para quartel de seu terço; nesse mesmo anno assiste ao ataque da ilha de Itamaracá e derrota o inimigo.

Pelos seus importantes serviços El-Rei o fez

general dos indios da sua nação, e o nomeou cavalleiro e commendador de Christo, com o titulo de Dom e fôro de fidalgo.

Poucos mezes depois da primeira batalha dos Guararapes, falleceu Antonio Felipe Camarão de enfermidade, sendo sepultado na igreja do arraial.

Foi chorado verdadeiramente pelos soldados que o amavão, e que o consideravão o anjo das victorias e heróe da patria.

Côrtex e affavel ; escrevendo e fallando bem o portuguez, e não sendo estranho ao latim, nunca deixou de fallar a linguagem que lhe fôra ensinada por seus pais.

Antonio Navarro de Abreu.

Nasceu em Cuyabá, onde foi baptizado ; forão seu pais o coronel Antonio Navarro de Abreu e D. Maria Thereza Caldas.

Bacharel formado em direito, foi eleito deputado á assembléa geral pela provincia de Matto-Grosso, entusiasta e intelligente muito distinguio-se nos debates da maioridade, sendo um dos seus mais ardentes propugnadores.

Exaltado e colerico, dizem que seus inimigos o levárão como doudo ao hospital da Santa Casa onde falleceu abandonado dos amigos da pros-

peridade em 3 de Outubro de 1846, sendo guardaroupa honorario de S. M. o Imperador.

Os seus restos mortaes jazem nas catacumbas de S. Francisco de Paula.

Antonio Paulino Limpo de Abreu.

Nasceu em Lisbôa a 22 de Setembro de 1798: filho do tenente-coronel Manoel do Espirito-Santo Limpo e D. Maria da Maternidade de Abreu e Oliveira; vindo para esta côrte em companhia de sua mãe, pouco depois da mudança da côrte para o Brasil.

Fez sua formatura em Coimbra em 19 de Maio de 1820, e a 17 de Julho tomou o gráo de licenciado em leis, partindo para o Rio de Janeiro em Setembro do mesmo anno.

Foi despachado juiz de fóra de S. João d'El-Rei em 22 de Janeiro de 1821; exercendo em seguida o de ouvidor interino da comarca do Rio das Mortes.

Nomeado ouvidor do Rio Grande do Norte em 7 de Fevereiro de 1823, não exerceu esse lugar por ser nomeado para a comarca de Paracatú em 24 de Setembro do mesmo anno, e onde casou-se com a Ex.^{ma} Sra. D. Anna Luiza Carneiro de Mendonça.

Foi despachado desembargador ordinario da

Relação da Bahia em 12 de Outubro de 1826, e a 19 de Dezembro de 1828 deu-lhe o governo exercicio na casa da supplicação do Rio de Janeiro.

Em 1833, com a reforma judiciaria, foi nomeado desembargador da relação da côrte, onde servio até 13 de Maio de 1846, tendo presidido aquelle tribunal desde Maio até Dezembro de 1844.

Ministro adjunto do conselho supremo militar e de justiça por Decreto de 26 de Maio de 1837 ; e ministro do supremo tribunal de justiça em 14 de Maio de 1846, lugar em que se aposentou em 8 de Março de 1848.

Eleito deputado pela primeira vez em 1824, pela provincia de Minas, foi reeleito até a legislatura de 1843, que foi dissolvida, e em que não foi considerado por se achar fóra do Imperio em virtude do movimento revolucionario de S. Paulo e Minas em 1842.

Foi membro das commissões que em 1830 e 1831 examinarão os Codigos do Processo Criminal e Penal.

Foi presidente da camara nas sessões de 1832, 1833 e 1845, e completou sua carreira parlamentar entrando para o Senado em 13 de Novembro de 1847 como representante da dita provincia.

Presidente de Minas em 1833, quando era

esta provincia rebellada, prestou relevantes serviços á causa da ordem.

Ministro da justiça e do Imperio pela regencia em 14 de Outubro de 1835, e a 3 de Junho de 1836 á pasta de estrangeiros.

Ministro da justiça do ministerio da maioridade, elle dirigio segunda, terceira e quarta vez a pasta de estrangeiros nos ministerios de 1845, 1848 e 1853.

Ministro plenipotenciario do Brasil em Montevideo em 1855, seus serviços forão importantissimos; e na mesma qualidade na Republica Argentina celebrou o tratado de commercio de 7 de Março de 1856.

S. Ex. é:— Conselheiro desde 29 de Julho de 1840, gentilhomen da imperial camara a 2 de Agosto de 1840; fidalgo cavalleiro a 9 de Fevereiro de 1841; dignitario da ordem do Cruzeiro a 25 de Março de 1845; conselheiro de Estado ordinario a 14 de Junho de 1848; gran-cruz da ordem de Christo a 26 de Junho de 1852; visconde de Abaeté, com grandeza, a 2 de Dezembro de 1854; gran-cruz da Conceição de Villa-Viçosa a 17 de Outubro de 1855; exercendo a largos annos o importante cargo de presidente do Senado em que se acha.

Antonio Pereira de Souza Caldas.

Nasceu no Rio de Janeiro a 24 de Novembro de 1862; forão seus pais o negociante Luiz Pereira de Souza e D. Anna Maria de Souza.

Com 13 annos passou-se a Portugal onde terminou seus estudos de preparatorios, entrando para a universidade de Coimbra, com dispensa de idade.

Seu raro talento, sua illustração encheu de admiração a seus condiscipulos, e de receio a asombrosa policia de Portugal; preso com alguns companheiros de reconhecido merito, foi entregue ao Santo Officio, e desse tribunal passou, por ordem do governo, á congregação dos padres catechistas de Rilhafoles, para fazer exercicios por seis mezes.

Solto, pela favoravel petição que fizerão esses padres, em prol do penitenciado, cahio em profunda melancolia pela injustiça que soffrêra, e para distrair-se partio para França.

Alli foi apresentado aos mais distinctos sabios, teve introduccão nos mais celebres salões, adquirindo por suas luzes a amizade de grandes homens, que sempre conservou.

Regressando a Portugal, recebeu o gráo de bacharel formado, voltando a Lisbôa onde leu

no Desembargo do Paço ; nomeado juiz de fóra para o Rio de Janeiro, recusou o cargo, dedicando-se á vida ecclesiastica.

Não querendo esperar na patria pelas demissorias, partio para a Italia com escala por Genova, viagem em que se enriqueceu com muitos e novos conhecimentos, tomando ordens sacras em Roma, voltando de novo a Lisbôa.

Recusou o bispado do Rio de Janeiro, e um outro, como tambem a pingue Abbadia de Lobrigos, tal era seu desinteresse, e amor ao estudo das sciencias e litteratura !

Prégando em varias igrejas, escrevendo obras de estimada poesia, explicando o Evangelho.

Voltando ao Rio de Janeiro a visitar sua mãe, a igreja de Santa Rita foi o templo escolhido para suas prégações dominicaes, onde patenteou seu muito saber e zelo apostolico, além de outros muitos templos, a nave da real capella echoou sua poderosa voz.

Molestado, voltou a Portugal, e só volveu ao berço natal em companhia da familia real; o mal porém muito se adiantára na destruição de sua debil constituição; aqui falleceu a 2 de Março de 1814, e foi sepultado na casa do capitulo do convento de Santo Antonio, com o seguinte epithaphio :

Do Brasil, esplendor, da patria gloria,
Discorrendo, ou fallando trovejava,
O discurso, a dicção, a essencia, a forma,
Tão veloz, como o raio, s'inflamava!

Muitos de seus escriptos não se têm publicado, por causa de duvidas com os herdeiros do tenente-coronel Stockler, a quem os confiára o pádre Caldas.

Grande foi seu desapego aos bens de fortuna, e evangelica sua caridade.

B

Balthazar da Silva Lisbôa.

Nasceu na cidade da Bahia em 6. de Janeiro de 1761, filho de Henrique da Silva Lisbôa e D. Helena de Jesus e Silva.

Embarcou para Lisbôa em Junho de 1775, fugindo ao recrutamento, e sob as vistas de seu irmão José da Silva Lisbôa, matriculou-se no curso juridico, onde tomou os grãos de formatura e doutorou-se na faculdade de Leis, a expensas do bispo D. Francisco de Lemos, admirador de seu muito talento, sendo o primeiro que fez os actos privados e grandes de latim.

Apenas formado, foi encarregado de examinar as minas de carvão de Buarcos; a memoria que

apresentou sobre estas minas, de viagem á serra da Estrella, e das minas de chumbo de Cojos, fizeram com que o despachassem juiz de fóra de Barcellos, cargo que não exerceu, por ser despachado no mesmo para o Rio de Janeiro, onde apenas chegado foi mandado para estudos da historia natural á Serra dos Orgãos, onde se demorou seis mezes, levantando um mappa d'aquella serra e enviando a Lisbôa muitos productos de seu estudo.

Exercia o cargo de juiz de fóra por nove annos a contentamento geral, quando na qualidade de presidente da camara, teve de lutar com o vice-rei conde de Rezende, sobre o monopolio da farinha, sendo applaudido e abençoado pelo povo quando pessoalmente mandou distribui-la frustando o monopolio.

Perseguido foi sempre pelo odio desse vice-rei até que em 1789 regressou a Portugal, onde seguiu-o uma falsa denuncia desse odioso homem, que o tribunal do conselho ultramarino recebeu com indifferença, pelo que foi despachado ouvidor da comarca de Ilhéos com a inspecção do córte das mattas, sendo mais tarde nomeado para a junta creada para estudos sobre o córte e cultura de madeiras de construcção.

Escreveu e publicou a *Physica dos bosques de Ilhéos* e a *Descripção da comarca de Ilhéos*.

Foi encarregado de muitas commissões scientificas de estudo de minas diversas; adoeendo gravemente regressou a Lisbôa, tendo exercido por 20 annos o lugar de juiz conservador.

Foi encarregado da mudança da aldêa dos indios da freguezia d'Almada, o que fez com perigo de vida, e quebrantamento de forças, pelo que vio-se necessitado de pedir aposentadoria no conselho da fazenda.

Retirado á sua fazenda na margem do rio das Contas, escrevia os *Annaes da provincia da Bahia* quando a calunnia o foi arrancar de sua tranquillidade, sendo preso; solto pouco depois, fez uma viagem cheia de incriveis sacrificios, e tal era a influencia de seus inimigos, que não pode ser admittido a fallar com o ministro José Bonifacio, nem ao Imperador; cedo, porém, foi rehabilitado, e benignamente recebido por ambos, tal é a força da innocencia.

Recusando uma cadeira no curso juridico de S. Paulo, foi eleito 1º juiz de paz da freguezia de S. José, lugar que servio em uma época difficil pelas lutas politicas.

Publicou em 1834 os sete volumes dos seus —*Annaes do Rio de Janeiro*— que tão apreciados têm sido por nacionaes e estrangeiros.

Depois de muitos serviços ao paiz e ás letras, com seus manuscriptos ainda existentes no Insti-

tuto Historico Brasileiro, falleceu a 14 de Agosto de 1840, sendo:—doutor em direito civil e canonico; do conselho de S. M. o Imperador; conselheiro da fazenda aposentado; commendador de Christo; socio da Academia Real de Sciencias de Lisbôa, e dos institutos de Napoles e do Brasil e da sociedade Auxiliadora da Industria Nacional.

Bartholomeu Lourenço de Gusmão.

Por antonomasia *O voador*, nasceu na villa de Santos em 1685, e formou-se em canones na universidade de Coimbra.

Em 1709 apresentou-se na côrte o illustre sacerdote, com um projecto de navegação aérea.

D. João V recebeu-o com toda a bondade; o rei concorreu com as despesas da machina, que o povo denominou — *passarola*.

Um pequeno incidente fez abortar a primeira experiencia, e não mais se fez outra.

Desde então foi ridicularisado, insultado e perseguido pelos nobres e pelo Santo Officio.

Em 1710, publicou elle um folheto ensinando o modo de esgotar, sem gente, os navios com agua aberta.

O illustre sábio fallava correctamente o francez e o italiano, conhecia perfeitamente o latim e era bom traductor do grego e do hebraico.

Em 1721 fez um sermão na igreja de S. Nicoláo, em Lisboa, que mereceu grandes elogios.

Pobre e perseguido pelo Santo Officio, fugio Bartholomeu de Gusmão para Toledo, onde falleceu em 18 de Novembro de 1724, e tão pobre morreu, que foi enterrado á custa da irmandade dos ecclesiasticos de S. Pedro, dessa cidade, que pagáráo pelo enterro 5 pesos e 6 reales !

Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha.

Nasceu na villa de Barcellos, comarca do Rio Negro, a 4 de Setembro de 1769 ; filho de Raymundo de Figueiredo Tenreiro e D. Thereza Joaquina Aranha.

Orphão de pai e mãe em sua primeira infancia, sob a protecção de um seu padrinho, estudou no convento de Santo Antonio.

Aos 19 annos, prestes a ir completar seus estudos em Coimbra, foi impedido de fazê-lo por sequestro da fazenda real sobre os bens que herdára de seus avós, casando-se com D. Rosalina Espinoza.

Retirado e entregue ao estudo das bellas letras, foi procurado em seu retiro, e nomeado director de Oeiras, com patente de alferes de milicias, e mais tarde por novo governador, foi

elevado a capitão de caçadores de milicias e es-
crivão da abertura da alfandega do Pará.

Questões mesquinhas arrebatarão-lhe este em-
prego, porém mais tarde recebeu o cargo de
escrivão de mesa grande do Pará, que se tornou
vitalicio por graça do principe regente D.
João.

Falleceu a 11 de Novembro de 1811; de suas
muitas producções manuscriptas poucas chegá-
rão até nós, e das impressas que conhecemos,
são ellas uma prova de seu muito saber.

Bento Lucio Machado.

Nasceu em 1790.

Seu merito estava em suas virtudes civicas,
em seu character honrado e leal, em seu genio
philantropico e amenb.

Era senhor de avultada fortuna e avultado
foi o numero de suas obras de caridade; pouco
antes de fallecer déra 6:000\$000 para as obras
da matriz de Jacarehy.

Já ferido por uma enfermidade mortal, a no-
ticia do fallecimento de seu amigo Tobias de
Aguiar, o prostrou, fallecendo a 8 de Novem-
bro de 1857.

Era Grande do Imperio, official da antiga guarda de honra ; commendador de Christo ; official da Rosa ; e barão de Jacarehy.

A cidade de Jacarehy sentio profundamente o passamento deste philantropico cidadão.

Bento da Silva Lisboa.

Nasceu na Bahia a 4 de Fevereiro de 1793.

Foi ministro de estrangeiros duas vezes ; enviado extraordinario e ministro plenipotenciario ; official-maior aposentado da secretaria de estrangeiros.

Foi o negociador do casamento de S. M. o Sr. D. Pedro II.

Morreu pobrissimo em 26 de Dezembro de 1864, sendo : commendador de Christo ; grã-cruz de S. Januario de Napoles e da Conceição de Villa-Viçosa de Portugal ; commendador da Legião de Honra da França e de Leopoldo da Belgica, membro de diversas sociedades scientificas e segundo barão de Cayrú.

Seu nome avulta nos fastos da historia patria, e sua dedicação á causa e prosperidade do paizahi se achão gravados por modo indelevel.

Bernardo José da Gama.

Nasceu na cidade do Recife em 20 de Agosto de 1782; erão seus pais o coronel Amaro Bernardo Gama e D. Francisca Maria da Conceição.

A 1 de Outubro de 1801 partio para Lisboa e d'ahi para Coimbra, onde no fim de cinco annos tinha concluido seus estudos.

No dia 29 de Novembro de 1807 deixou Lisboa em um dos navios da esquadra que conduzia a Familia Real.

No mesmo anno de sua chegada foi nomeado juiz de fóra do Maranhão, onde exerceu interinamente quasi todos os empregos.

De 1815 a 1818 servio de ouvidor de Sabará; em 4 de Abril de 1821 foi removido para a relação de Pernambuco, sendo ahi eleito em 1822 para a assembléa constituinte brasileira.

Perseguições e ingratições impedirão desde então, que fôsse escolhido senador, apesar de vir sempre nas listas triplices.

Nomeado chanceller e regedor das justicas, fez um projecto de Codigo do Processo Civil Criminal, que foi apresentado á camara dos deputados por proposta do ministro, e a respectiva commissão o mandou imprimir.

Em 23 de Dezembro de 1830, depois de ser

honrado com o título de visconde de Goyana, foi nomeado presidente do Pará, cargo que não occupou nessa occasião por ser chamado a occupar a pasta do Imperio em Março de 1831.

Novamente ministro da regencia provisoria, foi nomeado outra vez presidente do Pará em 17 de Maio, ahi o povo se rebellou depondo este illustre brasileiro.

Esta mesma provincia o elegeu seu representante em 1834, e em 1846 tomou assento como supplente por Pernambuco.

Nesse mesmo anno foi nomeado inspector da caixa da amortização, onde servio até 1849 em que foi nomeado director do curso juridico de Olinda.

Havia pedido pela terceira vez exoneração desse cargo, por seus muitos padecimentos, quando falleceu a 3 de Agosto de 1854.

Bernardo de Souza Franco.

Filho legitimo do negociante Manoel João Franco e D. Catharina de Souza Franco, nasceu em 28 de Junho de 1805, na capital da provincia do Pará.

Frequentando as aulas de preparatorios sob a direcção de D. Romualdo, depois arcebispo da Bahia, foi preso a 27 de Maio de 1823, por se ter envolvido na luta da independencia da

provincia, e remettido para Portugal a bordo da galera *Andorinha do Tejo*, em companhia de mais 257 outros independentes, a maior parte dos quaes morrerão á fome e sêde e outras privações, sendo o resto levado á torre de S. Julião, de onde sahirão poucos dias depois de sua entrada, volvendo á patria em Fevereiro de 1824.

Entregando-se ao commercio, depressa o deixou para matricular-se na academia de Olinda em 1831, onde tomou gráo de bacharel em direito em 1835, sendo durante o tempo escolastico redactor de alguns jornaes como a *Voz Beberibe* e *Diario de Pernambuco*.

Voltando em Março de 1836 ao Pará, ainda assistio em parte á luta dos rebeldes que assolou aquella provincia, servindo de procurador fiscal da thesouraria desde Junho de 1836 até 16 de Agosto em que foi nomeado juiz do cível da capital.

Eleito deputado á legislatura de 1838 a 1841, tomou assento em Maio de 1838, sendo reeleito por quinze annos até 1853.

Nomeado presidente do Pará, delle tomou posse no dia 8 de Abril de 1839 e ao deixar as rédeas do governo da provincia em Fevereiro de 1840, a deixou entregue aos gozos de

pacificação, tomando de novo essa administração como vice-presidente em Fevereiro de 1841, para a deixar em Abril de 1842, e os grandes serviços que a esta provincia prestou, estão gravados no coração dos Paraenses e na remuneração do governo agraciando-o com a commenda de Christo.

Presidente da provincia das Alagôas de Junho a Dezembro de 1844, foi pelos revoltosos obrigado a retirar-se para bordo de um navio de guerra.

As sessões de 1844, de 1848 e principalmente a de 1850, são os seus grandes padrões de gloria da sua carreira parlamentar.

Chamado aos conselhos da Corôa em 31 de Maio de 1848, fez parte do ministerio Paula e Souza, occupando até 29 de Setembro a pasta de estrangeiros, e durante este ultimo a da fazenda interinamente.

Annulado o seu diploma de legitimo representante do Pará na eleição de 1853, volveu a seu retiro, entregando-se aos labores da advocacia, para de novo voltar ao parlamento em 1855, como deputado em substituição ao que era o que falleceu, sendo escolhido senador em 5 de Junho de 1855.

Em 4 de Maio de 1857, ministro da fazenda, ainda estão patentes seus relevantes serviços.

C

• **Caetano Maria Lopes Gama.**

Nasceu na provincia de Pernambuco em 1798.

Foi ministro por diversas vezes, occupando as pastas do Imperio, justiça e estrangeiros ; foi deputado á assembléa geral legislativa.

Foi escolhido senador pela provincia do Rio de Janeiro em 19 de Abril de 1839.

Foi o primeiro presidente da provincia de Goyaz, á cuja capital chegou a 8 de Fevereiro de 1824, e foi o fundador do hospital de caridade de S. Pedro de Alcantara, naquella cidade, em uma das salas, do qual, se acha o seu retrato.

Falleceu nesta côrte em 11 de Junho de 1864, com 66 annos de idade, sendo : Grande do Imperio, conselheiro de Estado, senador do Imperio, grande dignitario da ordem da Rosa, official do Cruzeiro, commendador da de Christo, gran-cruz de S. Januario de Napoles e da Imperial Turca de Medjidié de 1ª classe, Doutor, e primeiro visconde de Maranguape.

Juntava á elevada erudição, grande intelligencia, ameno e delicado trato.

Caetano Pinto de Miranda Montenegro.

Natural do Rio de Janeiro. Foi coronel do exercito, Grande do Imperio, gentilhomen da imperial camara, do conselho de S. M. o Imperador, commendador da ordem de Christo, cavalleiro da Rosa e do Cruzeiro.

Teve a medalha da divisão cooperadora da Boa Ordem; e a Insignia de ouro de distincção em combate.

Foi segundo visconde da Villa Real da Praia Grande, e forão seus pais os primeiros marquezes do mesmo titulo.

Falleceu nesta côrte a 11 de Fevereiro de 1851.

Candido Baptista de Oliveira.

Nasceu aos 15 de Fevereiro de 1801, na cidade de Porto-Alegre, provincia do Rio Grande; filho de Francisco Baptista Anjo e D. Francisca Candida de Oliveira.

Frequentou o seminario de S. José desta côrte, de 1817 a 1820, e não sentindo-se com vocação para o sacerdocio, partio para Coimbra nesse ultimo anno, onde tomou o gráo de bacharel formado em mathematicas em 1824.

De Coimbra passou-se a Lisbôa, e desta ci-

dade á Paris, onde chegou em Abril de 1825, e nella demorando-se cêrca de dous annos.

Regressando ao Rio de Janeiro em começo de 1827, foi immediatamente nomeado lente substituto da academia militar, sendo pouco depois proprietario da cadeira de mecanica racional.

De 1830 foi destrahido de seu ministerio para representar na assembléa geral sua provincia natal, e prestar serviços em outras importantes commissões.

Em 1831, retirado á sua provincia para recuperar a saude alterada, após as occurrencias extraordinarias que perturbárão o paiz, foi d'ahi chamado pouco tempo depois para occupar o importante emprego de inspector geral do thesouro, (creado por lei naquella occasião).

Na sessão de 1831 grandes forão os serviços que prestou ao paiz: o meio circulante, o padrão monetario, o valor do ouro, e outras muitas medidas uteis forão por elle sugeridas.

Foi nomeado ministro residente junto á côrte de Sardenha em 1836, e sendo exonerado um mez depois de sua chegada, retirou-se para Paris, onde conservou-se até meiado de 1837; sendo novamente chamado a occupar o lugar de inspector do thesouro.

Em 16 de Abril de 1839 foi chamado a gerir as pastas da fazenda e de estrangeiros.

Deixando o ministerio foi enviado em missão diplomatica a S. Petersburgo, onde conservou-se até 1843, em que foi mudado no mesmo character para Vienna.

Chamado pelo ministerio de 1844, depois de receber muitas provas de consideração daquelles dous governos, e a particular estima do conde de Nesselrode, e do principe de Metternich, veio de novo exercer o magisterio na academia militar.

A 22 de Maio de 1847 tomou a pasta da marinha em que prestou grandes serviços, sendo um dëlles a importante creação do corpo de *fuzileiros navaes*.

Deixando o poder em Março de 1848, foi encarregado de fazer o reconhecimento topographico da fronteira meridional do Imperio; trabalho este que realisou durante o anno de 1849.

Escolhido senador por sua provincia em 23 de Dezembro de 1848, foi nomeado director do Jardim Botânico em 1851.

Teve o titulo de conselho em 1832, e era commendador da Ordem de Christo e da Rosa; gran-cruz de Santo Estansláo, da Russia; veador de S. M. a Imperatriz, e 1º vice-presidente do instituto Historico Geographico do Brazil, e autor de grande numero de trabalhos litterarios entre os quaes avulta o seu *Systema Financial do Brazil*, impresso em S. Petersburgo.

Falleceu em 26 de Maio de 1865 a bordo do vapor francez *Peluse*, em viagem para a Europa, poucas horas antes de chegar á Bahia, onde o seu cadaver foi desembarcado.

Carlos Miguel de Lima e Silva.

Nasceu no Rio de Janeiro em 29 de Setembro de 1812, filho do marechal de campo Francisco de Lima e Silva, ex-regente do Imperio.

Assentou praça em Setembro de 1824, tendo apenas 12 annos, como 1º cadete do 2º batalhão de caçadores.

Concluidos seus estudos elementares, seguiu para a provincia de S. Paulo como alferes do estado-maior, e ajudante de ordens de seu pai, governador das armas da mesma provincia.

Voltando ao Rio de Janeiro foi escolhido para fazer parte do batalhão do Imperador, onde servio até a revolução de 7 de Abril de 1831.

Matriculado depois na academia militar, e sendo approvedo nas materias do 1º ao 5º anno, foi despachado addido de 1ª classe para a legação de Bruxellas, partindo para seu destino em fins de 1833, onde se conservou até Junho de 1842.

Havendo regressado á capital do Imperio depois de ter percorrido Londres, Paris, Roma,

Vienna e Lisboa, seguiu para a provincia de Minas-Geraes em Agosto de 1842, como ajudante de ordens de seu irmão o general duque de Caxias.

O major Carlos Lima distinguio-se muito no combate de Santa Luzia do Sabará, e mostrou muita bravura e agilidade.

Pouco depois seguiu com seu irmão para conseguir a pacificação da provincia do Rio Grande do Sul.

Tres annos de campanha, onde além do inimigo, se luta com os elementos, muito influirão sobre sua saúde, deixando de existir em 12 de Janeiro de 1846, na villa do Rio Pardo, na mesma provincia, victima de uma febre perniciososa.

Custodio Ferreira Leite.

Nasceu em 3 de Dezembro de 1782, na comarca do Rio das Mortes, provincia de Minas-Geraes, filho legitimo do sargento-mór José Leite Ribeiro e de D. Escolastica Maria de Jesus.

Foi um prestante cidadão, e seu maior elogio está na gratidão e religiosa veneração, que a seus manes dedica a população inteira da provincia de Minas-Geraes.

Era rico e morreu pobre, porque deu tudo o que tinha!

Numerosos e importantes fôrão os serviços que prestou a sua provincia, sem nunca apregoa-los.

Abrio a estrada da Policia de Iguassú a Minas; fez os aterrados do engenho do Bréjo; dirigio por annos os trabalhos das estradas da Sapucaya e do Feijão-crú; deu começo a diversas matrizes, cujos trabalhos dirigio; fomentou, já prestando sua pessoa, já abrindo sua bolsa, entre outras as igrejas da Barra-Mansa, Arrozal, Vassouras, Conservatoria, Valença e Sapucaia.

As presidencias do Rio e de Minas por vezes o encarregáão de commissões muito importantes, e que desempenhou com sacrificio.

Chão, modesto e lhano, elle era o juiz supremo nas partilhas, na divisão entre socios, na compostura de uma demanda, ou em soccorró da viuva espoliada e seus laudos erão venerados.

As ingratidões que soffreu não lhe fechárão os cofres, dava, dava, até que empobreceu.

Falleceu de uma congestão cerebral, no município do Mar de Hespanha, em sua provincia natal, em 17 de Novembro de 1859, sendo coronel da guarda nacional e barão de Ayuruoca.

D

Diogo Antonio Feijó (Padre).

Nasceu na cidade de S. Paulo, provincia do mesmo nome, em Agosto de 1784.

Sua mocidade nada offerece de importante ; tendo seguido os estudos ecclesiasticos, ordenou-se presbytero no anno de 1807.

Dedicou-se então á educação da mocidade da villa da Parahyba e em Campinas e Itú, ensinando rhetorica, philosophia racional e moral e grammatica latina.

Eleito por sua provincia deputado ás côrtes de Lisboa, Feijó tomou assento, naquelle congresso em 11 de Fevereiro de 1822.

Na sessão de 25 de Abril do mesmo anno nelle pronunciou um brilhante e animado discurso, defendendo os direitos de sua patria ameaçados pelas côrtes.

Com alguns outros companheiros embarcáron-se furtivamente para Falmouth, ondê, com data de 22 de Outubro de 1822, publicáron a formal declaração dos motivos de sua retirada.

De volta á patria, após o triste episodio da dissolução da constituinte, retirou-se ao seio de sua provincia e á vida privada.

Sua voz foi a unica que se ergueu para offerecer emendas á constituição projectada, e quasi unanimemente aceita pelas camaras municipaes ; sendo suas emendas offerecidas pela camara de Itú.

A primeira e segunda legislatura ordinaria, 1826 e 1830, o vírão em seu gremio.

Na notavel sessão de 1827 foi que Feijó propôz a abolição do celibato clerical, que em sua opinião, faz o fundo da immoralidade publica.

A revolução de 7 de Abril de 1831 o encontrou em sua provincia.

Em 4 de Julho de 1831, nomeado ministro da justiça, tomou medidas energicas, que requeria a melindrosa situação, e dissolveu os corpos indisciplinados ; suffocou a insurreição da ilha das Cobras (7 de Outubro de 1831) ; creou o corpo de municipaes permanentes (10 de Outubro de 1831) ; debellou os movimentos armados de 3 e 17 de Abril de 1832.

Intelligente e perspicaz, tinha a impassibilidade em meio do tumultuar das paixões e assim desarmava a anarchia.

Denunciado na sessão de 29 de Julho de 1831, por crime de responsabilidade, foi a denuncia julgada improcedente na sessão de 31 de Agosto do mesmo anno.

Retirou-se do ministerio em 26 de Julho de 1832, pela quéda no senado de sua proposta suspendendo o tutor imperial.

Deixando o poder, retirou-se á sua provincia, sendo então eleito e escolhido senador pela provincia do Rio de Janeiro em 5 de Fevereiro de 1833.

Annullada a eleição em 13 de Abril, foi novamente incluído na lista triplice e escolhido em 1º de Julho de 1833, e tomou assento na sessão de 15 do mesmo mez.

Eleito, por grande maioria, regente do Imperio, a 12 de Outubro de 1835, prestou no senado juramento como regente unico do Acto adicional.

Por Decreto de 11 de Outubro do mesmo anno fôra eleito bispo de Marianna, cuja honra declinou.

Tempestuosos fôrão os dias de sua suprema administração; o facho da discórdia dividio a familia brasileira.

Character rigido, não se acobardou diante dos perigos da situação, e vendo-se contrariado por mil obstaculos, resignou o mando supremo e dirigio aos Brasileiros o notavel manifesto de 19 de Setembro de 1837.

Retirando-se á sua provincia, empregou-se

em sua pequena lavoura, e na sessão de 1838 não compareceu pelo máo estado de sua saúde.

Em 1838 publicou uma importante declaração sobre suas opiniões religiosas.

O movimento de S. Paulo, em 1842, veio arranca-lo de seu retiro.

Esposando a causa da revolução, segue de Campinas a Sorocaba, onde é preso, conduzido a Santos, é, por ordem do governo, mettido em um vapor de guerra, e deportado violentamente sem saber para onde, sendo afinal deixado nas praias da Victoria, no Espirito-Santo, em Julho de 1842.

Ahi soffreu por seis mezes as amarguras do exilio, até que em Dezembro lhe foi permittido voltar para o senado, onde o esperava o processo contra elle instaurado como cabeça de rebellião.

Corre impressa a sua defesa, nova corôa de gloria, que fez publicar em 12 de Maio de 1843.

Falleceu na cidade de S. Paulo, em sua pequena casa á rua da Freira n: 11, ás 9 horas e 20 minutos da noite de 10 de Novembro de 1843.

O homem, que havia occupado em seu paiz os postos mais elevados, de bispo, senador, ministro e regente, finou-se obscuro, pobre e desconhecido em sua modesta casa.

O Decreto de 15 de Junho de 1841, concedera a Feijó a pensão de 4:000\$000 annuaes.

Domingos Borges de Barros.

Nasceu na Bahia em 1775.

Foi conhecido na republica das letras por suas poesias impressas.

Ainda possuindo aquella vivacidade de espirito e aquelle sal attico, tão raro em nossos dias, quando falleceu em 20 de Março de 1855.

Era gran-cruz do Cruzeiro; ex-ministro do Brazil em França; veador de S. M. a Imperatriz; grande dignitario da Rosa; senador pela provincia da Bahia em 19 de Abril de 1826, tendo tomado assento sete annos depois; primeiro barão e primeiro visconde da Pedra Branca.

Domingos Malaquias de Aguiar Pires Ferreira.

Nasceu em Pernambuco em 3 de Novembro de 1788; fôrão seus pais José Estevão de Aguiar e D. Maria do Sacramento Pires Ferreira.

Entrou no seminario de Olinda em 4 de Fevereiro de 1804, onde estudou humanidades no espaço de tres annos.

Em 1807 partio para Coimbra a estudar mathematicas, voltando a Pernambuco no segundo anno do curso, por se ter fechado aquella universidade em consequencia da invasão franceza.

Pouco depois de sua chegada áquella provincia, occupou-se por alguns mezes na secretaria do governo em fazer um trabalho de importancia a pedido do então governador Caetano Pinto de Miranda Montenegro, sem perceber a menor remuneração.

Em 1816 foi nomeado ajudante do administrador da estiva da alfandega da mesma provincia.

Em 1817, retirou-se para os Estados-Unidos em consequencia da revolução pernambucana, partindo um anno depois para a Inglaterra e França, onde deu um curso de sciencias naturaes no collegio de França e Jardim das Plantas, então denominado: *Jardin du Roi*.

Voltando á sua cidade natal em 1820, recebeu por consorte sua prima D. Joaquina Angelina.

Em 7 de Junho de 1821 foi eleito deputado ás côrtes constituintes de Portugal, d'onde voltou em 1823, depois de cumprir conscienciosamente o seu mandado.

Nomeado presidente das Alagôas em 1823, não aceitou.

Em 1825 foi eleito deputado á assembléa geral pela sua provincia.

Em 20 de Outubro de 1825 foi condecorado com a commenda de Christo; em 20 de Abril

de 1849 com o officialato da Rosa, e em 2 de Outubro de 1855 foi nomeado barão de Cimbres, recebendo as honras de grandeza em 2 de Dezembro de 1856.

Falleceu a 10 de Dezembro de 1859, tendo vivido como cidadão modesto, respeitador das leis, e amante da prosperidade da sua patria.

Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto.

Nasceu na provincia de Pernambuco em 1790.

Foi professor de cirurgia da escola de medicina do Rio de Janeiro, talento vigoroso, arruando seus discipulos com os jorros de eloquente erudição emanados de seus labios.

A seu afadigamento se deve em grande parte e realização da creação da escola de medicina desta côrte, cujos primeiros estatutos fôrão impressos á sua custa, e mandada installar por Decreto de 3 de Outubro de 1832; sendo então lente de physiologia e seu director, lugar que servio seis annos com grande proveito para as sciencias.

Morreu pobre, deixando porém um nome respeitado na patria e no estrangeiro.

Era barão de Iguarassú; do conselho de S. M.; fidalgo cavalleiro; official-mór da Casa Imperial; commendador da ordem de Christo; official da Rosa; medico da Imperial Camara; doutor

em medicina pela faculdade de Paris; ex-cirurgião-mór do Imperio; ex-director da escola de medicina; lente jubilado da mesma; membro correspondente da Academia Imperial de Medicina de Paris, e de varias sociedades scientificas da Europa.

Falleceu em 29 de Abril de 1846, e jaz sepultado na capella da Ordem terceira do Monte do Carmo.

E

Estevão Ribeiro de Rezende.

Nasceu em S. José d'El-Rei, provincia de Minas, em 20 de Julho de 1777; fôrão seus pais o coronel Severino Ribeiro de Rezende e D. Josepha Maria de Rezende.

Formado em Coimbra e despachado juiz de fóra de Palmella, teve de fugir á invasão franceza de Junot, e recolheu-se ao berço natal.

D. João VI o nomeou para crear o lugar de juiz de fóra da cidade de S. Paulo, e depois fiscal dos diamantes no Sérro Frio; ajudante do intendente geral da policia da côrte, já na categoria de desembargador da casa da relação.

Grandes e valiosos fôrão seus serviços na

época da independencia, especialmente sua viagem a Minas em 1822 em companhia de D. Pedro I, como ministro de todas as pastas.

Deputado á constituinte brasileira por aquella provincia, seu nome figura nos mais importantes actos e projectos legislativos daquella época.

Foi ministro do Imperio em 1824, e da justiça em 1827.

O Sr. D. Pedro I fê-lo conselheiro de Estado, barão com grandeza e conde de Valença.

O Sr. D. Pedro II gran-cruz do Cruzeiro; grande dignitario da Rosa e marquez do mesmo titulo.

Foi escolhido senador por Minas em 19 de Abril de 1826; e falleceu nesta côrte a 8 de Setembro de 1856.

A historia patria proclamará um dia os grandes e importantes serviços de tão benemerito cidadão.

Era o decano do senado e o ultimo membro do extincto Desembargo do Paço.

Euzebio de Queirós Coitinho Mattoso Camara.

Nasceu a 27 de Dezembro de 1812 em S. Paulo de Loanda; filho do conselheiro Euzebio de Queirós Coitinho da Silva e sua mulher.

Tinha tres annos quando chegou ao Rio de Janeiro, e aos seis foi levado ao Sérro do Frio (Minas) onde aprendeu primeiras letras, e depois de uma brilhante carreira academica em que muitas vezes fôra laureado, apesar das perturbações politicas de 1832 que fechou a academia de Olinda, tomou o gráo de bacharel formado em Setembro, e aos 20 de Outubro chegou ao Rio de Janeiro.

A 9 de Novembro do mesmo anno foi nomeado juiz do crime do bairro do Sacramento desta côrte, e juiz de fóra em 24 de Novembro do dito anno, tendo 20 annos incompletos!

Em 19 de Março de 1833, contando apenas 21 annos, foi nomeado juiz de direito e chefe de policia da côrte, cargo em que prestou grandes serviços.

Em 1835 casou-se com a Ex.^{ma} Sra. D. Maria Custodia Ribeiro de Oliveira Queirós.

Em Março de 1842 foi nomeado desembargador da relação do Rio de Janeiro.

Ministro da justiça em 29 de Setembro de 1848, sendo deputado.

Deputado provincial em 1838; deputado geral em 1840; reeleito em 1842; e em 1843, que fôra dissolvida a camara, voltando de novo em 1848, reeleito d'ahi em diante constantemente, foi eleito e escolhido senador em 16 de Maio de 1854.

No cargo de chefe de policia, então sem attribuições algumas, prestou relevantissimos serviços ao paiz, reprimindo o fabrico de moeda falsa; os ladrões que infestavão as ruas mais frequentadas, e foi um dos que mais concorreu para a extincção do trafico de africanos.

Tendo occupado por largo tempo a mais eminente posição do paiz, falleceu em 7 de Maio de 1868.

F

Feliciano José Rodrigues Prates (Dom).

Nasceu em 1781. Falleceu em 27 de Maio de 1858.

Era homem de virtudes, e a diocese perdeu muito.

Não deixou riqueza porque era em extremo esmoler; amado por todos, seu passamento enlutou toda a provincia do Rio Grande do Sul, d'onde era bispo.

Estabeleceu um seminario em seu proprio palacio, que sustentou á sua custa

Foi alferes-capellão reformado e dignitario da Rosa, quando falleceu.

Frei Francisco do Mont'Alverne.

Chamado no seculo Francisco José de Carvalho, nasceu no Rio de Janeiro em 9 de Agosto de 1784; erão seus pais João Antonio da Silveira, natural da ilha do Pico; e D. Anna Francisca da Conceição, natural da freguezia de N. Senhora da Guia, do Rio de Janeiro.

Depressa aprendeu humanidades, e desejando viver no claustro, entrou para o convento de Santo Antonio em 28 de Junho de 1801, sendo provincial Frei Antonio de S. Bernardo Monção.

Professou em 3 de Outubro de 1802, depois de um anno de noviciado severo.

Em 1804 partio para S. Paulo para receber as lições dos sabios theologos do collegio de sua ordem, sendo então revestido das ordens sacras pelo bispo d'aquella diocese D. Matheus Abreu Pereira.

Em 1810 foi eleito prégador, substituto de philosophia e oppositor da cadeira de theologia; em 1813 lente de philosophia do collegio de S. Paulo; em 1816 lente de prima do mesmo collegio, e em 17 de Outubro do mesmo anno obteve o titulo de prégador régio.

O bispo D. José Caetano o nomeou professor

de philosophia do seminario de S. José, onde leccionou até 1836.

Em 20 de Setembro de 1813 foi nomeado examinador da mesa de consciencia e ordens, em 18 de Novembro do mesmo anno, theologo da nunciatura apostolica.

Em 1819 guardião do convento da Penha; em 1824 secretario da provincia, e em 1825 custodio da mesa.

Foi examinador synodal; membro correspondente do Instituto Historico de França.

Mont'Alverne, com o prodigio de sua eloquencia, com sua imaginação viva e fecunda, com o seu gesto animado, com a sua voz repassada de unção e verdade, dava uma belleza e magestade aos seus sermões, que o povo o ouvia em profundo silencio, e só era interrompido para dar lugar aos applausos que acompanhavão o sublime orador até ao retiro de sua cella!

A amaurosis veio tirar-lhe a vista, deixando-lhe o brilho dos olhos; doze annos viveu encerrado no quadrado de sua cella, abandonado por todos, que julgavão apagada aquella intelligencia em meio das trévas em que ha doze annos vivia o sacerdote de Christo.

A cegueira obrigou-lhe a deixar o pulpito e

a cadeira ; foi jubilado lente do seminario de S. José em 21 de Abril de 1841.

Em 1847 o Instituto Historico Brasileiro o nomeou seu Membro honorario ; em 1848 recebeu igual honra da sociedade Amante da Instrucção.

Em 10 de Dezembro de 1848 celebrou a sua sessão inaugural a Sociedade Litteraria — *Ensaio Philosophico* — e convidando Mont'Alverne para assistir a essa festa litteraria, offerecerão-lhe uma corôa de louros.

Foi uma scena tocante e sublime ; o distincto cêgo derramando lagrimas de gratidão, improvisou um discurso admiravel, pela poesia, e pela eloquencia !

Em 1850 o Santo Padre concedeu-lhe o direito de poder ser definidor, representar no capitulo da ordem, e assignar de chancellia.

Em 1851 a S. L. — *Emulação Philosophica* — o proclamou seu presidente perpetuo .

A pedido de S. M. o Imperador, subio ao pulpito da capella Imperial em 19 de Outubro de 1854.

O seu discurso foi magnifico, desde o exordio até a peroração : encantou a todos a poesia do estylo, a grandeza das imagens, a erudição e sentimento do orador.

A 15 de Agosto de 1855, ainda a pedido

do monarcha, elle orou na igreja de N. Sra. da Gloria do Outeiro.

A 4 de Outubro do mesmo anno foi honrado com a visita de S. M. o Imperador em sua cella.

No dia 2 de Dezembro de 1858 falleceu, ás 11 horas da noite, na cidade de Nictheroy; no dia 4 foi seu corpo transportado para esta côrte, na galeota imperial, depois de embalsamado pelo Dr. Peixoto, medico notavel.

Foi solemne o seu enterro.

Publicou durante sua vida os seus sermões, que são um padrão de gloria para o paiz. (*)

Sobre a lapida que cobre seu sepulcro, no claustro do seu mosteiro, lê-se esta inscripção:

O M. R. PADRE MESTRE JUBILADO
INSIGNE ORADOR
FREI FRANCISCO DE MONT'ALVERNE
FALLECIDO A 2 DE DEZEMBRO DE 1858.

Frei Francisco de Santa Thereza de Jesus Sampaio.

Nasceu no Rio de Janeiro, em Agosto de 1778; fôrão seus pais o negociante Manoel José de Sampaio e D. Helena da Conceição.

(*) Em casa de E. & H. LAEMMERT.—No Rio de Janeiro.

A 14 de Outubro de 1793 tomou o habito de religioso Franciscano, no convento da ilha do Senhor Bom Jesus.

Dirigio-se a S. Paulo onde applicou-se ás doutrinas philosophicas, ensinadas no convento de sua ordem na mesma cidade.

Recebeu em 1802 o diploma de lente de theologia e mestre de eloquencia sagrada, sendo apenas presbytero.

. Sua exemplar conducta o fizeram guardião, secretario da visita da provincia, e definidor de mesa, em que mui util foi á sua ordem.

D. João VI o nomeou pregador da sua real capella em Agosto de 1808, e o escolheu para examinador da mesa da consciencia e ordens.

A real academia das Bellas Letras de Munich, apreciando seu talento e eloquencia, enviou-lhe o diploma de socio.

Em 1813 foi nomeado censor episcopal; e em 19 de Novembro de 1824 deputado da Bulla da Santa Cruzada.

Frei Sampaio, depois de ter honrado a cadeira sagrada de todos os nossos templos, falleceu no seu convento no Rio de Janeiro em 13 de Setembro de 1830, tendo pouco mais de 52 annos.

A sua voz forte e clara, a sua figura nobre e expressiva, a sua eloquencia facil e fecunda, e o seu gesto imponente e grave davão aos seus

sermões tanta magestade e belleza, que a voz do orador era sempre ouvida debaixo de profundo silencio.

Foi considerado em seu tempo o primeiro pregador sagrado.

Seu retrato, feito pelo artista Tirone, foi collocado em uma das salas do convento de Santo Antonio em 13 de Junho de 1860, dia da festa do Orago do mosteiro.

Francisco Alvares Machado e Vasconcellos.

Nasceu na capital da provincia de S. Paulo, a 21 de Dezembro de 1791:— fôrão seus pais o cirurgião-mór Joaquim Theobaldo Machado e Vasconcellos e D. Maria Alvares da Silva Bueno, ambos naturaes daquella provincia.

Em 1806 era inscripto com praça de ajudante de cirurgia na legião de voluntarios daquella provincia, depois de ter ouvido as sábias lições de seu pai: poudé ouvir tambem as lições do Dr. Mariano José do Amaral, então physico-mór, e pedio demissão desse corpo em 1809.

Em 1812, já tendo completado seus estudos, estabeleceu-se em Itú, onde se consorciou com D. Candida Maria de Barros, e desse matrimonio houve uma filha.

Em 1814 recebeu a carta patente de cirurgião-mór do 1º regimento de segunda linha.

Deputado geral desde a primeira legislatura, ahí estão nos registros da camara electiva e nas publicações dos debates da tribuna o testemunho mais solemne, as provas mais authenticas de sua capacidade parlamentar.

Nomeado presidente da provincia do Rio Grande do Sul, no momento em que mais cerada era a luta, em 1840.

Durante a sua presidencia, é que a rebelião foi deslocada vigorosamente de suas posições.

Sentindo-se prostrado pela molestia é pelos desgostos, pedio e obteve exoneração dessa presidencia, e com ella recebeu o officialato do Cruzeiro, e a nomeação de medico honorario da Imperial Camara.

A dissolução prévia da camara de 1842, o desgosto de vêr seus amigos presos e expatriados, o levárão ao leito da dôr, prostrado, pela segunda vez, por um mal terrivel, fallecendo em 4 de Julho desse mesmo anno.

Francisco Antonio de Oliveira.

Nasceu na cidade do Recife, provincia de Pernambuco, a 21 de Setembro de 1788; fôrão seus pais Francisco de Oliveira Guimarães e D. Maria Joaquina da Conceição e Oliveira.

Era proprietario e capitalista na praça de Pernambuco.

Nas phases mais criticas por que passou Pernambuco desde 1817 até seu fallecimento, seu nome figurou sempre entre os dos propugnadores da ordem.

Foi por mais de vinte annos membro da municipalidade de sua provincia.

Foi um dos fundadores da Associação Commercial; da companhia do Beberibe; do theatro publico; do banco commercial; e do cemiterio publico, emprezas estas, daquella provincia.

Foi casado em segundas nupcias com D. Anna Josephina Pereira Pinto, e em primeiras com D. Maria Gertrudes Carneiro, deixando sete filhos, tres do primeiro matrimonio e quatro do segundo.

Era commendador de Christo e barão de Beberibe, quando falleceu em 24 de Setembro de 1855.

Francisco Cordeiro da Silva Torres.

Nasceu em 1755. Formou-se em mathematicas no collegio dos Nobres em Lisboa.

Foi mandado ao Rio de Janeiro para crear a escola militar.

Ministro da guerra, no reinado do Sr. D. Pe-

dro I, no fim de oito dias pediu sua exoneração dizendo:— Senhor, um cordeiro não serve para a guerra.

Falleceu em 8 de Maio de 1856 nesta côrte, sendo:— conselheiro de Estado ordinario; do conselho de S. M. o Imperador; veador de S. M. a Imperatriz; marechal de campo; lente jubilado da academia militar; doutor em mathematicas; inspector geral e fundador da caixa da amortização; presidente perpetuo da sociedade Auxiliadora da Industria Nacional; vice-presidente do Instituto Historico Brasileiro; e de mais oito sociedades scientificas nacionaes e estrangeiras; grande dignitario da Rosa; commendador de S. Bento de Aviz; official do Cruzeiro, e visconde de Inhomerim.

A sociedade Auxiliadora da Industria Nacional mandou erigir seu busto em uma de suas salas, em signal de gratidão por seus valiosos serviços.

Francisco José da Rocha.

Nasceu na cidade do Porto, de onde veio em tenros annos.

Cidadão prestante, e commerciante abastado, por mais de 67 annos exerceu com honra e distincção a profissão que abraçára.

Foi encarregado de importantes e onerosas commissões, que sempre desempenhou com o maior zelo, honradez e desinteresse, tendo tido a felicidade de merecer a estima de quantos o tratarão de perto, e especialmente a do fundador do Imperio, que o honrou com o officialato das imperiaes ordens do Cruzeiro e Rosa.

S. M. o Sr. D. Pedro II, continuando a dispensar-lhe igual estima, nomeou-o fidalgo de sua Imperial Casa, e conferio-lhe o titulo de barão de Itamaraty com grandeza.

Era o decano do corpo commercial desta praça, quando falleceu a 6 de Julho de 1853, sem deixar um inimigo.

Francisco José de Souza Soares de Andréa.

Nasceu em Lisboa a 29 de Janeiro de 1781.

Assentou praça voluntario em 14 de Dezembro de 1796, e foi reconhecido cadete em Fevereiro de 1797.

Estudou os cursos completos de marinha e engenharia, em que foi sempre approved; fez a campanha de 1801 em Portugal.

Chegou ao Rio de Janeiro em Junho de 1808, e foi empregado no archivo militar; encarregado do destacamento da quinta da Boa-Vista;

nivelamento da cidade; e planta da Copacabana, e preparou as picadas para a actual estrada do Commercio.

Em 1817 commandou em Pernambuco a brigada de engenheiros; foi encarregado do reconhecimento da provincia; da organização dos corpos de 1ª e 2ª linha.

Em 1820 foi nomeado pelo conselho supremo militar delegado do commissario das fortalezas daquela provincia.

Em 1822 acompanhou o general Joaquim Xavier Curado ao quartel-general de S. Gonçalo, por occasião da revolta do general portuguez Jorge d'Avillez.

No mesmo anno foi nomeado para ir fortificar a provincia de Santa Catharina.

Em 1826 servio no exercito do sul como ajudante-general e assistio á batalha de Itosaingo em 20 de Fevereiro de 1827.

Em 1828 foi encarregado de fortificar a barra do Rio Grande do Sul, e dar projecto para um pharol.

Foi encarregado de fortificar a cidade do Rio Grande, de que foi commandante.

Em 1829 foi commandante das forças brazileiras em Montevideo; nesse mesmo anno foi tomar conta do commando das armas de Santa Catharina.

Em 1830 foi commandante das armas do Pará; em 1836 presidente e commandante das armas da mesma provincia; em 1839, nos mesmos caracteres, restaurou a provincia de Santa Catharina.

Em 1840 seguiu para o Rio Grande; em 1842 commandante do corpo de engenheiros; e presidente de Minas logo após a rebelião, acalmou os animos.

Em 1844 foi presidir a provincia da Bahia; em 1850 presidente da commissão de classificação dos officiaes do exercito; em 1852 presidente da commissão de promoções; em 1854, seguiu para o Rio Grande do Sul como presidente da commissão de demarcação de limites com o Estado Oriental.

E nesta commissão falleceu em 2 de Outubro de 1858, depois de quatro annos de serviço, sendo: marechal de exercito; conselheiro de estado e guerra; grã-cruz de S. Bento de Aviz; official do Cruzeiro; dignitario da Rosa e barão de Caçapava.

Francisco Julio Xavier.

Nasceu no Rio de Janeiro em 16 de Fevereiro de 1809; era seu pai o Dr. Francisco Julio Xavier.

Julio Xavier estudou o francez com João Cae-

tano Moreira; o latim com o padre Paradella; philosophia com o professor Florencio, e em 1823 entrou para a academia medico-cirurgica.

Seu talento, sua feliz memoria derão-lhe um lugar honroso entre os seus collegas; depois de quatro annos de frequencia nesta academia, dirige-se a Paris em 1827, onde, apresentando uma these sobre a *Hepatite*, obteve o gráo de doutor pela academia de Paris.

Em 1830 chega á sua patria e entra em concurso para a cadeira de partos da escola em que fôra discipulo; apezar dos brilhantes talentos com que esteve em concurrencia, a elles sobresaheo, sendo nomeado em 22 de Abril de 1833.

O distincto operador Dr. Luiz da Cunha Feijó, e a parteira M.^{me} Durocher, são discipulos que lhe fazem honra.

Por muitas vezes leccionou sciencias naturaes aos alumnos do 1º anno.

Membro da Imperial Academia de Medicina, onde entrou em seus debates scientificos, fez publicar bellos trabalhos no *Jornal do Commercio*; apresentou duas luminosas memorias em 1843 sobre a *Escarlatina*, em 1850 sobre a *Febre amarella*.

Occupou em duas legislaturas uma cadeira na assembléa provincial do Rio de Janeiro.

Era cavalleiro da Ordem da Rosa, socio da sociedade Amante da Instrucção, e por algum tempo medico dos expostos da Santa Casa da Misericordia.

Em 1850 appareceu nesta côrte a medonha febre amarella ; quando a peste assolando um paiz a terra e compunge a humanidade, vê-se um homem que, esquecendo-se de si, torna-se a unica esperança dos desgraçados : esse homem é o medico.

E o Dr. Julio Xavier foi um medico assim, em meio dos seus collegas.

No dia 8 de Dezembro desse anno, estando de boa saude, sentio-se incommodado e recolheu-se á casa, e ahi rodeado de amigos exhalou o ultimo alento.

Quando se propalou a noticia da morte do Dr. Julio foi excessiva a dôr de seus amigos, e a consternação geral.

Morreu excessivamente pobre, fim este dos apostolos da caridade, e a caridade de seus amigos velou na decencia de seu enterro, e a delles, consorciada com a do Imperador e da Imperatriz, na educação de seus filhos.

Tres dias depois do seu fallecimento publicou-se o decreto que lhe dava o officialato da Rosa, pelos serviços prestados durante a epidemia.

**Francisco de Lemos de Faria Pereira
Coutinho.**

Nasceu em Santo Antonio de Jacótinga, provincia do Rio de Janeiro, a 5 de Abril de 1735.

Em 1746, com 11 annos de idade, partio para a Europa; a 30 de Junho de 1752 entrou para o collegio dos militares como pensionista; passou a collegial a 6 de Setembro de 1754; a 24 de Outubro seguinte se graduou em canones, contando apenas 19 annos.

Seguiu a vida academica, foi oppositor, e a 31 de Julho de 1761 sahio reitor do collegio militar.

A 29 de Agosto de 1767 lhe foi conferido o lugar de juiz geral das ordens militares; a 18 de Janeiro de 1768 foi nomeado desembargador da casa da supplicação, a 29 do mesmo mez é promovido para o tribunal da inquisição em Lisboa, a 22 de Abril é nomeado para a mesa censoria, sendo no fim desse mesmo anno nomeado vigario capitular de Coimbra, de cujo lugar passou a reitor da Universidade em 14 de Maio de 1770.

Como reitor fez parte da grande commissão reformadora da dita Universidade, presidida pelo famoso marquez de Pombal.

No fim dos trabalhos dessa' commissão foi agraciado com a carta de conselho, e a 11 de Setembro de 1772 é provido no lugar de reformador reitor, bispo de Zenopola e futuro successor no bispado, cujo baculo lhe foi entregue pouco depois, por fallecimento do respectivo bispo, pedindo, por incompatibilidade julgada em seu espirito, demissão de reformador reitor.

Em 1777 assistio á acclamação de D. Maria I, e em 1799 é de novo reformador reitor.

Pela invasão franceza em Portugal em 1808, é em Março mandado á Bayona como um dos deputados de Junot, onde conferenciou com Napoleão; sobrevindo a expulsão dos Francezes, obtem licença para se retirar e chega a Portugal em 9 de Novembro de 1810.

Em 1811 é restituindo a seu bispado e demais empregos.

Em 21 de Setembro de 1821 passa a descansar retirando-se á sua quinta de S. Martinho.

Foi o creador do museu da historia natural; do gabinete de physica experimental; do laboratorio anatomico; da officina typographica; fez construir o observatorio astronomico, e deu principio ao jardim botanico, tudo isso em Por-

tugal, que muitos outros importantes melhoramentos lhe deve.

Em seus ultimos annos foi eleito deputado ás côrtes, porém não poudé tomar assento, porque falleceu a 22 de Abril de 1822.

Genio vasto e profundo, foi util ao sacerdocio, util á patria; como pastor servio á igreja, honrou o baculo; como sabio, chefe e protector das letras.

Francisco de Lima e Silva.

Nasceu no Rio de Janeiro a 8 de Julho de 1785: filho legitimo do marechal José Joaquim de Lima e Silva e de D. Joanna Maria da Fonseca e Costa.

Assentou praça na idade de cinco annos, segundo o uso, como cadête no regimento de Bragança, onde seguio todos os postos até o de substituir seu pai no commando do mesmo batalhão.

Na época da independencia relevantissimos fôrão seus serviços, e muito lhe deve a cidade do Rio de Janeiro.

Na revolta pernambucana de 1824 foi escolhido o brigadeiro Lima e Silva para mandar a brigada expedicionaria, e presidente

interino da provincia e da commissão militar, creada por carta de 27 de Julho de 1824.

Por meios generosos e verdadeiramente patrioticos e humanitarios pacificou a provincia.

De volta de Pernambuco, estando de semana no paço de S. Christovão como veador da Santa Imperatriz Leopoldina, coube-lhe a honra de apresentar em seus braços á côrte o Sr. D. Pedro II, que acabava de nascer em 2 de Dezembro de 1825.

Mandado para S. Paulo em 1828 como governador das armas, alli correu perigo de vida no dia 12 de Outubro.

De fins de 1829 até 9 de Dezembro de 1830 foi commandante das armas interino da côrte, e novamente nomeado para S. Paulo, para onde não voltou por ter sido nomeado em 13 de Março de 1831 para a capital da provincia do Rio de Janeiro, lugar que deixou no dia 7 de Abril, por ter sido eleito membro da regencia interina.

Na eleição da regencia permanente ninguem pretendeu o seu lugar.

O decreto de abdicação, entregue em suas mãos, foi por elle lido em meio do campo de Sant'Anna, onde, rodeado pelos amigos da Constituição, proclamou Imperador do Brasil o Sr. D. Pedro II.

Em 12 de Outubro de 1835 entregou a regencia do Imperio ao padre Diogo Antonio Feijó, sem deixar uma só queixa.

Escolhido senador pelo Rio de Janeiro em 16 de Março de 1837.

As camaras lhe concederão unanimemente uma pensão vitalicia, igual á metade do subsidio que recebia.

Retirado á vida domestica, o homem que occupava os mais altos empregos, que teve em suas mãos o destino do Imperio, e senhor de uma revolução, morreu pobre e foi enterrado, pela irmandade da Cruz dos Militares.

Falleceu no dia 2 de Dezembro de 1853.

Nos despachos que houverão pela sagração foi nomeado *Barão da Barra Grande*, sem grandeza: não aceitou, e preferiu morrer com o titulo de *Regente do Imperio*.

Era grã-cruz do Cruzeiro, e tinha a medalha de ouro dos que pugnárão pela integridade do Imperio.

Francisco Mariano de Viveiros Sobrinho.

Nasceu em 1819, na provincia do Maranhão.

Deputado á assembléa geral por esta provincia, foi uma de suas maiores influencias politicas como membro do partido conservador, do qual foi, desde 1848, chefe regulador.

Bom cidadão, bom pai de familia, falleceu a 10 de Janeiro de 1860, na cidade d'Alcantara, na provincia do Maranhão, com 41 annos de idade, sendo fidalgo cavalleiro da casa imperial, e barão de S. Bento, deixando amargurados e saudosos sua familia e numerosos amigos.

G

Gregorio de Mattos.

Nasceu na cidade da Bahia em 7 de Abril de 1623 ; forão seus pais Pedro Gonçalves de Mattos, portuguez, e D. Maria da Guerra, bahiana.

Erão seus pais bastante ricos, sendo elle o terceiro filho ; feitos os seus primeiros estudos na Bahia, passou-se á Coimbra, onde começou a manifestar seu talento, com especialidade na poesia satyrica.

Doutorou-se na faculdade de leis, e depois de praticar em Lisbôa com um letrado de fama, servio o lugar de juiz de crime, e tambem o de orphãos.

Recusando vir ao Rio de Janeiro para de-
vassar os crimes de Salvador Corrêa de Sá e
Benevides, perdeu desde então a graça de D.

Pedro II, então Príncipe regente, que lhe havia dispensado o seu agrado desde a sentença por elle proferida em 2 de Novembro de 1671, e que se vê no L. 1.º tit. 87 § 24, no tomo 7.º das Ordenações.

Descontente deixa a côrte, regressa á patria, provido a thesoureiro-mór de cathedral, e o primeiro arcebispo da Bahia D. Gaspar Barata o nomeia tambem vigario geral. Em 1681 entrou a exercer, de ordens menores, os encargos que trouxêra da côrte, trajando habito secular em todo o tempo livre das obrigações ecclesiasticas, o que deu lugar a sua ruina na estimação dos governadores do bispado.

Instado para receber ordens, afim de poder continuar a exercer os cargos, recusou, o que deu lugar a se lhe tirar a murça e a vara.

Casou-se então com Maria de Povos, viuva formosissima, porém pobrissima; voltou de novo á banca de advogado e apezar de seu muito saber e felicidade, nada obteve por seu extremo deleixo, satyra e originalidades, não escapando a ellas sua propria mulher, que retirára-se á casa de seu tio, que procurando reconcilia-los, teve de sujeitar-se a uma exigencia originalissima que foi de ser sua mulher conduzida por um capitão do mato, a quem gratificou, e a baptisar seu

filho com o nome de Gonçalo, para ficar sendo sua casa a de Gonçalo.

Intrigas e animosidades movidas por suas muitas satyras, o levárão a refugiar-se pelo interior da provincia, sendo finalmente preso e deportado para Angola pelo governador D. João de Alencastre, secreto admirador de suas valentias poeticas, e por ellas em extremo magoado.

Sua dôr e desespero nessa forçada viagem só erão mitigados pela musica, que elle insignemente professava, tangendo com especial gosto uma viola, que sempre o acompanhava.

Em Angola deu-se outra vez á Advocacia; e por alguns serviços que prestou ao Governador em uma rebellião, foi-lhe consentido passar-se áquella capitania, governada então por Caetano de Mello e Castro, cuja presença demandou, o qual condoido de o vêr tão perseguido e pobre, lhe fez presente de uma bolça bem provida, determinando-lhe que cortasse os bicos da penna se o queria ter por amigo.

Cahio mortalmente enfermo de febres, não quiz ouvir os conselhos do vigario de Cropo Santo, que veio para dispô-lo a bem morrer.

Morreu por fim, arrependido de suas extravagancias, nos braços do caridoso prelado D. Francisco de Lima, que o veio soccorrer espiritualmente; seu corpo foi sepultado com muita

honra no hospicio de Nossa Senhora da Penha dos capuchinhos Francezes, no mesmo dia em que chegavão as noticias da restauração do famoso Palmar.

A sua morte foi em 1696, com 73 annos de idade, deixando de seu consorcio um só filho, Gonçalo de Mattos, que não herdou o estro de seu pai.

Suas poesias correm manuscriptas em seis grossos volumes em 4º, porém são ellas demasiadamente desenvoltas.

H

Henrique Luiz de Niemeyer Bellegarde.

Nasceu em Lisboa em 12 de Outubro de 1802, filho legitimo do capitão Candido Norberto Jorge de Bellegarde e D. Maria Niemeyer.

Contava 5 annos quando se passou ao Brasil com seus pais, na nau que conduzio D. João VI.; aos 7 annos perdeu seu pai.

Ainda muito jovem sentou praça voluntaria no corpo de Artilharia, seguindo com distincção os estudos mathematicos.

Aos 15 annos foi promovido a official; em

1820 a 1º tenente; e em 1821 a capitão ajudante do Governador de Moçambique.

Voltando em 1822 adherio a Independencia do Imperio e concluindo seus estudos na Academia Militar, sendo já engenheiro, foi empregado nas fortificações da capital.

Em 1825 foi estudar na Europa por ordem do governo, e em tres annos que alli se demorou foi graduado bacharel em letras, obteve carta de engenheiro geographo.

Em 1828 chamado á côrte foi empregado em diversas commissões e promovido a major.

Em 1831 publicou o seu *Resumo da Historia do Brasil* ampliando a de Mr. Ferdinand Denis, fazendo em 1834 a sua segunda edição.

A construcção do pharol de Cabo Frio, os melhoramentos da barra desse mesmo cabo; as pontes da cidade de Campos, Itajurú; os canaes de cacimbas do Ururahy e Maricá e outras muitas obras importantes são devidas ao seu intelligente esforço, e á sua dedicaçào.

Uma febre perniciososa cortou-lhe a vida em poucos dias na cidade de Cabo Frio, baixando ao sepulchro cheio de serviços e honra, em 21 de Janeiro de 1839.

Henrico Hermeto Carneiro Leão.

Nasceu na provincia de Minas Geraes, villa de Jacuhy, em 11 de Janeiro de 1801; era filho legitimo do coronel Nicoláo Netto Carneiro Leão e de sua primeira mulher D. Joanna Severina Augusta Lemos.

Partio para Coimbra em 1820, onde tomou gráo de bacharel em direito em 1825.

Nomeado Juiz de Fóra de S. Sebastião em 1826, servio depois os lugares de auditor de marinha e ouvidor do Rio de Janeiro, e no fim de tres a quatro annos de exercicio foi elevado a desembargador da Relação de Pernambuco com exercicio na desta côrte, e quando devia entrar para o tribunal de justiça, havendo incompatibilidade, aposentou-se.

Foi eleito deputado por Minas á legislatura de 1830 em que representou um brilhante papel no memoravel 30 de Julho de 1830, o que resultou sua entrada no gabinete organizado em Setembro desse anno após o ministerio de quarenta dias.

Como presidente da provincia do Rio de Janeiro distinguio-se combatendo a rebellião de 1842.

Foi ministro da justiça e de estrangeiros no gabinete de 20 de Janeiro de 1843.

Presidente de Pernambuco em 1849 alli prestou relevantes serviços á causa publica, como na sua missão ao rio da Prata em 1851.

Teve o officialato do Cruzeiro em 10 de Agosto de 1841; e grã-cruz da de Christo em 18 de Março de 1851; grã-cruz da Conceição, de Portugal, em 26 de Janeirò de 1856; Visconde de Paraná em 10 de Julho de 1852; e de Marquez do mesmo titulo em 5 de Dezembro de 1854.

O ministerio de 5 de Setembro de 1853, o ultimo por elle organizado, é historia contemporanea que todos conhecem; nelle realisou o grande pensamento da conciliação proclamado do alto do throno, sendo iniciador de uma nova politica.

Falleceu em 3 de Setembro de 1856, sendo presidente do conselho; ministro da fazenda; senador do imperio, conselheiro de estado, ministro do supremo tribunal de justiça, official da ordem do Cruzeiro, grão-cruz da de Christo, da Aguia Branca da Russia, da ordem militar da Conceição de Villa Viçosa, provedor da Santa Casa de Misericordia desta côrte.

I

Irenêo Evangelista de Souza.

Filho legitimo de João Evangelista de Souza e sua mulher D. Marianna de Souza e Silva, nasceu a 28 de Dezembro de 1813, no Arroio Grande, districto de Jaguarão, provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul.

Veio para esta côrte em 1822, estrêando a sua carreira commercial no anno de 1825 como caixeiro do negociante Antonio José Pereira d'Almeida.

Em 1829 entrou para a casa de Ricardo Carruthers da qual foi socio em 1º de Janeiro de 1836.

Em 1840 fez uma viagem á Europa e regresando em 1841, casou-se em 11 de Abril desse mesmo anno com sua sobrinha D. Maria Joaquina de Souza.

No anno de 1846 fez aquisição do estabelecimento da Ponta da Arêa, elevando-o ao gráo de prosperidade que todos admirão ; nesse mesmo anno foi eleito presidente da praça do commercio, e teve a mercê do habito de Christo.

Em 1847 organisou o companhia de reboques *Rio-Grandense.*

Em 24 de Janeiro de 1850 teve o officialato da Rosa, na qual foi elevado a commendador em 16 de Maio de 1851, em remuneração dos serviços prestados na confecção dos regulamentos para execução do código commercial: e nesse mesmo anno iniciou a organização do Banco do Brasil; sendo logo em seguida por elle creadas: a Companhia de gaz, a da estrada de ferro de Petropolis, a de navegação e commercio do Amazonas, e a de diques fluctuantes.

Em 30 de Abril de 1854, por occasião da inauguração da 1ª estrada de ferro de Petropolis, primeira no Brasil, foi agraciado com o titulo de barão de Mauá.

Nesse mesmo anno fundou nesta praça a casa bancaria Mauá, Mac-Gregor & C.^a

Em Julho de 1856 fundou em Montevideo uma outra sob a firma Mauá & C.^a

Deputado por sua provincia diversas vezes, o barão de Mauá occupa hoje um dos primeiros lugares entre os financeiros commerciaes do Brasil, não só pela sua intelligencia e tenacidade como por sua probidade nunca desmentida.

João Alvares Carneiro.

Nasceu no Rio de Janeiro em 18 de Outubro de 1776; bem cedo vio-se orphão e abandonado.

Uma familia o amparou, mandou-lhe ensinar

humanidades, e o mandou á escola Medico-Cirurgico, onde obteve o diploma de cirurgiãõ approved.

Continuou a exercer sua profissãõ no hospital da Mizericordia, sendo nomeado cirurgiãõ do banco.

Querendo aprofundar seus conhecimentos embarcou para Lisboa; os Mouros o aprisionãõ em viagem e o levãõ para a Asia, onde depois de muito soffrer, conseguiu voltar áquella cidade; regressando ao Rio de Janeiro.

Foi medico effectivo do Hospital da Ordem 3ª do Carmo, lugar que renunciou a favor do seu amigo Dr. Luiz Francisco Ferreira.

O povo o venerava por sua caridade illimitada.

Fundou a sociedade de medicina, hoje Imperial Academia, da qual foi presidente e membro de diversas commissões.

Indo visitar um doente no lugar—Lazareto—cahio do cavallo dando uma grande pancada, e sete dias depois, como predissera, em 18 de Novembro de 1837 falleceu.

Pelas ruas onde passou seu enterro, a multidãõ immensa chorava e commovida o seguio.

Os desgraçados tinhãõ perdido o seu anjo de caridade, e a corporaçãõ medica um de seus mais distinctos membros.

Seus ossos existem no mosteiro de S. Bento, em um bello tumulo.

João de Castro Couto e Mello.

Nasceu na provincia de S. Paulo no anno de 1778 e falleceu em Porto-Alegre, provincia do Rio Grande do Sul, a 11 de Setembro de 1853.

Foi commendador de Christo, commendador de S. Bento de Aviz, dignitario da Rosa, e tinha a medalha da campanha Cisplatina de 1811 e 1812: e era Visconde de Castro.

João Pereira Darrigue Faro.

Nasceu no Rio de Janeiro em 9 de Julho de 1803; forão seus pais Joaquim José Pereira de Faro e D. Anna Rita de Faro.

Havendo sido praça na extincta guarda de honra, nella teve os postos de alferes, tenente, capitão e major, commandando por vezes o 2º esquadrão desta côrte.

Acompanhou a Suas Magestades Imperiaes á Bahia, em 1826, como commandante do piquete daquella guarda.

Em 1832, organisaada a guarda nacional, foi eleito commandante do 4º batalhão de infantaria.

da côrte, que mais tarde foi confirmado pelo governo, passando depois para o commando do 3º batalhão.

Promovido a coronel chefe de legião, foi reformado com as honras de commandante superior.

Foi membro da commissão mixta Luso-Brasileira; vereador da camara municipal; escrivão do hospicio de Pedro II; deputado á assembléa provincial do Rio de Janeiro diversas vezes; vice-presidente desta provincia, em effectividade quatro vezes; provedor do asylo de Santa Leopoldina; director e vice-presidente do banco do Brasil.

Teve o segundo lugar de uma lista para senador em 1853.

Fallecen nesta côrte em 11 de Novembro de 1856, sendo: — guarda-roupa de S. M. o Imperador; veador de S. M. a Imperatriz; grande do Imperio; commendador de Christo; cavalleiro do Cruzeiro; official da Rosa; segundo barão e primeiro visconde do Rio Bonito em 2 de Dezembro de 1854.

João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho

Nasceu no Rio de Janeiro a 2 de Julho de 1722; filho do capitão-mór Manoel Pereira Ramos de Lemos e Faria e D. Helena de An-

drade Souto Mayor e Coutinho, senhores de Marapicú ; e foi quarto neto de Amador Bueno o famoso patriota de S. Paulo.

Concluido seus preparatorios na patria, formou-se doutor em canones no dia 11 de Junho de 1744 em Coimbra.

Foi oppositor ás cadeiras da Universidade de Coimbra, com exercicio ; Almotacel pelo corpo academico ; Vice-conservador e ouvidor dos Cou-tos em 1748, e conselheiro .

Substituiu a ultima cathedrilha de canones em 1751, em 1754 foi creado deputado, continuando a servir n'aquella cathedrilha.

Em 2 de Abril de 1763 foi despachado desembargador da relação da Bahia, lugar de que tomou posse por procuração, por continuar em serviço particular do Rei ; em 7 de Janeiro de 1768 foi provido desembargador ordinario da Relação do Porto ; em 18 do mesmo mez e anno, foi nomeado ajudante do procurador da corôa.

A 9 de Abril de 1768 foi nomeado deputado da Real Meza Censoria ; a 17 de Outubro do mesmo anno foi provido no lugar de desembargador da casa de supplicação ; em 29 de Março de 1769 foi feito procurador geral da Santa Igreja de Lisboa.

Em 1771 exerceu interinamente o cargo de

procurador da corôa, até 18 de Junho em que se tornou proprietario desse lugar.

A 23 de Dezembro de 1770 foi nomeado membro da junta de Providencia Litteraria, que fez os estatutos reformadores da Universidade de Coimbra.

Em 1774 teve ordem para assistir ás conferencias do Erario, havidas em casa do Marquez de Pombal.

Em Abril de 1774 foi nomeado Guarda-mór da Torre do Tombo; a 7 de Agosto de 1778 teve mercê de um lugar de Desembargador do Paço e do titulo de conselho de que prestou juramento a 27 de Setembro do dito anno; a 3 de Fevereiro de 1789 foi ordenado que elle concorresse á junta de censura para reformar a Legislação do Reino; em 17 de Junho do mesmo anno teve a mercê de Juiz conservador geral e executor do tabaco; em 27 de Agosto de 1784 foi Deputado da meza Prioral do Crato; em 18 de Dezembro de 1790 entrou para a junta do Infantado; Ministro da junta de Exame das Ordens Regulares em 21 de Novembro de 1789; secretario da Princeza em 21 de Abril de 1790.

Casou-se por procuração em 1772 com D. Maria do Cardal Ramalho da Fonseca Arnaut do Rivo, morgada de Condeixa.

Falleceu pobre em Lisboa no dia 6 de Fevereiro de 1799, deixando um nome coberto de honra, virtudes e de fama do seu muito saber.

João Propicio Menna Barreto .

Nasceu em 1809.

Teve a 1ª praça em 27 de Julho de 1820 até 20 de Março de 1822; 2ª praça (coronel) em 30 de Setembro de 1846; brigadeiro graduado em 14 de Março de 1855, effectivo em 2 de Dezembro de 1856; marechal de campo em 2 de Março de 1864.

Por Aviso de 19 de Janeiro de 1858, contou tempo de serviço de 1 de Julho de 1822, em que passou a maior, até 1º de Maio de 1832, em que obteve demissão, e de 1º de Dezembro de 1835 em que servio como official da Guarda Nacional contra a rebellião do Rio Grande do Sul até 30 de Setembro de 1846.

Foi commandante em chefe do exercito que marchou contra Montevidéo e bateu Paysandú em 2 de Janeiro de 1865.

Falleceu em S. Gabriel em 9 de Fevereiro de 1867, sendo: marechal de campo; dignitario do Cruzeiro e Rosa; commendador da de Aviz; cavalleiro de Christo; condecorado com a medalha de ouro do Uruguay e Paysandú e primeiro barão de S. Gabriel.

João da Purificação Marques Perdigão.

Natural da cidade de Vianna, em Portugal.

Foi conego regrante de Santo Agostinho ; monsenhor da capella imperial.

A 18 de Outubro de 1829, S. M. o Sr. D. Pedro I o nomeou bispo de Pernambuco, sendo confirmado por Leão XII em 28 de Fevereiro de 1831.

Seguiu para Pernambuco a 4 de Agosto de 1830 como vigario capitular.

Voltou ao Rio de Janeiro em 1833 onde sagrou-se a 26 de Maio, chegando de novo áquella provincia a 14 de Setembro do mesmo anno, tomando posse de sua diocese a 29 do mesmo mez.

A' sua palavra evangelica, e a seus conselhos deve-se em grande parte a terminação da guerra civil dos cabanos.

Voltou ao Rio de Janeiro em 1841 para assistir á sagração de S. M. o Sr. D. Pedro II.

Em 15 de Outubro de 1853 sagrou a igreja da ordem 3^a do Carmo de Pernambuco ; em 7 de Setembro de 1845 lançou a primeira pedra para a igreja de S. José.

Os recolhimentos da Gloria, Olinda, Iguarassú e Goyana d'aquella provincia, muito devem á sua illimitada caridade.

Falleceu rodeado da consideração de suas ovelhas em 30 de Abril de 1864, sendo bispo de Pernambuco ; dignitario da Rosa ; commendador de Christo e da Conceição de Villa Viçosa.

Joaquim Antonio Ferreira.

Nasceu em 4 de Fevereiro de 1777, na villa de Valença do Minho, em Portugal.

Veio para o Brazil em 1796, e dedicando-se á vida commercial grangeou o mais respeitavel nome e reputação, a par de uma avultada fortuna.

Gozou da patente de capitão das ordenanças de Minas Novas, passando a tenente quartel-mestre, graduado em capitão do 2º regimento de milicias desta côrte, e foi matriculado na real junta do commercio.

Foi agraciado por D. João VI com a mercê de cavalleiro professo da ordem de Christo. Por D. Pedro I com a mercê de cavalleiro do Cruzeiro ; commendador de Christo ; e membro da caixa da amortisação.

Pela Regencia foi nomeado membro da commissão liquidante das presas brasileiras pelo cruzeiro inglez na costa d'África ; membro da commissão de superintendencia das subscrições para o novo banco dessa capital, e para presi-

dir os trabalhos da commissão liquidadora do extincto banco do Brasil.

Pelo Sr. D. Pedro II foi honrado com o fôro de fidalgo cavalleiro da imperial casa ; com o titulo de barão de Guaratiba, com grandeza, passando a visconde do mesmo titulo, e com a commenda da Rosa.

D. Maria II, rainha de Portugal o honrou com a commenda de N. S. da Conceição de Villa Viçosa.

Falleceu nesta côrte em 11 de Março de 1859 com 82 annos de idade; o dia do seu passamento foi um dia de angustia para os desvalidos da fortuna, e o prestito dos pobres da caridade publica, de quem era pai, que espontaneamente o acompanhou á sepultura, diz mais que tudo quanto se possa escrever.

Joaquim Francisco.

Nasceu, na hoje, cidade do Desterro, provincia de Santa Catharina, em 22 de Março de 1761, sexta-feira maior—era filho do sargento-mór Thomaz Francisco da Costa e D. Marianna Jacintha da Victoria, naturaes da ilha dos Açôres.

Foi seu padrinho o capitão Manoel da Rocha.

Doentio e fraco, só aos sete annos poude en-

trar para os estudos, que deixou com grande aproveitamento aos doze annos para entrar de caixeiro na loja de seu pai.

Desde seus primeiros annos demonstrou seu espirito a vocação para a vida ecclesiastica, no que seus pais por conselhos de amigos concordarão.

Tinha então Joaquim Francisco 18 annos e foi nesse momento, que tornou-se elle o verdadeiro homem da caridade, o typo da philanthropia.

Tomando um saial de lã pardo, tendo representado no peito a figura de um calix e hostia, e cingindo a cintura com uma corda, começou o irmão Joaquim a sua perigração, atravez da provincia de Santa Catharina e Rio Grande do Sul, atravessando ermos, mattas extensas e sombrias, para pedir a todos uma esmola para a ereção de um asylo de enfermos.

Tendo obtido algumas esmolos começou a construir o seu hospital em um terreno junto á capella do Menino Deus na villa do Desterro; no amplo edificio havia uma roda de expostos, oratorios, botica, gabinete de consultas, e casa independente para o capellão.

Tornou-se então enfermeiro do seu hospital; desejando obter um patrimonio partiu para Lisboa; e pelas suas grandes virtudes conseguiu

da rainha D. Maria I uma prestação annual de 300\$000 rs.; voltando á patria com esse resultado.

Pelos annos 1796 a 1800 dirigio-se á Bahia e procurou colher esmolas para instituir um estabelecimento de instrucção para os meninos desvalidos, e conseguiu fundar o seminario de S. Joaquim que de tanta utilidade tem sido aos orphãos pobres, e onde existe o seu retrato, tirado sem elle saber.

Enfermeiro e medico em Santa Catharina; professor revelador das verdades do Evangelho na Bahia, sempre animado pelo amor do proximo, voltou de novo a Lisboa onde obteve novo favor com a dotação deste seminario, retirando-se em 1803 para a Bahia.

A morte de seu pai, soube-o elle n'essa provincia. renunciando logo a parte que lhe tocava da herança paterna em favor do mais pobre de seus irmãos.

Vindo ao Rio de Janeiro obteve a amizade do Sr. D. João VI, que muito o apreciando entregou-lhe alguns meninos orphãos para que elle os educasse.

Em 1809 foi a S. Paulo, onde pedindo esmolas estabeleceu dous seminarios, um em Itú, outro em Sant'Anna n'uma fazenda dos jesuitas.

Nesse tempo soffreu o irmão Joaquim um

insulto e um desgosto; encontrado debaixo de uma arvore á desenhar talvez o risco de alguma casa de caridade, foi preso como espia estrangeiro e conduzido a S. Paulo; chegou ao Rio de Janeiro carregado de ferros e escoltado por soldados, porém apenas soube El-Rei desse desacato mandou dar liberdade ao santo homem.

Dirigindo-se para Jacaucanga plantou tambem ahi uma casa de caridade—o seminario de Jacaucanga—de que é discipulo o Sr. Dr. Thomaz Gomes dos Santos.

Em 1822, por seu pedido, foi nomeado reitor desse seminario, o padre Viçoso, actual bispo de Marianna.

Querendo obter algum auxilio para este seminario embarcou para Lisboa em 21 de Maio de 1826; d'ahi caminhou para Roma; porém exacerbando-se a edemacia nas pernas, de que muito soffria, falleceu ao chegar á Marselha, em 1829 com 68 annos de vida.

Se a igreja venera a memoria de S. Francisco de Assis, e de João de Deus, dia virá talvez, em que cobrindo de bençãos o nome do irmão Joaquim, o canonise como o primeiro santo nascido na terra de Santa Cruz.

Joaquim José Ignacio

Nasceu em Lisboa a 30 de Julho de 1808 ; filho legitimo de José Victorino de Barros e D. Maria Izabel de Barros .

Veio para o Rio de Janeiro com sua familia em 10 de Junho de 1810, e aqui recebeu a instrucção primaria, seguindo o curso de mathematicas na academia de Marinha com louvor de seus lentes.

Sentou praça de aspirante a 20 de Novembro de 1822, e teve promoção de guarda-marinha em 11 de Dezembro de 1823 .

De 1824 a 1825 fez a campanha de Pernambuco, Ceará e Maranhão, nesta ultima commandando o cutter *Independente* onde prestou valiosos serviços.

Na guerra Cisplatina entrou com galhardia em diversos combates ; na colonia do Sacramento commandou a bateria Santa Rita, e já então 2º tenente, em posição desesperada, em uma pequena lancha desarmada, passa entre 19 embarcações inimigas, faz-se ao largo, chega á nossa esquadra, e dous dias depois volta com tres navios carregados de abastecimento zombando do fogo horrivel dos inimigos e saudado pelas aclamações dos da praça !

Em 1827 foi o ultimo official que abandonou

a corveta *Duqueza de Goyaz*, que perdeu-se á entrada da barra na infeliz expedição de Patagonia, e prisioneiro logo depois, n'um combate desigual, foi mandado para Buenos-Ayres com 80 brasileiros a bordo de um barco, que revoltárão-se apoderando-se da embarcação, e illudindo tres vazos de guerra que os escoltavão, seguirão para Montevidéo onde chegarão a 29 de Agosto de 1827.

Em 1831, no Rio de Janeiro, e em 1836, no Maranhão, grandes e valiosos forão seus serviços á causa e tranquillidade publica.

Em 1837 levou a bordo do vapor *Urania* de seu commando o presidente Nunes Pires, successor do general Andréa, preso pelos rebeldes da provincia do Rio Grande do Sul.

Na revolta da Bahia, como capitão-tenente commandava o brigue *Constança*, onde fez actos de bravura.

Sendo inspector do Arsenal de Marinha do Rio Grande do Sul, em 1841, á elle se deve não tomarem os rebeldes a cidade daquelle nome, de onde voltou em 1845 trazendo a seguinte nota: « Poupou grossas sommas de dinheiro aos cofres publicos ».

Capitão de fragata em 14 de Março de 1844, a 2 de Abril do mesmo anno tomou o commando

da fragata *Constituição*, e em Outubro conduziu SS. MM. II. á provincia do Rio Grande do Sul.

Em 1846 foi á Inglaterra fabricar a dita fragata, e em 1847 foi nomeado membro da commissão, que como o conselho naval, tratava de todos os negocios da marinha.

Estacionando na Bahia, a 2 de Fevereiro de 1849 desembarca com 500 praças, peleja nas ruas do Recife, a muito contribue para o derrota dos rebeldes.

Capitão de mar e guerra a 14 de Março de 1849, é nomeado Inspector do Arsenal de Marinha da Côrte em 26 de Maio de 1850, onde até 1854 ultimou a construcção da corveta *Bahiana*, e construiu a *Imperial Marinheiro*, o brigue *Marranhão*, o brigue-escuna *Toneleiro*, e o vapor *Ipyranga*.

Chefe de divisão a 3 de Março de 1852 ; encarregado do quartel general da marinha em 1855 ; chefe de esquadra em 2 de Dezembro de 1856 ; membro effectivo do conselho naval em 1858, foi ministro da marinha e interino da agricultura em 2 de Março de 1851.

Foi escrivão e provedor interino da Santa Casa da Misericordia, esmolando de porta em porta em 1854 quando o flagelo da peste desolou esta cidade, taes erão os seus principios de caridade.

Chefe de esquadra a 2 de Dezembro de 1856 ;
vice-almirante em 21 de Janeiro de 1867 .

A 5 de Dezembro de 1866, parte a tomar o
commando em chefe da esquadra brasileira no
Paraguay para que fôra nomeado.

A 15 de Agosto de 1867 bombardeia Curu-
paity e transpõe galhardamente, a bordo do
encouraçado *Brasil*, as estacadas, zombando dos
torpedos e dos inimigos.

Já vice-almirante recebe a 17 de Setembro
de 1867 o titulo de primeiro barão de Inhaúma.

Apóz seis mezes de penosos e rudes trabalhos,
a 19 de Fevereiro de 1868 bombardeia Humaytá
e faz-se sob suas vistas a *impossivel* passagem
que tanto gloria deu á marinha e ao pavilhão na-
cional.

A 3 de Março de 1868 foi elevado a visconde
do mesmo titulo.

Depois de Humaitá, Timbó, Tebiquary, vem
a famosa passagem de Angustura que elle pes-
soalmente dirige a bordo do *Belmonte*, fardado
em grande gala e sobre o tombadilho, sendo logo
apoz a passagem saudado pelos commandantes
dos navios estrangeiros que a ella assistirão.

Almirante effectivo em 28 de Janeiro de 1868,
entrou á barra do Rio de Janeiro a 10 de Feve-
reiro seguinte mortalmente prostrado, victima
do cumprimento do dever.

Falleceu a 8 de Março de 1868, nesta côrte, e seu enterro foi um espectáculo imponente; o povo triste e lacrimoso entulhava as ruas por onde passava o seu cadaver, e descobrindo-se respeitoso, patenteavão o muito de veneração e amor em que se tinham.

Foi gran-cruz da Rosa e Aviz; commendador de Christo; grande official da Legião de Honra; cavalleiro da Conceição de Villa Viçosa; conselheiro de guerra, almirante effectivo e do conselho de S. M. o Imperador, primeiro barão e primeiro visconde de Inhaúma.

Joaquim José Rodrigues Torres.

Nasceu a 13 de Dezembro de 1802 no porto das Caixas, provincia do Rio de Janeiro, filho de Manoel José Rodrigues Torres e D. Emericiana Mathilde Torres.

Depois de preparar-se no seminario de S. José desta côrte, seguiu para a universidade de Coimbra em 1821, onde tomou gráo no anno de 1825.

Voltando a sua patria em 1826, foi nesse mesmo anno nomeado lente substituto da academia militar, onde servio até 1833.

Voltando da novo a Europa em 1827, só volveu á patria em 1829, começando a appare-

cer vantajosamente na scena politica, a ponto de ser chamado á pasta da marinha, do gabinete da regencia trina, em 26 de Abril de 1831.

De novo veio occupar essa mesma pasta no gabinete de 3 de Janeiro de 1832.

Forão tempestuosos os tempos em que o illustre varão fazia parte da administração, porém, servio esse estado agitado do paiz para revelar suas eminentes qualidades.

Em 1833 a provincia do Rio de Janeiro o elegeu seu representante.

Ministro de marinha e do imperio em 1840, foi de novo occupar pela 4ª vez a pasta de marinha em 1843.

Ministro da fazenda de 1849 a 1853 prestou nesse longo ministerio bons serviços á causa publica, melhorando as finanças do paiz, e finalmente a 16 de Julho de 1868, foi de novo chamado ao poder como organisador do gabinete, e ministro da fazenda, sendo esse gabinete recebido agradavelmente pelo commercio em geral, pelas esperanças de que era presagio em vista das difficuldades do paiz.

Em 1841 teve o titulo de conselho e o officialato do Cruzeiro, e em Setembro de 1853 foi nomeado conselheiro d'Estado.

A 2 de Dezembro de 1854 recebeu o titulo

de visconde de Itaborahy que hoje goza, e escolhido senador em 22 de Fevereiro de 1844.

Joaquim José da Silva Xavier.

Por antonomasia — *Tira-dentes.*

Nasceu em Pombal, termo da villa de S. João d'El-Rei, em 1748; era filho de Domingos da Silva Santos e D. Antonia da Encarnação Xavier.

Era alferes de cavallaria da capitania de Minas-Geraes.

Moço, entusiasta, cheio de patriotismo, sonhou com a liberdade da patria, que via gemer entre os ferros da escravidão.

Reunido com alguns amigos, cujos nomes são bastante conhecidos, tentárão quebrar o jugo portuguez; suas primeiras reuniões houverão lugar em casa de Claudio Manoel da Costa, passando depois a ter lugar na casa de Francisco de Paula Freire de Andrade.

Nas proximidades do pronunciamento, o infame coronel Joaquim Silverio dos Reis, um dos associados, os foi dilatar ao visconde de Barbacena.

No dia 10 de Maio de 1789 foi preso Silva Xavier, no sotão de uma casa da rua dos Latoeiros, onde morava Domingos Fernandes da Cruz.

Levado á fortaleza da ilha das Cobras, foi lançado em suas masmorras, sendo interrogado as primeiras vezes a 22, 27 e 30, tudo confessou.

Transferido para a cadêa publica soffreu ainda oito interrogatorios em 18 de Janeiro, 4 de Fevereiro de 1790; 14 de Abril, 20 e 22 de Junho, 4, 7 e 15 de Julho de 1791.

Em 18 de Abril de 1792 a alçada proferio a sentença, pela qual forão condemnados á morte 11 dos conjurados, 5 a degredo perpetuo, e os outros a exilio por algum tempo.

A carta régia de 15 de Outubro de 1790 obstou que houvesse tão horrivel carnificina; a pena de morte foi commutada em degredo perpetuo para a Africa, á excepção de Silva Xavier que foi considerado chefe da revolta.

Em 21 de Abril de 1792 sahio elle da cadêa (hoje camara dos deputados) e seguio pelas ruas da Cadêa, Piolho, até o largo da Lampadosa (largo do Rocio), onde estava preparado o patibulo em fórma de triangulo.

O juiz executor e a tropa trazião suas vestes de gala; nesse dia illuminou-se a cidade, e houve *Te-Deum* em acção de graças.

Crime e profanação!

Tira-dentes morreu heroica e corajosamente; tinha 44 annos de idade; deixou uma filha na-

tural e menor, que viveu pobrementemente em Villa-Rica; seu corpo esquartejado, foi distribuido em postes pela estrada que vai do Rio de Janeiro a Minas-Geraes, e arrazada a casa em que habitava, salgado foi o terreno em que elle se erguia!

É este o primeiro martyr, cujo vulto assoma no portico da liberdade do Brasil.

José Alves Rangel.

Nasceu em S. João da Barra, provincia do Rio de Janeiro a 24 de Abril de 1779; fôrão seus pais alferes Domingos Alves de Barcellos e D. Izabel da Silva Rangel.

Em 1807 já era alferes do regimento de infantaria n. 12, e por accessó subio até capitão.

Em 1823 assentou praça na guarda de honra de D. Pedro I, e foi reformado no posto de major da mesma guarda em 5 de Janeiro de 1828.

Foi por muitos vezes juiz de paz e vereador da camara municipal, sendo sempre eleitor desde a independencia; e. tambam substituto do juiz municipal e do delegado.

Falleceu a 1° de Novembro de 1855 em sua fazenda de Caété, e foi sepultado na capella-mór de Nossa Senhora da Bôa Morte, no termo de

S. João da Barra, sendo : cavalleiro de Christo ; official da Rosa ; grande do Imperio ; e barão de S. João da Barra.

José de Araujo Aragão Bulcão

Nasceu na cidade da Bahia no anno de 1794 ou 1795.

Philantropo e agricultor laborioso e intelligente, mereceu sempre a estima e apreço publico.

Foi muitas vezes eleito deputado a Assembléa de sua provincia, onde teve por companheiros grandes vultos politicos ainda hoje existentes.

Foi um dos propugnadores da independencia nacional, e um dos mantenedores da ordem publica em todas as crises porque passou sua provincia.

Falleceu em sua provincia a 17 de Maio de 1865, sendo : grande do Imperio ; veador de S. M. a Imperatriz ; capitão-mór das ordenanças da Villa de S. Francisco ; commendador de Christo ; commendador da Rosa ; medalha da guerra da independencia e primeiro barão de S. Francisco :

José Basilio da Gama.

Nasceu na comarca do Rio das Mortes da provincia de Minas-Geraes.

Ainda menino, sua bella e viva intelligencia

enchia de esperanças e satisfação a seus pais, que apesar de pobres o enviáram ao Rio de Janeiro, onde encontrou um protector no brigadeiro José Fernandes Pinto Alpoim.

Apenas começou seus estudos, attrahio a attenção dos padres da companhia; e elle moço, pobre, desejando beber instrucção, não repugnou em aceitar o habito negro, e fez-se noviço dessa memoravel confraria, e já tinham decorrido quatro annos, quando em 1759, o marquez de Pombal, os extinguiu com a bulla de Clemente IV.

Privado desse apoio, não se vio só, encontrou apoio de D. Antonio Quadelupe e do conde de Bobadella, que o fizeram entrar para o seminario de S. José.

Mais tarde, sob a protecção de amigos, ponde ir a Lisbôa, alli abandonado pelo rancor, que ainda conservavão áquelles que tinham sido da companhia de Jesus; dahi retirou-se para Roma, onde cheio de privações e desgosto, ao desamparo e longe da patria, com a alma cheia de dôr e de saudade fez parte para a arcadia de Roma, onde se reunião os doutos e sabios sob pseudonymo de *Termino Sepilio*.

Voltando a Lisbôa, por occasião da inauguração da estatua de D. José I, em 1775, fez nessa festa uma bella ode, que mereceu louvores, e o marquez de Pombal, amigo das letras e das

artes, o nomeou official extranumerario de sua secretaria de Estado.

Seu talento o fez subir depressa ; em pouco foi nomeado official de gabinete do grande ministro, com carta, fóros, e escudo de fidalguia.

Voltando ao Rio de Janeiro, fundou aqui uma arcadia modelada pela da de Roma, pouco tempo depois aniquilada pelo conde de Rezende, pelo receio de que fôsse uma associação politica.

José Basilio da Gama não julgou então conveniente conservar-se por mais tempo no Rio de Janeiro onde o rodeiavão perigos em toda a parte, e novamente se dirigiu para Lisbôa, onde os desgostos o levárão á sepultura em 1795, tendo pouco mais de 50 annos.

Um máo frade, que assistio a seus ultimos instantes , lançou fogo aos preciosos manuscritos de suas tragedias e poemas !

Só poude escapar a esse desastre as bellas poesias feitas á morte do conde Bobadella, os elegantes sonetos dedicados ao marquez de Pombal, a quem foi sempre grato, e seu poema *Uruguay*, porque não estavam ao alcance desse padre iconoclasta das letras.

O *Uruguay* é a nossa primeira epopéa ; é um livrinho, em que cada linha é um verso cheio de belleza e harmonia.

José Bonifacio de Andrada e Silva.

Nasceu na hoje cidade de Santos, provincia de S. Paulo, aos 13 de Junho de 1763: fôrão seus pais o coronel Bonifacio José de Andrada e sua mulher D. Maria Barbara da Silva.

Seus primeiros estudos fôrão dirigidos pelo virtuoso bispo de S. Paulo, D. frei Manoel da Ressurreição.

Aos 16 annos apparecêrão os primeiros assomos de seu estro poetico.

Em 1783, findo seus primeiros estudos, seguiu para Portugal, matriculando-se na universidade de Coimbra, onde obteve os grãos de bacharel formado em direito civil e em sciencias naturaes.

Apenas formado, seguiu para Lisbôa rodeado de merecido renome e prestigio, que reunido a amizade do duque de Lafões, derão-lhe entrada na academia real de sciencias de Lisbôa.

Em 1790 deixa Portugal para viajar a Europa conjuntamente com o distincto mineiro Manoel Ferreira da Camara de Bittencourt e Sá, ambos escolhidos por aquella academia e ao governo proposto para aquella viagem scientifica.

Nessa viagem, que durou dez annos, percorreu a França, Allemanha, Belgica, Hollanda, Italia,

Hungria, Bohemia, Suecia, Noruega, Dinamarca, Turquia, e através das lutas que agitavão a Europa, fôrão elles, em sua derrota, enchendo de admiração aos sabios com quem tratavão.

O lugar de inspector das minas de Noruega lhe foi offerecido, e não aceitou.

Numerosos trabalhos scientificos, sellados com o cunho de seu muito saber, publicados em diversos idiomas, tornárão seu nome conhecido e grangeárão-lhe brilhantes homenagens, e as corporações scientificas das primeiras capitães da Europa, querendo honrar seu merito, apressárão-se em admitti-lo em seu seio. Foi recebido socio das sociedades: — de Historia Natural e Philosophica de Paris; da Academia Real de Sciencias, de Stockholmo; da Linneano e mineralogico de Jena; da dos Investigadores da natureza, de Berlim; da Geologica de Londres; da de Physica e Historia Natural de Genova; da Werneriana de Edimburgo; da Academia de Sciencias de Copenhague e de Turim; da sociedade Maritima de Lisbôa, e da Philosophica de Philadelphia, voltando a Portugal em 1800, coberto de gloria e immenso prestigio.

Apenas chegado foi incumbido de crear na universidade de Coimbra a cadeira de metallurgia, da qual foi nomeado lente, commissão que desempenhou por largo tempo.

Foi ainda nomeado intendente geral das minas e metaes do reino ; superintendente do rio Mondego e das obras publicas de Coimbra, e desembargador da relação do Porto.

Muitos e importantes trabalhos administrativos lhe fôrão confiados, avultando o encanamento do rio Mondego, as sementeiras e plantações nos areas da costa.

Em 1800, pelo outono, acompanhado de seu irmão Martim Francisco e o general Napier, faz uma viagem minerographica pela Extremadura até Coimbra, cujo resultado, escripto por seu irmão, appareceu em 1812.

A invasão franceza veio sorprendendo-lo no meio de suas pacificas occupações scientificas.

Coberto com os louros da sciencia, travou da espada, correu ao campo da batalha e á frente do corpo academico, no posto de tenente-coronel, militou com gloria contra os Francezes.

Livre o sólo de Portugal da invasão estrangeira, foi pelo governo nomeado intendente geral de policia da cidade do Porto, cargo difficilimo então, pela discordia civil em que se dividia os animos, para a extincção da qual muito concorreu sua moderação e equidade.

Em 1812 foi eleito secretario perpetuo da Academia Real de Sciencias de Lisbôa, em

cujo character prouduzio importantes trabalhos litterarios.

Em 1819, obtendo licença do governo da metropole, retirou-se para o Brasil, conservando todos os seus empregos, indo habitar o sitio dos Outeirinhos em Santos, todo entregue ás investigações da sciencia.

Em Março de 1820 fez com seu irmão Martin Francisco uma excursão montanistica desde Santos até a Parahyba, cujos resultados fôrão publicados no *Journal des mines de Paris*.

Em attenção a seus relevantes serviços prestados a Portugal foi a 5 de Abril de 1820 agraciado com o titulo de conselho, unica honraria que teve este modesto cidadão do governo portuguez e do de sua patria.

Vice-presidente da junta provisoria de S. Paulo, quando foi aqui recebida a ordem para a retirada do principe regente, seus collegas deixando-lhe toda a responsabilidade da acção e dos acontecimentos, elle os reune, e em nome dessa junta, dirige ao principe essa energica representação de 24 de Dezembro de 1821, que echoou no Brasil inteiro, sendo elle o proprio portador.

Desobedecendo ás ordens das côrtes, trava-se a luta, e José Bonifacio, que provocára em grande parte este desenlace, torna-se o arbitro

da situação, e por decreto de 16 de Janeiro de 1822 é elle nomeado ministro do reino e estrangeiros, pelo principe regente.

Deferindo aos votos das provincias de Minas e Rio de Janeiro, convocou, por decreto de 16 de Fevereiro de 1822, um conselho de procuradores de provincia, com o character de conselheiros de Estado e de representantes da provincia que os elegia.

O senado da camara da côrte, e o conselho de procuradores de provincia, pedirão a convocação de uma constituinte; o ministerio conformou-se, e a 3 de Junho foi ella convocada.

Estava definitivamente confirmada a independencia e a 6 de Agosto dirigia-se o povo livre ás nações amigas.

Desde então o nome de José Bonifacio ficou inscripto em todos os grandes actos da emancipação nacional, e seu nome symbolisa uma historia.

Deputado á constituinte e ministro, harmonisou sabiamente os direitos dos povos com as exigencias da autoridade, e elle foi um dos vultos mais proeminentes dessa famosa constituinte.

Nella foi eleito para a commissão encarregada da factura do projecto da constituição.

A 17 de Julho de 1823 deixou o poder.

A 12 de Novembro do mesmo anno, dissolvida

a constituinte á força armada, foi elle preso e deportado para a França em companhia de seus irmãos.

Depois de gemer sete annos no exilio, exhalando maviosos cantos em sua lyra (*), volve á patria em 1829.

A 22 de Abril de 1831 toma assento na camara como deputado pela Bahia, e sua posição diante do genio da revolução que erguia o collo, fez o governo suppô-lo connivente com a *restauração*, que o arrancou violentamente do paço imperial, e o mandou conduzir preso á ilha de Paquetá, depois de o suspender das funcções de tutor da familia imperial, que lhe fôra confiado pelo honroso decreto de 6 de Abril de 1831.

Sua casa foi apedrejada e apupada, e seu nome coberto de improperios pela populaça nos aziagos dias de Dezembro de 1833; e o creador da nacionalidade brasileira foi arrastado ao banco dos réos, e ahi respondeu á um processo, que o inculpava de traidor á patria!

Honrosamente absolvido, retirou-se ao silencio de seu gabinete na mesma ilha. Rude fôra a provação, e a 6 de Abril de 1838 falleceu em S. Domingos o conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva.

Seu corpo embalsamado foi, por disposição

(*) Estas poesias achão-se á venda em casa de E. & H. Laemmert.

testamentaria, remettido á Santos, onde descansa na terra humilde de seu berço.

O decreto de 26 de Abril de 1838 concedeu ás filhas de José Bonifacio uma pensão *em remuneração dos relevantes serviços pelo mesmo prestados á causa da independencia do Imperio.*

José Carlos de Almeida

Nasceu no palacio de Mafra em 1 de Outubro de 1806.

Veio para o Brasil em 1808 com a familia real, e começou sua carreira diplomatica em Vienna d'Austria.

Foi secretario de embaixada; e servio como chefe de missão em Paris, Bruxellas, Turim, Napoles, Haya e S. Petersburgo, deixando em toda a parte boas recordações de varão probo, affavel e modesto, cumprindo escrupulosamente seus deveres officiaes e sociaes.

Falleceu em Stuttgart a 19 de Maio de 1866, sendo: ministro residente do Brasil em S. Petersburgo; grande do Imperio; commendador de Christo; commendador de Villa Viçosa de Portugal; commendador da Ordem de Leopoldo da Belgica; cavalleiro de Malta; e segundo visconde de Santo Amaro.

José Carneiro da Silva

Nasceu aos 21 de Maio de 1789, no termo de Macahé, provincia do Rio de Janeiro; fôrão seus pais o major Manoel Carneiro da Silva e D. Anna Francisca de Vellasco.

Sem ter frequentado academias era bom litterato, bom philosopho, cultivador das musas, e tinha um gôsto especial pela historia.

Fôrão importantes seus serviços á provincia natal, entre elles a estrada, que nos livrou dos alagadiços da barra do Furado, a limpeza dos rios que esgotão na lagôa Feia. Os viajantes de Cantagallo a Macahé e d'ahi a Campos, que digão as immensas estradas feitas á sua custa para commodidade publica.

Muitos de seus escriptos existem publicados, dando-lhe lugar no Instituto Historico de Paris e outras muitas sociedades litterarias de vulto.

Foi membro fundador do Instituto Fluminense de Agricultura, e socio da sociedade Auxiliadora da Industria Nacional.

Honrado com a particular affeição de S. M. Imperial, foi obsequiado com sua visita na fazenda de Quissaman.

Falleceu a 3 de Novembro de 1864, sendo

fidalgo cavalleiro da casa imperial; commendador da Rosa; grande do Imperio; e visconde de Araruama.

José Cezario de Miranda Ribeiro.

Nasceu na cidade de Ouro Preto, provincia de Minas, no anno de 1792; foi seu pai o thesoureiro da junta de fazenda Theotonio Mauricio de Miranda Ribeiro.

Em 1816 matriculou-se em Coimbra, onde coberto de louros formou-se em 1821.

Voltando á patria foi despachado juiz de fóra de S. João d'El-Rei, onde servio tres annos; servio depois o lugar de juiz do crime em um dos bairros desta côrte; o de inspector dos diamantes na cidade Diamantina, e de desembargador da Relação do Rio de Janeiro, até que lhe competio entrar para o Supremo Tribunal de Justiça onde foi aposentado, por incompatibilidade com o lugar de conselheiro de Estado, que já exercia.

Nomeado presidente de Minas em 1837, foi o anjo da concordia entre as facções, que dilaceravão a provincia.

Presidente de S. Paulo em 1836, sua administração foi abençoada pelos povos daquella provincia.

Deputado por sua provincia á constituinte portugueza, quando ausente, e ainda estudante, foi sempre seu deputado á assembléa geral desde 1824 até 22 de Fevereiro de 1844, quando foi escolhido senador por S. Paulo.

Foi casado em primeiras nupcias com D. Maria José Monteiro de Miranda Ribeiro, e em segundas com D. Anna Candida de Miranda Lima.

Falleceu nesta côrte em 7 de Maio de 1856, sendo: commendador de Christo, cavalleiro do Cruzeiro, conselheiro de Estado extraordinario e visconde de Uberaba.

José Clemente Pereira.

Nasceu a 17 de Fevereiro de 1797, no lugar de Adem, no bispado de Pinhel, em Portugal; filho de José Gonsalves e D. Maria Pereira.

Frequentava a universidade de Coimbra, onde obteve o gráo em direito e canones, quando formou-se o batalhão academico, de que foi commandante José Bonifacio de Andrada e Silva, sob cujas ordens servio na invasão franceza.

De Portugal passou á Hespanha, e vio com a espada na mão a abdicação de Fontainebleau.

Em 1815 deixa a Europa' e vem para o Brasil, onde novos louros, e novas glorias o

aguardavão, e onde viveu como advogado até 1819 em que foi nomeado juiz de fóra encarregado de crear a villa da Praia Grande, hoje cidade de Nictheroy, que abasteceu de agua potavel, além de muitos outros serviços, pelo que em 1840 a camara municipal reconhecida dedicou-lhe uma rua que é a de S. José da quella cidade.

A 30 de Maio de 1821 entrou no exercicio do lugar de juiz de fóra desta côrte, e por esse tempo foi eleito presidente da camara municipal, nessa qualidade prestou relevantes serviços oppondo-se destimidamente aos officiaes dos batalhões portuguezes em 5 de Junho desse anno, e pela idéa e execução da representação de 9 de Janeiro de 1822, conhecida na historia do paiz pelo — *Fico*.

Desde então não mais descansou, até que escrevendo a famosa circular de 17 de Setembro de 1822 foi deportado como demagogo.

A 17 de Fevereiro de 1824 recebe a dignitaria do Cruzeiro juntamente com Labatut, general da independencia, sendo esta a segunda distribuição de uma tal graça!

Nas primeiras eleições para deputados foi eleito pelo Rio, S. Paulo e por Minas, sendo por esse tempo elevado a intendente geral da policia, e chamado ao ministerio.

O Codigo Criminal que hoje nos rege é obra sua, refundida por Bernardo Pereira de Vasconcellos, e o Commercial de 1847 a elle deve sua approvação.

Este grande vulto duplamente amado pelos Brasileiros deixou a vida em 1854 no meio das lagrimas e benções populares.

O Sr. D. Pedro I nomeou-o desembargador; dignitario do Cruzeiro; intendente de policia; ministro do Imperio; grande dignitario da ordem da Rosa; e em mais duas pastas ministeriaes.

O Sr. D. Pedro II nomeou-o ministro da guerra em 23 de Março de 1841; senador pela provincia do Pará em 31 de Dezembro de 1842; conselheiro de Estado em 14 de Setembro de 1850; primeiro presidente do tribunal do commercio em 4 de Setembro do mesmo anno.

José Clemente Pereira, provedor e reformador do hospital da Misericordia e fundador do hospicio de Pedro II, tem seu nome gravado em letras de ouro no livro da historia do Brasil, e a prova mais saliente de seu merecimento pessoal recebeu elle do Sr. D. Pedro II, que mandou elevar-lhe uma estatua diante da sua em uma das salas do referido hospicio.

José da Costa Carvalho.

Nasceu a 7 de Fevereiro de 1796, na provincia da Bahia; filho de José da Costa Carvalho e D. Ignez Maria da Piedade Costa.

Tomou gráo de doutor em leis na universidade de Coimbra em 1819.

Voltando á patria foi nomeado juiz de fóra e ouvidor de S. Paulo em 1821.

Em 1822, casou-se em S. Paulo, com D. Genebra de Barros Leite, que falleceu em 1837, pelo que passou a segundas nupcias em 1839 com D. Maria Isabel de Souza e Alvim.

Eleito deputado á assembléa constituinte brasileira pela provincia da Bahia, nella teve assento até sua dissolução; voltando á assembléa em sua primeira legislatura como representante da mesma provincia, e tal foi a sua influencia que em 1827 foi eleito vice-presidente da camara, e presidente em 1828.

Em 1830 voltando á camara mereceu a mesma honra de seus novos collegas.

A abdicação de 7 de Abril de 1831 deixando o Brasil acephalo, pela minoridade do herdeiro do throno, levou-lhe ás mãos a suprema administração do paiz na primeira regencia em que fez parte com o brigadeiro Francisco de Lima e Silva e o deputado João Braulio Muniz.

As lutas das facções fizeram ardua a missão daquella regencia, e doente, Costa Carvalho retira-se para S. Paulo, deixando de assignar os papeis officiaes desde 18 de Julho de 1833.

Justamente apreciado pelo paiz, foi Feijó autorisado em 1835 a conferir-lhe a grã-cruz do Cruzeiro como premio de seus relevantes serviços na regencia que findára.

Em S. Paulo passou de 1835 a 1836 como director do curso juridico daquella cidade.

Em 1837 eleito deputado por S. Paulo tomou assento, até que em 30 de Abril de 1839 foi escolhido senador pela provincia de S. Paulo.

Barão de Monte-Alegre em 1841, visconde em 1843, e finalmente marquez do mesmo titulo a 2 de Dezembro de 1854.

Presidente da provincia de S. Paulo em 1842, foi sua administração bem recebida pelo povo naquelles dias agitados.

Conselheiro de Estado extraordinario em 1842, passou a ordinario em Março de 1853.

Em 1843 presidio as sessões do senado, e recebeu a grã-cruz da Legião de Honra, por ter servido de testemunha ao casamento do Principe de Joinville.

Organisador do ministerio de 29 de Setembro de 1848, foi seu presidente desde 8 de Outubro de 1849 até 11 de Maio de 1852, dirigindo

a pasta do Imperio. Falleceu em S. Paulo a 18 de Setembro de 1860.

Membro de diversas associações litterarias, artisticas e industriaes soube firmar sua reputação, patenteando seus conhecimentos.

José Egydio Gordilho de Barbuda.

Sentou praça em 2 de Novembro de 1818; foi promovido a capitão em 20 de Dezembro de 1820; a major aggregado em 6 de Maio de 1829; major effectivo em 14 de Outubro de 1829; a tenente-coronel em 18 de Fevereiro de 1835; a coronel em 27 de Maio de 1842; com antiguidade de 18 de Julho de 1841; brigadeiro em 3 de Março de 1852; marechal de campo em 2 de Dezembro de 1859 e tenente-general em 22 de Janeiro de 1866.

Foi ministro da guerra do gabinete de 30 de Agosto de 1864, servindo de 12 de Fevereiro a 12 de Maio de 1865.

Falleceu nesta côrte a 11 de Março de 1867, sendo: grande do Imperio; gran-cruz de Aviz; commendador de Christo; official da Rosa; do conselho de S. M. o Imperador; director geral da directoria do material do exercito; membro da terceira secção da commissão de exame de

legislação militar; tenente-general effectivo e segundo visconde de Camamú.

Nomeado presidente da provincia de Matto-Grosso, logo apóz o começo da guerra com o Paraguay, seus padecimentos physicos o impedirão de aceitar essa commissão.

José Joaquim de Andrade Neves

Nasceu na hoje cidade do Rio Pardo, provincia do Rio Grande do Sul em 22 de Janeiro de 1807 : filho do major José Joaquim de Figueiredo Neves.

Assentou praça voluntariamente de 1º cadete do 5º regimento de cavallaria de linha em 22 de Novembro de 1826, e em 10 de Dezembro de 1827, foi desligado do serviço militar por haver dado substituto.

A revolução de sua provincia, dirigida pelo coronel Bento Gonçalves em 20 de Setembro de 1835, chamou-o de novo ao serviço das armas de causa legal.

Em 1836 tomou parte nos mais importantes combates como os de *Capané*, *Passo do Rosario*, *Arroyo dos Cachorros*, e *Capella Grande*, onde a 20 de Setembro daquelle anno foi nomeado alferes da guarda nacional.

A 4 de Outubro entra no sanguinolento com-

bate da ilha *Fanfa*, recebe no campo de batalha a recompensa de seu valor sendo elevado ao posto de major da guarda nacional.

Em 1837 tomou parte e distinguio-se como commandante nos combates seguintes: *Rio Pardo, Fortaleza, 25 de Junho, Azenha, Aldeia dos Anjos e 19 de Junho.*

Em 1838 nos seguintes : *Passo do Bernabé, 30 de Abril e Passo d'Arêa*; em 1839 convidado a entrar para o quadro do exercito no posto de alferes, sendo elle então major e commandante do corpo, recusou, continuando a servir até o fim da revolução como simples official da guarda nacional.

O decreto de 25 de Janeiro de 1840 conferio-lhe o posto de major honorario do exercito.

Em 1840 distinguio-se nos combates *29 de Janeiro e Taquary*, onde recebeu dois ferimentos de bala.

O decreto de 7 de Setembro de 1841 o elevou a tenente-coronel honorario do exercito.

Em 20 de Fevereiro de 1843 seguiu para a campanha com o 9º corpo de cavallaria da guarda nacional do seu commando, e no anno seguinte toma parte nos combates do *Passo do Rosario, Ponche Verde, e D. Marcos.*

Em 2 de Junho de 1847 foi nomeado coronel da guarda nacional, e a 21 de Janeiro de 1850

foi elevado a commandante superior da mesma, nos municipios do Rio Pardo e Encruzilhada.

Em 1851, por occasião da guerra de *Rozas*, organisa um corpo de voluntarios engajados, a cuja frente marchou a 20 de Junho, indo reunir-se ao exercito; em 28 de Agosto é nomeado commandante da 7ª brigada do exercito em operações, retirando-se á sua provincia em Agosto de 1852 depois de finda a campanha, onde forão valiosissimos seus serviços.

A 18 de Dezembro de 1857 parte a estacionar na margem esquerda do Ibicuihy, commandando uma brigada que recebeu a numeração de 5ª, por elle organisada com os guardas nacionaes do seu commando.

Pelos longos serviços prestados á patria em 23 annos, o decreto de 15 de Abril de 1858 lhe conferio as honras de brigadeiro honorario do exercito.

Em 1864 organisou por ordem superior os 5º e 6º corpos provisorios com quatrocentas e tres praças cada um, de guardas nacionaes do seu commando, e a 1 de Dezembro daquelle anno penetrava o exercito brasileiro no territorio da republica Oriental, sendo elle commandante da 3ª brigada de cavallaria; assistindo ao sitio de Montevideo, é ahi nomeado para sitiar a fortaleza do *Cerro*, cuja guarnição, rendendo-se fez embar-

ca-la para a capital, dando relação dos despojos ao general Flôres e recolhendo-se ao exercito.

A 22 de de Julho de 1867, já em territorio paraguayo põe-se em movimento a 2ª divisão de cavallaria sob seu commando, e no dia 31 pelas 7 horas da manhã, toma duas trincheiras do inimigo, levando-os espavoridos até as trincheiras de Humaytá.

A 3 de Agosto bate a cavallaria inimiga acampada no *Arroio Hondo*.

Sempre na vanguarda do exercito desde os primeiros reconhecimentos do Humaytá, o inimigo nunca pôde sorprendê-lo.

A 19 de Setembro bate a força inimiga do *Potrero Ovelha* e a desbarata, e a 20 atravessando o *Nembuco*, ataca a *villa do Pilar*, que se achava fortificada, e della se apodera com grande gloria.

O decreto de 19 de Outubro de 1867 conferiu-lhe o titulo de barão do Triumpho em recompensa dos serviços de tres annos, nesta guerra, á que se accrescentou mais tarde as honras de grandeza.

A 3 de Outubro em soccorro do coronel Fernandes derrota as forças inimigas na estrada que liga Humaytá a S. Solano

A 2 Novembro de 1867 o inimigo temeroso de seu nome annuncia falsamente a seus soldados a morte deste valente general.

A 21 de Outubro sua brigada e a do brigadeiro Victorino acommettêrão com impeto a cavallaria inimiga e a desbaratão completamente, levando o barão do Triumpho o inimigo até o portão do Humaytá, desapparecendo assim a cavallaria paraguaya.

No combate de 29 de Outubro do *Potrero Ovelha*, á frente de sua divisão elle presta valiosos serviços.

A 9 de Fevereiro de 1868 reconhecendo as posições inimigas no flanco direito, descobre o reducto *Establecimiento*, defendido por 15 bocas de fogo, dois vapores com grossa artilharia, duas linhas de fosso e bocas de *lobo* e uma de *abatizes*; a 19 recebe ordem para o assalto, para elles seguem a 1ª brigada de infantaria, a 8ª brigada de cavallaria, componentes da columna de vanguarda sob seu commando.

Nesse combate recebeu elle uma contusão no quadril por taco de peça, e perdeu o cavallo ferido por tres balas de metralha no peito, perda que muito o sensibilizou.

Nesse combate atirou-se com impeto no mais renhido dracção, e conseguiu a tomar ao inimigo esta posição.

Quando a 19 de Agosto de 1868 começou a marcha do exercito depois de um anno e meio em *Tuyuty*, segue em frente o bravo barão com-

mandando a columna da vanguarda, composta de forças das tres armas.

Desde principio de Março que começára a soffrer de febres intermittentes, repetindo-se seu incommodo ainda no mez seguinte sem que um só dia deixasse o commando de sua divisão.

Em Novembro de 1866 seus padecimentos o leváráo ao Rio Grande com tres mezes de licença, porém quinze dias depois apresentou-se ao presidente e seguiu para a guerra, sendo esse o unico tempo que deixou o theatro das operações.

A 26 de Agosto de 1868 a columna do seu commando disbarata a força inimiga no *Arroio de Jacaré*, que lhe disputa o passo.

A 28 foi tomada pela mesma columna, a posição occupada e fortificada, á margem esquerda do *Tebicuari*.

A 26 de Setembro de 1868 ainda uma vez mais é elle elogiado pelo general em chefe em ordem do dia, apoz de 23 daquelle mez nas margens do *Surubi-i*.

Em 1 de Outubro no reconhecimento do *Piki-ciri*, elle assignala-se tomando de assalto uma forte trincheira escondida na matta.

Acampado o exercito brasileiro em *Palmas* durante os mezes de Outubro e Novembro, começou o illustre barão a soffrer mais gravemente em sua saude.

Depois do combate de *Itororó*, em 6 de Dezembro, as cavallarias ao mando do barão e João Manoel, vindo do Chaco, desembarcão em *Ipané*, e ahi fazem junção ao exercito em 9 e 10.

No dia 11 fere-se o combate junto o arroio Avahi, e elle cheio de ardor e enthusiasmo flanquea o inimigo pela esquerda, findando o combate com o triumpho brasileiro e posse de *Villeta*.

A 21 explora o potrero *Marmoré*, arrebanhando 4000 cabeças de gado; as 3 horas da tarde desse dia, fazendo parte da columna esquerda, consegue ella ganhar o primeiro fosso, achando-se dentro de uma das trincheiras na qual penetrava o barão do Triumpfo com sua divisão, e nessa occasião uma bala inimiga feriu-o no pé, quebrando-lhe toda a parte anterior deste; appareceu-lhe logo a febre, que aggravando-se com rapidez, assumiu o character de perniciosa.

A capital do Paraguay, recebeu no pavimento terreo do palacio do velho Lopez, o valente general gravemente enfermo, e na tarde de 6 de Janeiro de 1869, pelas onze horas da noite, entregava elle sua alma ao creador.

Na tarde de 7 foi seu corpo levado ao cemiterio d'aquella cidade.

A nação inteira, seus filhos, esposa e seus amigos, chorão a perda de tão valente quão bondoso cidadão, pai, esposo e amigo.

José Joaquim Carneiro de Campos

Nasceu na cidade da Bahia em 4 de Março de 1768; filho do negociante José Carneiro de Campos e D. Custodia Maria do Sacramento.

Começou sua educação litteraria na congregação de S. Bento d'aquella cidade; enviado a Coimbra, depois de fazer um curso de sciencias physico, mathematicas, formou-se em theologia, tratou de secularisar-se e seguiu logo os estudos de direito civil patrio, em que tambem se graduou.

Regressando de Coimbra foi encarregado da educação dos filhos do conde de Linhares, sendo mais tarde empregado na secretaria de Estado da Fazenda, onde seu saber e probidade lhe fizeram merecer a mais alta confiança do principe regente e seus ministros.

Em 1807 veio para o Brasil com a familia real, sendo logo nomeado official da secretaria dos negocios do Reino, da qual foi depois official maior.

Em 17 de Dezembro de 1814 foi honrado com a commenda de Christo, e por occasião do casamento do principe D. Pedro, depois Imperador do Brasil, recebeu a commenda da ordem da corôa de ferro da Austria.

Em 1816 foi nomeado secretario da nova fundação dos estudos da Universidade de Coimbra, por insinuação da mesma, que o nomeára seu procurador aqui.

Em 1818 mereceu o titulo de conselho e a 13 de Maio de 1820 recebeu o de cavalleiro da N. S. da Conceição de Villa Viçosa, sendo nesse mesmo anno nomeado conselheiro honorario de capa e espada do conselho da fazenda, passando pouco depois a effectivo.

Pela retirada de D. João VI, foi elle nomeado em commissão para examinar o estado do thesouro publico, tal era a confiança que gozava.

Foi deputado á constituinte brasileira; ministro do Imperio e dos estrangeiros em uma das épocas mais difficéis do Brasil.

Foi elle o ministro que em 1823 deu ao conde do Rio Maior o *ultimatum* sobre a cisão entre os dois povos.

Já não era ministro quando se dissolveu o constituinte.

Foi membro do conselho de Estado creado em 13 de Novembro de 1823 para o preparo de nossa constituição, *por ser homem probó, e amante da dignidade imperial e liberdade dos povos*, assim diz o decreto que o nomeou.

Foi eleitor da freguezia do Sacramento desta Côrte, nas eleições directas; e depois de ser

eleito por diversas provincias, foi escolhido senador pela provincia da Bahia em 19 de Abril de 1826.

Em 4 de Abril de 1824 recebeu a Dignitaria do Cruzeiro; em 12 de Outubro de 1825 teve a mercê de primeiro visconde de Caravellas, com grandeza, sendo elevado a marquez nesse mesmo anno.

Ministro da justiça e interino do Imperio em 13 de Novembro de 1826, por occasião da viagem de D. Pedro I ao Rio Grande do Sul, deixou o poder em Janeiro de 1827, para de novo occupar a pasta do Imperio de 3 de Novembro de 1829 até fins do anno de 1830.

Foi nesse ministerio que elle referendou o decreto de 13 de Janeiro que mandou vigorar os Estatutos da Sociedade de Medicina que em reconhecimento o nomeou seu socio honorario, honraria que tambem lhe dispensou a academia agricola manufactureira e commercial de Paris, e por outras sociedades scientificas.

A revolução de 7 de Abril de 1831, fez que inspirada e expontaneamente a Assembléa Geral o elegeisse para um dos regentes do Imperio, que por suas molestias e avançada idade occupou por curto espaço, contribuindo muito para a alliança dos partidos, retirando-se á tranquillidade da vida privada.

Morreu pobre, mas rico de merecimentos e serviços, no dia 8 de Setembro de 1836 e jaz sepultado na igreja da ordem terceira dos mínimos desta cidade.

José Joaquim Coelho

Nasceu em Lisboa aos 25 de Setembro de 1797; forão seus pais Joaquim José Coelho e D. Thereza Maria de Jesus.

Chegando ao Rio de Janeiro em 1811, onde se achava seu tio o chefe de esquadra Garção, sentou praça como voluntario, em o 1º batalhão de fuzileiros, e fazendo parte da expedição a Pernambuco em 1817, chegou como praça do batalhão de granadeiros.

Foi promovido a alferes em 12 de Outubro de 1823; a tenente a 8 de Março de 1823, a capitão em 15 de Junho de 1825, major graduado em 2 de Agosto, e a effectivo em 12 de Outubro de 1825, tenente-coronel em 5 de Fevereiro de 1827, coronel em 20 de Agosto de 1838, brigadeiro graduado em 2 de Dezembro de 1839, effectivo em 7 de Setembro de 1842, com antiguidade de 19 de Julho de 1841; marechal de campo graduado em 14 de Março de 1849; effectivo em 9 de Março de 1852; tenente-general

graduado em 2 de Dezembro de 1856 ; e effectivo 2 de Dezembro de 1858.

Foi nomeado commandante das armas de Pernambuco em 3 de Fevereiro de 1855.

Conselheiro de guerra em 2 de Junho de 1858.

Primeiro barão da Victoria, com grandeza, em 14 de Março de 1860.

Além disso foi mais de uma vez deputado, commandante das armas e presidente de provincia.

Era apenas sargento ajudante quando installando-se na Goyana o governo provisorio, ao soar o grito da liberdade, elle por sua influencia conseguiu que o 1º batalhão de caçadores, a que pertencia, sustentasse aquelle governo.

O nome e a vida deste general são por demais conhecidos pelo povo e pelo exercito brasileiro.

Falleceu na cidade do Recife, em Pernambuco, em 19 de Junho de 1860, e tal foi o sentimento popular por seu passamento, que ao passar seu enterro não se via uma só loja aberta.

José Joaquim da Cunha Azevedo Coutinho (D.)

Nasceu a 8 de Setembro de 1743, na cidade de Campos, provincia do Rio de Janeiro.

Feitos seus primeiros estudos em Nictheroy,

passou á Universidade de Coimbra, onde tomou grau de licenciado em Canones, e foi apresentado Arceediago da Sé do Rio de Janeirø em 26 de Setembro de 1784, confirmado em 31 de Janeiro de 1785; tomou posse por procuração em 2 de Fevereiro de 1786.

Deputado do Santo officio da Inquisição de Lisboa, tomou posse a 15 de Setembro de 1785; eleito a 21 de Novembro de 1794 para a cadeira episcopal de Pernambuco e confirmado por Pio VI, sagrou-se a 25 de Janeiro de 1795 no convento novo de Jesus, e chegou a seu bispado a 25 de Dezembro de 1798.

Fundou o seminario de Nossa Senhora da Graça, dando-lhe excellentes estatutos que se publicárão em 1798, sendo a seus rogos, cedidos pela rainha D. Maria I, o collegio e igreja dos jesuitas com todas as suas pertenças para o mesmo seminario.

Deu estatutos ao recolhimento de Nossa Senhora da Gloria; obteve augmento das congruas do seu cabido; como governador da capitania, por ausencia do governador, conseguiu organizar um regimento completo de artilharia.

Nomeado a 19 de Março de 1802 para o bispado de Miranda e Bragança, por ordem régia se recolheu ao convento de S. Vicente de Fóra, deixando Pernambuco a 5 de Julho de 1802; por despa-

cho de 15 de Novembro de 1817 foi trasladado para o bispado de Beja, que renunciou, sendo então provido do alto cargo do Inquisidor geral do Santo officio, e presidente da junta de melhoramento das ordens regulares, por despacho de 13 de Maio de 1818.

Falleceu a 12 de Setembro de 1821 como deputado ás côrtes portuguezas pelo Rio de Janeiro e jaz na casa do capitulo dos padres de S. Domingos em Lisboa.

Importantes são os serviços ao paiz natal e valiosos os seus escriptos em desaseis volumes, que correm impressos.

José Joaquim de Lima e Silva.

Nasceu a 26 de Julho de 1787.

Foi em 1823 nomeado commandante do batalhão do Imperador em sua primeira organização, seguindo com esse batalhão para a provincia da Bahia onde cobrio-se de gloria. Em 1824 foi nomeado ajudante de campo de S. M. o Imperador. Em 1831 commandante das armas da côrte.

Deputado a assembléa geral em diversas legislaturas, pela provincia do Piauhy, deu alli provas de seu saber pelo que foi chamado ao

conselho de Estado e á presidencia do supremo tribunal militar.

Na legislação militar e de marinha deixou elle muitas provas de suas luzes e pratica administrativa.

Falleceu nesta côrte a 24 de Agosto de 1855, sendo: general marechal do exercito; veador; conselheiro de Estado; presidente do conselho supremo militar; dignitario do cruzeiro; commendador de S. Bento d'Aviz; commendador da Rosa; medalha da guerra da Independencia (Bahia) e Visconde de Magé.

José Leandro.

Nasceu em Magé, de uma familia pobre.

Aprendeu desenho com o primeiro desenhista, que aqui houve, chamado Manoel Dias.

No tempo do reinado foi José Leandro o mais notavel pintor historico, e o fiel retratista da época; os melhores retratos que existem de D. João VI são devidos ao seu pincel.

Pintou o tecto da capella mór da igreja do Bom Jesus; decorou o tecto da varanda da acclamação de D. João VI; e fez todos os quadros da capella imperial.

Foi tambem bom pintor scenographo; para

o theatro de S. João (hoje S. Pedro) fez bellos scenarios.

Existem na sachristia da igreja do Parto dous lindos quadros que descrevem o incendio e reconstrucção do recolhimento do Parto no anno de 1789.

José Leandro era artista activo e esculpulozo; homem cortez e affavel; era amado pelos que o conhecião; com os seus amigos repartia os seus favores.

Havendo um concurso entre todos pintores, excedeu a todos na execução do quadro do altarmór da capella imperial, onde vê-se retratada toda a Familia Real.

Em 1831, nessa época de effervescencia politica, tratárão de apagar a imagem desse principe que deixava e foi elle o escolhido para destruir o seu proprio trabalho.

Desde então perdeu a saude e a alegria. Exilando-se voluntariamente para Campos, lá findou os seus dias pobre e esquecido de todos.

Em 1850, o artista João Caetano Ribeiro descobriu que um simples preparado de colla encobria as bellezas daquelle quadro, e com seu talento e pericia resuscitou esse bello monumento artistico.

**José Mariano da Conceição Velloso
(Frei).**

Nasceu na comarca do Rio das Mortes, bispado de Mariana, no anno de 1742, filho legitimo de José Velloso do. Carmo e D. Rita de Jesus Xavier, e chamou-se no seculo José Velloso Xavier.

Concluido o seu curso de latinidade foi remettido á provincia do Rio de Janeiro onde foi aceito no convento de S. Boaventura de Macacú aos 11 de Abril de 1761, professando no mesmo convento a 12 de Abril de 1762.

Enviado ao convento de Santo Antonio desta côrte, matriculou-se no curso de philosophia e fazendo-se sempre distinguir entre os companheiros de estudo em 1766 recebeu ordens menores e sacras.

Foi eleito prégador em 23 de Julho de 1768; instituido confessor dos seculares e passante de geometria da cidade de S. Paulo a 27 de Julho de 1771; lente de Rhetorica da mesma cidade a 8 de Maio de 1779; Mestre de Historia Natural a 25 de Janeiro de 1786; lugares estes a que foi provido por seu merito e saber.

Por ordem do Vice-Rei Luiz de Vasconcellos, de grata memoria para os Brasileiros, em compa-

nhia de Fr. Francisco Solano, e através de perigos, molestias e fadigas, percorre toda a provincia do Rio de Janeiro, e consegue a feitura dessa celebre obra escripta em latim: *Flora Fluminense ou descripção das plantas que nascem espontaneas no Rio de Janeiro*; que concluiu em 1790, e em pessoa apresentou na côrte de Lisboa, com admiração de todos os professores de botanica por vêrem tal saber em um homem que sem auxilio de mestres tanto se avantajava na sciencia, tendo classificado 1,640 vegetaes de generos e especies novos.

Julgada inteiramente perdida esta preciosa obra, foi por Fr. Antonio de Arrabida encontrada na Bibliotheca Publica da côrte em 1825, e por ordem de D. Pedro I impressa na typographia nacional, e as gravuras em Paris, formando a *Flora Brasileira* 11 volumes em folio grande, contando cerca de 1,700 estampas.

Em Lisboa foi honrado com a amizade de muitos homens distinctos, e o Principe Regente o nomeou director da—*Typographia Chalcographica, Typoplastica e Litteraria do Arco do Cego*— consagrada á impressão de obras sobre a agricultura, onde se imprimio a sua preciosa collecção de 11 volumes, sobre a agricultura do Brasil, ornada de estampas, sob o titulo — *Fazendeiro do Brasil*.

Muitas e numerosas fôrão suas obras alli impressas sobre a agricultura, botanica e historia natural.

Findo este estabelecimento pela sua incorporação á impressão régia em 29 de Dezembro de 1768, continuou a ser um dos directores deste novo estabelecimento.

Por seus avultados e relevantes serviços foi instituido padre ex-provincial de S. A. Real o Principe Regente, com a pensão de 500\$000.

Deveu ás suas luzes o ser admittido socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e de outras sociedades scientificas e litterarias, e obter o breve apostolico para no convento de Santo Antonio desta côrte poderem celebrar a festividade do Coração de Maria, que pela primeira vez celebrou-se em seu regresso á patria em 1809.

Chegado a esta côrte, recolheu-se ao convento de Santo Antonio e ahi falleceu de hydrothorax, á meia noite de 13 para 14 de Julho de 1811, contando perto de 70 annos.

Deixou por sua morte uma rica livraria, que foi offerecida pela Corporação ao governo, e acha-se hoje reunida á Bibliotheca publica, como tambem varios manuscriptos seus e muitas traducções.

José Mauricio Nunes Garcia.

Nasceu no Rio de Janeiro em 22 de Setembro de 1767, e foi baptisado na igreja do Rozario, antiga Sé e Cathedral.

Na idade de 6 annos perdeu seu pai.

Cedo revelou sua propensão para a musica, e o enviáráo para a escola de Salvador José, onde em breve excedeu a todos os condiscipulos. Estudou latim com o padre Elias; philosophia com o Dr. Goulão, e foi tal o progresso, que seu mestre o propoz para substituto da cadeira, porém elle recusou.

Desejando tomar ordens sacras, achou um protector no negociante Thomaz Gonçalves, que lhe doou a casa n. 22 da rua das Marrecas; tendo este patrimonio, poude receber ordens de diacono, e cantar missa solemne em 1792.

Alcançou licença para prégar em 1798. Estudou rhetorica de 1802 a 1804 com o Dr. Manoel Ignacio da Silva Alvarenga.

José Mauricio tinha profundo conhecimento da historia e geographia e das linguas franceza e italiana, não lhe sendo estranho o grego, o inglez e o hebraico.

Foi nomeado mestre da capella da antiga cathedral em 2 de Junho de 1798, com 600\$000.

Por decreto de 26 de Setembro de 1803 foi nomeado inspector da musica da real capella com os mesmos 600\$000.

Vivendo sempre pobre ensinava gratuitamente a musica.

El-Rei D. João VI muito apreciava o talento de José Mauricio; n'um saráo dado no paço real, depois de José Mauricio ter feito ao piano bellas variações de improviso, El-Rei ficou tão entusiasmado, ouvindo o celebre artista, que tirando da farda do visconde da Villa Nova da Rainha o habito de Christo o collocou com as suas proprias mãos no peito do musico inspirado.

Já em 1816 sentio grande alteração em sua saude, pedindo ao bispo licença para dizer missa em casa, e o Sr. D. João VI, seu amigo, querendo dar-lhe uma prova de estima, ordenou que se lhe dêsse uma ração de criado particular do paço; os que governavão a Ucharia, com suas miserias e baixezas, conseguirão que a ração fôsse mudada em 32\$000 mensaes.

A fragata que conduzio a primeira imperatriz, trouxe a seu bordo uma banda de musica marcial, encantado ao vêr tal aperfeiçoamento, compôz 12 divertimentos para essa banda, e o povo reunia-se todas as tardes no largo de S.

Jorge, defronte de sua casa, para ouvir os ensaios dessa musica.

Escreveu para o real theatro de S. João a opera - *Le due Gemelle*— cuja partitura desappareceu.

Para a festa de Santa Cecilia escreveu uma brilhante partitura, que existe no archivo do Instituto Historico.

Na fazenda de Santa Cruz compoz, em 15 dias, a grande missa e credo da degollação de S. João Baptista, gastando o distincto musico Marcos Portugal um mez para compôr as matinas.

Immensa é a quantidade de peças que compôz. No archivo da capella existem mais de duas mil partituras desse prodigioso artista.

D. João VI foi sempre seu amigo e mesmo em Portugal escreveu-lhe uma carta.

Ás 6 horas da tarde do dia 18 de Abril de 1830 expirou o padre José Mauricio Nunes Garcia, cantando o hymno de Nossa Senhora.

Uma mascara em gesso das suas feições, mandada tirar pelo Sr. Porto-Alegre, existe no Museu nacional.

O padre José Mauricio foi sepultado na greja de S. Pedro.

José Monteiro de Noronha.

Nasceu na cidade de Belém a 24 de Novembro de 1723, filho de Domingos Monteiro de Noronha.

Completo seus primeiros estudos entrou para as aulas do collegio da Companhia de Jesus, ahi chegou a ter credito litterario, que os padres da companhia envidarão os maiores esforços para o attrahirem a seu gremio, resistindo a tantos convites, regressou á casa paterna; casando-se pouco depois com D. Joanna Maria da Veiga Tenorio.

Dedicando-se ao exercicio de advogado, bem soube desempenhar as funções de Juiz de Fôra quando na qualidade de vereador do Senado da Camara, substituiu este lugar no civil, crime e orphãos.

Em 1754 falleceu sua esposa, sendo grande seu desgosto por este golpe, em 20 de Fevereiro de 1756 constituiu seu patrimonio em uma fazenda de gado vaccum e cavallar.

O bispo D. Fr. Miguel de Bulhões o elevou até Presbytero, e o nomeou vigario geral do Rio Negro.

Escreveu um importante roteiro, ou taboada itineraria sobre a navegação dos rios do Pará, que não tem-se publicado; existem diversas cópias

além de muitos e relevantes serviços que prestou á causa da religião.

De seus muitos sermões, apenas existe o que prégon a 24 de Julho de 1787 na abertura do Hospital de Caridade fundado por aquelle bispo. Foi eleito a 21 de Maio do mesmo anno para vigario capitular, por morte do bispo Fr. João Evangelista.

Em 16 de Abril de 1783 tomou posse da cadeira de Arcipreste da Cathedral do Pará; em 28 de Outubro de 1783 foi vigario capitular do seu bispado; em 19 de Julho de 1790 foi governador do bispado pela retirada para Lisboa do bispo D. Fr. Caetano Brandão.

Falleceu a 15 de Abril de 1794, como verdadeiro christão, bom servidor da igreja e da patria e jaz na igreja dos Padres Mercenarios.

José Pinto de Azeredo.

Nasceu no Rio de Janeiro em 1763, filho do cirurgião-mór Francisco Ferreira de Azeredo.

Concluidos seus estudos preparatorios, passou á Europa a matricular-se no curso medico da celebre faculdade de Edimburgo, onde recebeu o gráo de doutor em 1787.

Sendo ainda estudante, escreveu uma **Memoria**

que muito o honra ; e em 1788 recebeu o grande premio que a Sociedade Harveiana de Edimburgo offereceu a quem escrevesse a melhor Memoria sobre *As propriedades chimicas e medicas das substancias chamadas liphontriticás*, sendo a sua Memoria a unica julgada digna de premio.

De volta ao Rio de Janeiro, foi o anjo tutelar dos que soffrião ; pobre ou rico encontravão-no sempre a qualquer hora do dia ou da noite.

Voltando á Lisboa em 1792 é logo depois de sua chegada nomeado physico-mór para Angola, lugar que aceita, e no qual prestou relevantissimos serviços á Portugal e á humanidade.

Em consequencia de seus padecimentos, volta á Lisboa depois de quatro annos, deixando aquelle povo saudoso e apenas chegado publica os seus *Ensaíos sobre algumas enfermidades de Angola*, que deu lugar a ser elle remunerado com o titulo de medico da Real Camara .

Em 1807 foi nomeado para acompanhar a Familia Real ao Brasil, mas algumas semanas antes desta partida fallece victima de um ataque apoplectico .

**José Ricardo da Costa Aguiar de
Andrada.**

Nasceu na cidade de Santos, provincia de S. Paulo, a 15 de Outubro de 1787 ; fôrão

seus pais o coronel Francisco Xavier da Costa Aguiar e D. Barbara Joaquina de Aguiar e Andrada.

Depois de ahí concluir seus estudos elementares, foi em 1804 enviado á Universidade de Coimbra, onde tomou o gráo de bacharel formado em leis, em 9 de Julho de 1810.

Fez parte do corpo de *Voluntarios Academicos*, de que foi chefe seu tio José Bonifacio de Andrada, organizado em seu quarto anno de estudo.

Foi nomeado juiz de fóra da cidade de Belém, no Pará, em 20 de Fevereiro de 1812; e mandado crear a ouvidoria geral de Marajó, na ilha de Joannes, em 13 de Novembro de 1819, sendo desde logo nomeado desembargador ordinario da relação da Bahia.

Durante sua estada no Pará, publicou *Os Annaes da provincia do Pará*, sendo em 1821 eleito deputado ás côrtes constituintes de Portugal, como representante de sua provincia natal, e foi um dos sete deputados brasileiros que recusou assignar a constituição alli approvada retirando-se com elles para a Inglaterra.

Achava-se ainda em Londres, quando sua provincia lhe deu um assento na assembléa geral constituinte.

Dissolvida esta, foi ainda eleito deputado á primeira legislatura.

Sendo desembargador ordinario em 24 de Janeiro de 1824; juiz conservador dos moedeiros em 16 de Outubro de 1824; ajudante do procurador da corôa em 3 de Setembro de 1825; desembargador dos aggravos em 9 de Novembro de 1827; foi nomeado ministro do supremo tribunal de justiça em 24 de Novembro de 1828.

Fallava familiarmente as linguas orientaes, e notavel era por seu muito saber.

Partio do Rio de Janeiro em 30 de Abril de 1842 para visitar os Santos Lugares e depois de dezanove mezes de sua perigração, chegou em Dezembro de 1843, e revendo seus manuscriptos, sobre tudo suas grammaticas turca e arabe, foi sorprendido pela morte em 1845.

José da Silva Lisboa.

Nasceu na cidade da Bahia a 16 de Julho de 1756; filho de Henrique da Silva Lisboa e D. Helena Nunes de Jesus.

Concluidos os estudos de preparatorios seguiu para Lisboa, e em 1774 para a Universidade de Coimbra, onde tomou gráo de bacharel formado em direito canonico e philosophico em 1779.

Voltando á terra natal foi provido na cadeira

de philosophia racional e moral, da cidade da Bahia, que exerceu por cinco annos.

Nesse tempo casou-se com D. Anna Benedicta de Figueiredo, de quem houve quatorze filhos.

Depois de dedicar-se ao ensino por vinte annos, em 1797 volta á Lisboa, obtem ser jubilado, e elevado a deputado e secretario da Mesa de inspecção da Bahia, lugar que creou.

Em 1801 publica a sua obra *Principios de Direito Mercantil*, primeira que se publicou em portuguez sobre tal materia, e que foi e é muito apreciada; em 1804 publicou os seus *Principios de Economia Politica*.

A seus esforços titanicos são devidos a publicação da Carta régia de 21 de Janeiro de 1808, que declarou livres os portos e commercio do Brasil com todos os povos, publicando nesse anno as suas *Observações sobre o commercio franco*.

Organisou o primeiro regulamento para os consulados; foi deputado do tribunal da junta do commercio, professor de economia politica, inspector dos estabelecimentos litterarios, cargo então por demais espinhoso; redactor do jornal *Conciliador do Reino-Unido*, deputado á assembléa constituinte brasileira pela sua provincia; foi deputado á assembléa geral, onde occupou distincto lugar, especialmente em 1830.

Senador do Imperio em 19 de Abril de 1826.

Foi socio do Instituto Historico de França; do Instituto Real de Napoles; da sociedade Auxiliadora da Industria Nacional; da Agricultura da Bahia e muitas outras.

Falleceu em 20 de Agosto de 1835, sendo: commendador de Christo; official do Cruzeiro; desembargador aposentado no supremo tribunal e primeiro Visconde de Cayrú, tendo publicado vinte e sete volumes de obras scientificas e prestado relevantes serviços.

A assembléa provincial da Bahia mandou collocar seu retrato em uma das salas da bibliotheca publica daquella provincia.

José de Souza Azevedo Pizarro.

Nasceu no Rio de Janeiro a 12 de Outubro de 1753; filho do coronel Luiz Manoel de Azevedo Carneiro da Cunha e D. Maria Josepha de Souza Pizarro.

Concluiu na patria seus primeiros estudos; e recebeu gráo de bacharel formado em canones na Universidade de Coimbra.

Foi apresentado em um canonicato da antiga Sé do Rio de Janeiro em 20 de Outubro de 1780, confirmado a 25 de Março de 1781.

Principiou em 1781 a escrever as suas *Memo-*

rias Historicas do Rio de Janeiro, cujo primeiro volume imprimio-se em 1812, e o nono e ultimo em 1822.

Visitou as igrejas e comarcas do reconcavo do bispado, com portarias de 17 de Agosto de 1794, e de 10 de Abril de 1799; ausentou-se de sua corporação com ordem régia de 19 de Abril de 1801; foi provido em uma das conezias da Sé patriarchal de Lisboa em 7 de Junho de 1802; e teve a mercê do habito de Christo, ordem em que professou, como recompensa pelos serviços de seu pai.

Voltou á patria com a familia real embarcado na náó *Principe Real*.

Em 22 de Abril de 1808 foi nomeado procurador geral das tres ordens militares.

Monsenhor presbytero, thesoureiro-mór, em 15 de Junho de 1809 e 11 de Agosto do mesmo anno; arcipreste da real capella do Rio de Janeiro em 14 de Agosto dito, recebendo o titulo de conselho a 25 desse mesmo mez e anno.

Cavalleiro da Torre e Espada por Decreto de 21 de Dezembro de 1809; deputado da Mesa de consciencia e ordens em 5 de Março de 1821, e foi encarregado de lançar os habitos de Christo e Aviz em 28 de Maio do mesmo anno.

O máo estado de sua saude por tão valiosos trabalhos e importantes estudos fez apparecer o

Decreto de 12 de Outubro de 1828, que o aposentou no supremo tribunal de justiça.

Falleceu quasi repentinamente passeando no Jardim Botânico no dia 14 de Maio de 1830.

Foi um sacerdote respeitavel ; um juiz integro, um escriptor severo.

L

Lucas Antonio Monteiro de Barros.

Nasceu a 18 de Outubro de 1767.

Foi do conselho de S. M. o Imperador; grande do Imperio; desembargador; ministro aposentado do supremo tribunal de justiça; primeiro Barão primeiro Visconde de Congonhas do Campo; commendador da ordem de Christo; official do Cruzeiro.

Falleceu no Rio de Janeiro a 10 de Outubro de 1851.

Luiz Alves de Lima e Silva.

Nasceu a 25 de Agosto de 1803, no arrayal do porto da Estrella; filho do marechal de campo Francisco de Lima e Silva e sua esposa D. Mariana Candida de Oliveira Bello.

Casou em 6 de Janeiro de 1833 com D. Anna Luiza Carneiro Vianna.

Assentou praça no 1º regimento de infantaria de linha da côrte em 22 de Novembro de 1808.

Concluio seus estudos na Real Academia Militar da côrte em 1819, sendo já alferes.

Em Outubro de 1822, sendo então tenente, foi escolhido por D. Pedro I para o lugar de ajudante do batalhão do Imperador.

Marchando com esse batalhão para a Bahia contra as tropas portuguezas, deu taes provas de valor, que foi um dos primeiros agraciados com o gráo de cavalleiro do Cruzeiro, na occasião da instituição dessa ordem.

Sendo já capitão seguiu para Montevidéo em Junho de 1825 com seu batalhão para debellar a revolta do general Lavalleja, e alli, como major de brigada, ganhou tal nomeada nos reencontros com as forças do general Oribe, que alcançou real influencia entre todo o exercito.

Em premio de seu denodo recebeu então a commenda da ordem militar de S. Bento de Aviz, sendo elevado a major na terminação dessa luta.

Creada a ordem da Rosa em 1829, foi elle um dos primeiros agraciados no gráo de cavalleiro.

Nos calamitosos dias de Abril de 1831, após a abdicção, quando a cidade era ameaçada pelas desordens e pelo saque, elle reune alguns officiaes

seus parentes e amigos, e rondão incessantemente as ruas commerciaes da cidade; essa reunião de officiaes regularisou-se e constituiu-se n'um corpo sob a denominação de — BATALHÃO DE OFFICIAES-SOLDADOS VOLUNTARIOS DA PATRIA — de que foi elle 2º commandante.

Na organização da guarda nacional, por esse tempo, foi nomeado seu instructor.

Creado o corpo — Municipal Permanente — pelo regente Feijó, foi, no posto de major, nomeado para organisa-lo e commanda-lo.

A' testa deste corpo suffocou na praça d'Acclamação a revolta de 3 de Abril de 1832, e em Mata-porcós a de 17 do mesmo mez e anno.

Em 1837, já então tenente-coronel, acompanhou o ministro da guerra Sebastião do Rego Barros á provincia do Rio Grande do Sul, rebellada desde 1835, levando 200 praças addidas ao corpo de municipaes permanentes de cujo commando não foi desligado.

Promovido a coronel em 2 de Dezembro de 1839, recebeu a carta imperial de 14 do mesmo mez nomeando-o presidente da provincia do Maranhão, e o encargo de commandar em chefe todas as forças incumbidas de operar contra a revolta dessa provincia.

A 2 de Dezembro de 1841 deixava a presi-

dencia dessa provincia, tendo-lhe offertado, os doces fructos da paz e do congraçamento das rivalidades exaltadas.

A 2 de Agosto de 1840 foi nomeado Veador das Princezas Imperiaes.

A 18 de Julho de 1841, promovido a brigadeiro, foi agraciado a Barão de Caxias, sendo eleito unanimemente deputado pela provincia do Maranhão como prova de gratidão do povo daquella provincia pelos seus serviços.

Em 21 de Março de 1842 foi nomeado commandante das armas da côrte.

Nomeado a 18 de Maio de 1842 para commandar em chefe as forças em operações na provincia de S. Paulo, e seu primeiro Vice-presidente, em menos de 24 horas embarcou com 400 recrutas apenas com destino á cidade de Santos; foi tal a tactica, coragem, e promptidão que desenvolveu nessa missão, que a 23 de Julho, por ordem superior, voltava á côrte deixando inteiramente pacificada a provincia de S. Paulo.

Nesse mesmo dia 23 de Julho de 1842 foi nomeado ajudante de campo de S. M. o Imperador, sendo o primeiro a quem essa honra foi conferida: 40 horas depois de sua chegada, a 25 do mesmo mez, recebia a nomeação de commandante em chefe das forças legaes da provincia de Minas, para onde marchou.

O combate de Santa Luzia em 20 de Agosto de 1842 deu fim áquella revolta com o triumpho da ordem, e completa pacificação da provincia.

Retirando-se para a côrte, recebeu no alto da serra de Sabará o Decreto de 29 de Agosto de 1842 em que era promovido a marechal de campo, e a carta confidencial de José Clemente Pereira, então ministro da guerra, em que lhe annunciava a resolução de envia-lo á provincia do Rio Grande, apenas chegado á côrte.

Seguindo para aquella provincia, vio coroados de felizes resultados os seus esforços de dous annos e meio, restabelecendo a paz da provincia, e cordialmente congrassando todos os Rios-Grandenses.

Em remuneração o Governo Imperial elevou-o, em 25 de Março de 1845, a Conde de Caxias; deu-lhe a effectividade do posto de marechal de campo, e os Rio-Grandenses em prova de sua gratidão o collocarão no primeiro lugar da lista triplice de senador pela sua provincia, sendo escolhido a 1 de Setembro de 1845.

Foi deputado em 1844 como representante da provincia de S. Paulo, que pacificára, como tambem foi eleito pela provincia do Rio de Janeiro, não podendo tomar assento pela ardua tarefa de que estava encarregado.

Por Decreto de 16 de Junho de 1851 foi

segunda vez nomeado presidente da provincia do Rio Grande do Sul e commandante em chefe do exercito, que alli se devia organisar.

A' frente de 20,000 homens e de combinação com os generaes Urquiza e Garson, manobrarão por tal fórma as forças alliadas que após a derrota das forças de Rosas em 3 de Fevereiro de 1852, no Arroyo Moron, vimos sua vergonhosa fuga, e o triumpho da causa da alliança.

Concluida sua missão, regressando ao territorio do Imperio, ahi recebeu em 3 de Março de 1852 o posto de tenente-general, e a elevação a Marquez de Caxias a 26 de Junho do mesmo anno.

A 14 de Junho de 1855 foi nomeado ministro da guerra.

A 3 de Setembro de 1856, por morte do Marquez de Paraná, foi honrado com a presidencia do conselho, conservando-se na mesma pasta da guerra.

Ministro da guerra e presidente do conselho no gabinete 2 de Março de 1861.

Marechal de exercito effectivo em 10 de Outubro de 1868, foi nesse mesmo dia nomeado commandante em chefe do exercito brasileiro na Republica do Paraguay, vingando a affronta que nos fôra lançada pelo dictador daquella Repu-

blica; partio a 22 do mesmo mez e anno a tomar posse do mesmo commando.

Depois de larga carreira de triumphos, comanda em pessoa os ataques de Villeta, Augustura, Loma-Valentinas em dias de Dezembro de 1868, e faz sua entrada em Assumpção, passando esse commando ao general Guilherme em 18 de Janeiro de 1869, deixa aquella cidade a 19, vindo aguardar em Montevideo as ordens do governo; chegando á esta capital em 15 de Fevereiro á noite, seus amigos não pudérão fazer-lhe a recepção que lhe havião preparado.

Em remuneração de seus serviços o Imperador fez-lhe a especial graça de eleva-lo a Duque de Caxias em 23 de Março de 1869, tendo-o na vespera exonerado daquelle commando.

Mais tarde um decreto especial lhe confere a grande medalha de ouro da Ordem do Merito, e com ella vem as felicitações das grandes corporações do Estado e do povo.

Luiz da Cunha Moreira.

Nasceu na cidade da Bahia em 1º de Outubro de 1777.

Na idade de sete annos seguiu para Lisboa, onde estudou preparatorios. Em 3 de Outubro

de 1795 matriculou-se no Collegio dos Nobres daquela cidade, e, tendo concluido todo o curso, embarcou.

Em 1799 foi promovido a 2º Tenente, e servio em diversos navios na qualidade de official.

Commandou diversos vasos, entre elles os brigues *Espadarte*, *Real João*, *Infante D. Pedro*, *Gaiivota*; fragatas *Thetis*, *União*, *Real Carolina*

Servio em diversas commissões no Pará, durante o tempo que alli servio o capitão-general Conde dos Arcos.

Foi ajudante de ordens do major-general, que conduzio ao Brasil a familia real.

Commandando um vaso de guerra seguiu com a expedição do Pará para a conquista da Cayena Franceza; commandou a força de mar que desembarcou em Proaqui, que foi conquistado; ahi foi ferido na cabeça com um golpe de espada; assistio a todos os desembarques até a tomada de Cayena, onde tambem esteve; seguiu depois para a França no navio de seu commando, na qualidade de parlamentar; e, concluida a commissão, retirou-se ao Rio de Janeiro, onde chegado foi promovido por distincção; seguiu depois para Buenos-Ayres em commissão secreta do ministerio dos negocios estrangeiros.

Foi um dos que desembarcárão e tomárão Maldonado em 1816.

Assistio ao bloqueio de Pernambuco em 1817.

Foi ministro da marinha desde 1822 até fins de 1823, retirando-se por não querer assignar o decreto para a dissolução da constituinte.

Foi inspector do arsenal de marinha da côrte por duas vezes ; intendente do mesmo duas vezes, e uma vez commandante director da academia de marinha.

Nomeado presidente do Pará em 12 de Abril de 1831, não aceitou.

Foi nomeado muitas vezes para examinar o estado dos arsenaes de marinha e guerra e outras commissões.

Falleceu nesta côrte em 28 de Agosto de 1865, sendo : Grande do Imperio ; almirante reformado da armada ; fidalgo cavalleiro da Casa Imperial ; conselheiro de guerra ; gran-cruz de Christo ; grande dignitario da Rosa ; medalha de ouro da Campanha Cisplatina de 1817 a 1822 ; grande medalha da Conquista de Cayena ; cavalleiro da Torre e Espada de Portugal, e Visconde de Cabo Frio.

Luiz José de Oliveira.

Nasceu na Bahia em 21 de Junho de 1779.

Era bacharel formado ; grande do Imperio ; do conselho de S. M. o Imperador ; presidente

do Senado; desembargador; membro aposentado do Supremo Tribunal de Justiça; senador pela provincia do Piauhy em 19 de Abril de 1826; dignitario do Cruzeiro; commendador de Christo e primeiro Barão de Monte-Santo. Falleceu no Rio de Janeiro em 21 de Março de 1851.

M

Manoel Alves Branco.

Nasceu em 7 de Junho de 1797 na Bahia.

Formado em direito pela Universidade de Coimbra em 1823, regressou á patria em 1824.

Foi despachado juiz do crime da Bahia; juiz de fóra de Santo Amaro, e juiz de fóra da côrte em 1830; sendo eleito deputado geral por aquella provincia nesse anno.

Em 1832 occupou o lugar de contador geral do thesouro; é chamado ao ministerio da justiça e estrangeiros.

Em 1837 é nomeado conselheiro de Estado e em 13 de Junho do mesmo anno é escolhido senador por sua provincia.

Falleceu nesta côrte a 13 de Julho de 1855, sendo official do Cruzeiro; e segundo Visconde de Caravellas.

Por sua illustração, por seus serviços; por sua

inteireza, deixou um bello nome para as paginas da historia patria, e á sua viuva e filhos a mais honrosa pobreza.

Manoel Antonio Alvares de Azevedo.

Nasceu em Itaborahy em 10 de Julho de 1773; fôrão seus pais o mestre de campo Alexandre Alvares de Azevedo e D. Anna Maria Joaquina Duque-Estrada.

Prestou relevantes serviços á sua patria, principalmente na época da independencia; generoso e esmoler, era amado e respeitado pelos pobres, aos quacs sempre protegeu.

Sem pedir nem requerer foi condecorado por D. Pedro I com os habitos do Cruzeiro e de Christo; do mesmo modo o Sr. D. Pedro II o honrou com a commenda de Christo, e com o titulo de Barão de Itapacorá.

Falleceu a 23 de Agosto de 1855, no estado de solteiro e estimado por todos os que o conheciam.

Manoel Antonio Ribeiro de Castro.

Nasceu em 8 de Novembro de 1767 no lugar de Aldros, arcebispado de Braga em Portugal.

Em 1786 matriculou-se negociante na real junta de Lisboa, onde esteve até 1789 em que

embarcou para o Rio de Janeiro, de onde partio em 1790 para Campos dos Goytacazes, onde se estabeleceu com fazendas seccas.

Em 1797 retirou-se para sua fazenda do Queimado, onde falleceu a 26 de Maio de 1854, deixando uma prole de 76 descendentes que o veneravão.

Foi cavalleiro de Christo; Official da Rosa e Barão de Santa Rita.

Manoel Ignacio da Cunha.

Natural da Bahia, foi um daquelles homens a quem muito devem sua provincia e o Estado, pois que em todas as épocas prestou-lhes relevantissimos serviços.

Foi vice-presidente da provincia, commandante superior da guarda nacional; senador do Imperio pela mesma provincia em 3 de Novembro de 1827, commendador das ordens de Christo e Rosa, e Visconde do Rio Vermelho.

Falleceu em 16 de Janeiro de 1850 na cidade da Bahia, causando sua morte dolorosa impressão na população.

Manoel Ignacio de Mello e Souza.

Nasceu na villa de Val-de-Vez no reino de Portugal em 1781 ou 1782.

Obtendo o grão de bacharel na Universidade

de Coimbra, e haver *lido* no desembargo do Paço em Lisboa, veio para o Brasil em 1806.

Do Rio de Janeiro seguiu para a cidade de Marianna, em Minas, onde residia um seu tio e protector.

Despachado juiz de fóra para a capital de Goyaz, apesar da distancia, para lá partio, e depois de exercer por largos annos aquelle lugar, foi promovido a ouvidor da comarca de S. João d'El-Rei, em Minas-Geraes.

Em 1816 teve o predicamento da relação da Bahia, com o exercicio de ouvidor.

Em 1821 foi eleito pelo povo para fazer parte do primeiro governo provisório, que se installou na capital de Minas-Geraes, naquelle anno.

Em 1823, organisados os governos das provincias, foi novamente eleito membro do conselho do governo.

Jurada a Constituição, a mesma provincia o elegeu seu deputado á assembléa geral.

Por esse tempo, pouco mais ou menos, foi removido por accessão para a casa da supplicação.

A 22 de Abril de 1831 toma posse da presidencia da provincia de Minas-Geraes, por nomeação da regencia provisoria.

Em 1834 foi eleito deputado á primeira assembléa provincial daquella mesma provincia,

continuando a sê-lo até 1838, da qual, por mais de uma vez, foi presidente.

A 26 de Setembro de 1826 o regente Feijó o escolheu senador por aquella provincia.

Condecorado pelo Rei de Portugal com a mercê da ordem de Christo, foi em 1840 nomeado por S. M. Imperial commendador da mesma ordem, em 1841 foi agraciado com o titulo de Barão do Pontal e mais tarde fôrão-lhe concedidas as honras de grande do Imperio.

Carregado de serviços e de honras, mas extenuado pela grave enfermidade que ha annos soffria, falleceu a 20 de Maio de 1859.

Manoel do Monte Rodrigues de Araujo.(D.)

Nasceu em Pernambuco em 1798, filho legitimo do negociante João Rodrigues de Araujo e de D. Catharina Ferreira de Araujo.

Confiado aos cuidados dos padres da Congregação do Oratorio, logo que fez seus primeiros estudos no Recife, alli se achava quando rebentou a celebre revolução de 1817, que arvorou os estandartes da republica do Equador, o que deu motivo á sua retirada para Olinda em companhia de seu irmão, que como elle se dedicava á vida clerical.

Em 17 de Fevereiro de 1822 teve lugar sua ordenação no Rio de Janeiro, recebendo a uncção sacerdotal das mãos do virtuoso prelado, então bispo desta diocese, o Exm. Sr. D. José Caetano da Silva Coutinho.

Eleito deputado por Pernambuco veio para o Rio de Janeiro em 1837, onde fez-se tão conhecido por suas virtudes e saber, que o regente em nome do Imperador o escolheu por Decreto de 10 de Fevereiro de 1839, confirmado pelo Summo Pontifice Gregorio XVI, por Bulla de 23 de Dezembro de 1839, para occupar a cadeira desta diocese, vaga por morte do bispo.

Ainda uma vez deputado pelo Rio de Janeiro na seguinte sessão, retirou-se das lutas politicas para entregar-se todo ao apascentamento do rebanho de sua igreja, que o venerou até seus ultimos momentos.

Alma generosa, coração caridoso, o monumento que fará eterna sua memoria entre os Fluminenses, está no seu testamento.

Foi capellão-mór de S. M. o Imperador, Conde de Irajá, e condecorado com diversas ordens nacionaes, prelado domestico e assistente do solio pontificio de Sua Santidade Padre Pio IX.

Seu saber e grande illustração se achão no muito

afamado Compendio de Theologia Moral, e os Elementos do Direito Canonico.

Desceu ao tumulo em 12 de Junho de 1863, entre as benções do povo que o venerava e muito pranteou sua morte.

Marcellino José Ferreira Armond.

Nasceu na cidade de Barbacena em 1786.

Foi coronel commandante superior da guarda nacional em Minas; primeiro Barão de Pitangui.

Falleceu no lugar de seu nascimento em 17 de Janeiro de 1850.

Mariano José Pereira da Fonseca.

Nasceu no Rio de Janeiro a 18 de Maio de 1773; filho legitimo do negociante Domingos Pereira da Fonseca e sua esposa D. Theresa Maria de Jesus.

Na idade de 11 annos foi enviado a Portugal, estudando os preparatorios no real collegio de Mafra, e em 1793 tomou o gráo de bacharel formado em mathematicas e philosophia.

Querendo estudar medicina em Edimburgo, a morte de seu pai o forçou a voltar á patria, onde chegou em principios de 1794, fazendo logo parte da *Academia Scientifica*, que fôra aqui fundada pelo illustre Marquez do Lavradio.

A 4 de Dezembro da 1794, como membro dessa Academia, é preso por ordem do taciturno Conde de Rezende, junto com o poeta Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, e retido incommunicavel por dous annos, sete mezes e quinze dias, nos calabouços da ilha das Cobras.

Livre, por ordem régia, continuou em sua profissão de negociante, até que suas qualidades o chamárão á vida publica em 1802.

De 1802 a 1821 servio os lugares de : deputado da agricultura na mesa da inspecção do Rio; deputado da junta do commercio, desde sua fundação; director-thesoureiro da real imprensa; administrador-thesoureiro da fabrica da polvora; censor régio por mais de dous annos; e além disso foi por várias vezes ouvido nos conselhos d'El-rei D. João VI, com assistencia dos ministros.

Em 1821 foi eleito deputado secretario da junta provisoria, creada no Rio de Janeiro.

Em 13 de Novembro de 1823 foi chamado a occupar a pasta da fazenda, que servio até 23 de Novembro de 1825.

Fez parte do conselho de Estado, que preparou a constituição jurada em 1824; foi escolhido senador pelo Rio de Janeiro em 22 de Janeiro de 1826, sendo mais tarde nomeado Visconde, e depois Marquez de Maricá.

Na idade de 60 annos começou a escrever suas *Maximas*, que publicou em seis volumes, producto de 13 annos de suas locubrações, que distribuiu gratuitamente.

Falleceu no Rio de Janeiro aos 16 de Setembro de 1848.

Depois da pagar seu tributo para a organização politica de seu paiz, retrahio-se á solidão, e profundo pensador e moralista legou á humanidade um thesouro, e baixou ao tumulo saudando o sol da gloria que lhe despontava !

Martinho Alvares da Silva.

Nasceu em Pitangui, provincia de Minas, a 11 de Novembro de 1769; fôrão seus pais o capitão Alvares da Silva e D. Anna Maria de Jesus.

Assentou praça de cadete e chegou a ser tenente-coronel, exerceu todos os cargos magistraticos , e em 1831 foi elevado a coronel do regimento de cavallaria de Pitangui.

Em 1842 foi nomeado delegado do chefe de policia de Pitangui.

Em 1845 foi nomeado commandante superior da guarda nacional daquela localidade.

Casou-se com D. Isabel Jacintha de Oliveira

Campos, de cujo matrimonio houve vinte e dous filhos.

Falleceu em 9 de Abril de 1846.

Miguel Calmon du Pin e Almeida.

Foi baptisado na cidade de Santo Amaro, provincia da Bahia, em 1796; filho de José Gabriel Calmon e Almeida e sua mulher D. Maria Germana de Souza Magalhães.

Cursando a Universidade de Coimbra, depois de muito laureado, obteve o gráo de doutor em Leis no anno de 1821.

Apenas formado foi nomeado juiz de fóra de Porto de Moz em Portugal, lugar que não aceitou, volvendo ao sólo da patria em 1822.

Nesse momento era sua provincia agitada pela luta das tropas do paiz com as portuguezas, nessas conjuncturas foi nomeado pela villa de Abrantes membro do conselho interino de governo installado na então villa da Cachoeira, onde firme se conservou por quasi um anno.

Grande foi a influencia que lhe derão esses movimentos, o que valeu-lhe um lugar, como representante dessa mesma provincia, na assembléa constituinte, e da qual era primeiro secretario no mez em que o Imperador a dissolveu.

Nos principios de 1824 deixou a patria para

viajar a Europa, por onde se demorou até os fins de 1826.

Eleito deputado em 1825, achando-se ainda ausente, tomou assento em 1827, sendo no fim dessa sessão chamado aos conselhos da Corôa.

Relevantes fôrão seus serviços nesse ministerio em que occupou a pasta da fazenda, organisando a *Caixa da Amortização*, sendo esse o tempo da calamitosa guerra com Buenos-Ayres.

Chamado de novo á mesma pasta em 1828, nella servio até 1829 em que foi transferido para a de estrangeiros, na qual permaneceu até 1830.

D. Pedro I remunerou seus serviços com a dignitaria do Cruzeiro, e com a gran-dignitaria da Rosa no mesmo dia que esta ordem foi creada.

Foi de novo eleito pela Bahia como deputado á segunda legislatura.

Em 1831 achava-se na Europa quando deu-se o acto de abdicção ; ao receber a noticia, que o foi surprehender tão longe do Brasil, a elle voltou tomando parte importante nas agitadas sessões de 1832 e 1833 ; 1834, 1835 e 1836 passou-os elle na tranquillidade da vida da familia, sendo mesmo ahi util á patria, pela fundação de uteis sociedades de agricultura e colonisação, de que foi presidente.

Desse retiro o quiz arrancar a nomeação de

presidente da provincia da Bahia, que lhe enviou a regencia, que elle recusou, como a nomeação de ministro plenipotenciario do Brasil em Vienna d'Austria.

Tomando assento na camara, como supplente em 1837, foi um dos que concorreu para a retirada de Feijó, sendo chamado á pasta da fazenda do gabinete de 19 de Setembro desse mesmo anno, e a elle se deve a regularisação da emissão dos bilhetes do theouro.

Apresentado na lista triplice de senadores pelas provincias da Bahia, Rio de Janeiro e Ceará, coube a esta ultima provincia em tê-lo como seu representante desde 20 de Julho de 1840.

Chamado á fazer parte do ministerio da maioridade declinou dessa honra.

Em 1840 casou-se no Rio de Janeiro com a Exma. Sra. D. Maria Carolina da Piedade Bahia, filha do Barão de Merity.

Ministro da fazenda do gabinete de 23 de Março de 1841.

Conselheiro de Estado ordinario em 1843, sendo em 1844 enviado a Berlim em missão especial.

Regressando á patria em 1847 prestou serviços mui importantes como presidente da Sociedade Auxiliadora e da Mesa do Recolhimento de Santa Theresa ; Commissario do Instituto dos Me-

ninos Cegos ; presidente da commissão fundadora do Instituto dos Surdos-Mudos; provedor da Santa Casa da Misericordia, e presidente da Imperial Academia de Musica.

Nomeado em 1849 Visconde de Abrantes, com grandeza, foi em 1854 elevado a Marquez do mesmo titulo.

Ministro de estrangeiros do gabinete de 30 de Maio de 1862, manteve com energia a dignidade do paiz, diante da insolencia de Christie, em cujo gabinete tambem occupou interinamente a pasta da fazenda.

Falleceu nesta côrte a 13 de Setembro de 1865, rodeado da consideração publica por seus grandes serviços, sendo o unico brasileiro grã-cruz do Cruzeiro desde 1861.

N

Nicoláo Pereira de Campos Vergueiro.

Nasceu na cidade de Bragança, em Portugal, a 20 de Dezembro de 1778.

Em 1801 formou-se na Universidade de Coimbra bacharel em direito civil.

Em 1802 passou a residir na provincia de S. Paulo, onde exerceu a advocacia, e alli casou

com D. Maria Angelica de Vasconcellos, filha do capitão José Andrade de Vasconcellos.

Deixando a banca, foi residir no sertão Piracicaba onde se dedicou a melhoramentos agrícolas.

Em 1821, rebentando a revolução de S. Paulo, foi inopinadamente nomeado membro do governo provisório, que aceitou.

Seguindo-se logo depois as eleições para as câortes constituintes de Lisboa, foi nomeado espontaneamente deputado.

Partiu o novo deputado, e chegou á Lisboa em Fevereiro de 1822; era já em effervescencia os animos politicos daquella assembléa, pelos decretos de chamada do principe, e abolição dos tribunaes do Brasil.

Achando-se fóra de Lisboa e chamado para assignar a Constituição, respondeu: — que não o fazia por não serem attendidos os interesses da nação constituida. —

Voltando ao Rio de Janeiro, tomou assento na assembléa constituinte, que funcionava.

Em 12 de Novembro de 1823, dissolvida a assembléa constituinte, e invadida a casa dos trabalhos legislativos, foi preso com outros representantes e conduzido á fortaleza de Santa Cruz.

Eleito deputado nas seguintes legislaturas, e

proposto senador pelas provincias de Minas e S. Paulo, tomou assento em 1826, na camara electiva.

Atacado de uma violenta febre cerebral, que pôz em risco sua existencia, foi escolhido senador pela provincia de Minas em 1° de Maio de 1828.

Em 1830, soffrendo ainda os effeitos daquella molestia, formou um gabinete, cujo devotamento á causa publica será sempre reconhecido.

Na revolução de 1831, ficando no Rio de Janeiro pelas férias parlamentares, foi um dos signatarios de uma representação enviada ao governo por 24 deputados, sobre as necessidades urgentes da situação.

Sendo eleito para membro da regencia interina, na reunião em assembléa geral dos deputados e senadores existentes na côrte ; e em cujo posto manteve os precedentes honrosos de seu bello character.

Em 1833, apezar de seu máo estado de saude, entrou no ministerio do Imperio, e servio interinamente o da fazenda.

Em 1835 soffreu uma gravissima molestia de coração, cujos estragos nunca mais poude sanar.

Em 1837 foi nomeado director do curso juridico de S. Paulo, cargo que pôr comprazer servio até 1842.

Em 1840 votou a favor da maioria, e em 1841 por ocasião da corôação de S. M. o Senhor D. Pedro II, foi agraciado com a gran-cruz do Cruzeiro.

Em 1842, um desgosto profundo veio ferir o honesto e leal representante do partido liberal, sendo processado pela autoria da revolução de S. Paulo ; o Senado, porém, julgou improcedente este processo, em que em vão se procurava lançar um desairoso labéo sobre um benemerito do paiz.

Em 1847, occupando mais tempo do que esperava, a pasta da justiça, resultou-lhe um novo accesso de febre cerebral que quasi o deixou sem vida.

Falleceu em 17 de Setembro de 1859.

P

Paulino José Soares de Souza.

Nasceu em Pariz, no anno de 1807, era filho do Dr. José Antonio Soares de Souza e D. Antonia Magdalena Soares de Souza, em cuja companhia veio para o Maranhão.

Na idade de quinze annos passou a Portugal afim de estudar em Coimbra, onde cursou até o 4º anno de direito e canones ; não podendo

tomar o gráo por ter rebentado a revolução a favor de D. Miguel.

Voltando ao Brasil, dirigio-se a S. Paulo, onde já existia a academia de direito, na qual tomou o gráo de bacharel no anno de 1831.

Pouco depois de formado foi nomeado juiz de fóra de S. Paulo, sendo oito mezes depois removido para a côrte, no lugar de juiz do crime do bairro de S. José.

Com a execução do Código do Processo deixou o juizado do crime de S. José e passou a occupar o do civil da segunda vara da côrte.

Foi eleito deputado para a primeira legislatura da assembléa provincial do Rio de Janeiro, e pelo regente Feijó nomeado presidente dessa provincia.

Em 1836 foi por ella eleito deputado geral e reeleito sempre até ser escolhido senador pela mesma provincia em 31 de Março de 1849, salvo em 1844, que sahio segundo supplente, tomando assento pelo fallecimento de um dos deputados.

Em 1840 fez parte pela primeira vez do conselho da corôa como ministro da justiça do ministerio de 23 de Maio.

Reeleito deputado, após a dissolução, foi chamado para a mesma pasta da justiça no ministerio de 23 de Março de 1841; continuando

na pasta de estrangeiros do ministerio de 20 de Janeiro de 1843, apesar da quéda dos seus collegas.

A 8 de Outubro de 1849 occupou pela segunda vez a pasta de estrangeiros do ministerio de 29 de Setembro de 1848.

Seu discurso pronunciado a 15 de Julho de 1850, collocou-o em uma posição brilhante no mundo politico.

A 8 de Setembro de 1853 foi nomeado conselheiro de Estado ordinario.

A 2 de Dezembro de 1854 foi-lhe concedido o titulo de Visconde do Uruguay, com grandeza; em 1855 foi á Europa como ministro plenipotenciario do Brasil em missão especial junto á côrte de Napoleão.

Casou-se em 20 de Abril de 1833 com a Ex.^{ma} Sr. D. Anna de Macedo Alvares de Azevedo.

Foi Visconde do Uruguay, senador do Imperio, official da ordem do Cruzeiro, gran-cruz de S. Januario de Napoles em 1850, gran-cruz da real ordem do Danebrog da Dinamarca, em 1852; gran-cruz da Corôa de Ferro d'Austria, em 1852; gran-cruz da de Christo de Portugal no mesmo anno.

Era membro honorario da Academia Tibertina de Roma; da Academia britannica Artes,

Sciencias e Industria; da sociedade Zoologica de Aclimação de Pariz; da sociedade Animadora das Sciencias, Letras e Artes de Dunkerque; do Instituto Historico Brasileiro e do do Rio da Prata, e da sociedade Auxiliadora da Industria Nacional.

Falleceu nesta côrte a 15 de Julho de 1866.

Pedro de Alcantara (D.), 1º Imperador do Brasil.

Nasceu na cidade de Lisboa, capital do reino de Portugal, em 12 de Outubro de 1798; filho legitimo de D. João VI e sua mulher a rainha D. Carlota.

Principe regente do Brasil em 7 de Setembro de 1822 proclama a independencia do Brasil, e pelo povo aclamado primeiro Imperador, torna-se o fundador da monarchia brasileira em 12 de Outubro de 1822.

Em 25 de Março de 1824 outorga uma Constituição politica ao povo que o acclamára, e nesse mesmo anno restabelece a ordem que havia sido perturbada em algumas províncias do norte.

Em 1825 celebrou paz com Portugal, em virtude da convenção pela qual era reconhecida por D. João VI a independência do Brasil.

Em 1826, por occasião da morte de seu au-

gusto pai, foi aclamado rei de Portugal, cuja corôa abdicou, pouco depois, em sua filha D. Maria da Gloria, decretando tambem a Carta Constitucional daquelle reino.

Nesse mesmo anno abriu a primeira assembléa geral legislativa deste Imperio.

Em 1828 reconheceu a independencia da provincia Cisplatina (hoje Estado Oriental), que se havia sublevado em 1825.

Em 7 de Abril de 1831 cedeu ás circumstancias politicas da época, e abdicou em seu augusto filho, actual Imperador, e seguiu para a Europa, onde morreu em Lisboa a 24 de Setembro de 1834; seu coração existe na invicta cidade do Porto, a quem o legou, e seu corpo no jazigo real de S. Vicente de Fóra.

Foi casado em primeiras nupcias com a Imperatriz D. Carolina Josepha Leopoldina, Archiduqueza d'Austria, e em segundas com a Imperatriz D. Amelia de Leuchtemberg, princeza da Baviera, actual Imperatriz viuva, residindo na Europa.

Do primeiro consorcio houve seis filhos e do segundo uma unica, já fallecida.

Na guerra que emprehendeu para sustentar os direitos de sua filha adquirio novos titulos á gratidão dos contemporaneos e á admiração da posteridade.

Este monarcha, 1º do Brasil e 4º de nome em Portugal, foi o instituidor, no Brasil, de tres ordens honorificas :

Cruzeiro, Pedro I, e Rosa.

Sua primeira adhesão á causa brasileira teve lugar a 9 de Janeiro de 1822, em que, perante a camara municipal do Rio de Janeiro, pronunciou o memoravel— FICO—; o segundo a 13 de Maio do mesmo anno aceitando o titulo de — *Defensor perpetuo do Brasil*.

Pedro de Araujo Lima.

Nasceu em Pernambuco em 1787.

Partio para Lisboa em 1813 já com os preparatorios e matriculou-se na Universidade de Coimbra, onde tomou gráo de doutor em canones em 1819.

Chegando á sua patria em 1820, foi logo despachado ouvidor de Paracatú, provincia de Minas, não chegando a exercer esse lugar por ter sido eleito deputado ás côrtes constituintes de Lisboa no anno de 1821 e alli fazendo parte dessa pleiada brilhante dos 50 deputados brasileiros, é sabido o resultado dessa luta desigual e gloriosa para esses poucos Brasileiros que na metropole ousarão levantar a voz contra o odio encarniçado de uma população inteira.

Voltando á patria com seus companheiros no momento da independencia, foi immediatamente eleito deputado á assembléa constituinte reunida nesta côrte a 3 de Maio de 1823.

Pela dissolução dessa assembléa subio ao ministerio na pasta do Imperio em 14 de Novembro de 1823, lugar que occupou só tres dias.

Deputado á assembléa geral por Pernambuco em 1824, foi eleito seu presidente na sessão de 1827; e durante esta legislatura foi chamado ao ministerio do Imperio a 2 de Novembro de 1827.

Reeleito para a segunda legislatura pela mesma provincia o foi sempre até a sua entrada para o senado em 5 de Setembro de 1837.

Durante sua carreira parlamentar o vemos presidente da camara em 1829, vice-presidente em 1831, 1832 e 1833; e novamente presidente em 1835, 1836 e 1837.

Durante todas as commoções politicas que abalarão o Imperio, desde a abdicção até a regencia unica de Feijó, Araujo Lima não appareceu senão como deputado, sendo apenas uma vez encarregado das pastas da justiça e estrangeiros, que só occupou 40 dias, de 3 de Agosto a 13 de Setembro de 1832.

A 18 de Setembro de 1837, ultimo dia da regencia de Feijó, tomou elle pela terceira vez

a pasta do Imperio, sendo no seguinte dia encarregado da regencia interina do paiz, como determina a Constituição, e por ter o regente Feijó resignado o cargo.

A 22 de Abril do mesmo anno foi por ambas as camaras confirmado nessa regencia, pois o bem publico se comprazia com ella.

Fôrão tempestuosos os dias que administrou o paiz, porém sua energia, seu entranhado amor do paiz derão-lhe a coragem precisa para arcar com a hydra revolucionaria, que erguia o collo em algumas provincias, e vencê-la esmagando-a.

A 29 de Setembro de 1848 foi chamado á pasta de estrangeiros e á presidencia do conselho, em que esteve até 8 de Outubro de 1849.

Por morte do Marquez de Paraná foi encarregado de organizar o gabinete que substituiu o daquelle estadista, em 4 de Maio de 1857.

Os motivos da organização do gabinete de 30 de Maio de 1862, é historia contemporanea conhecida por todos; organisador desse gabinete, foi encarregado da pasta do Imperio e de sua presidencia.

Visconde de Olinda foi em 1854 elevado a Marquez do mesmo titulo; era gran-cruz da ordem de Christo, e official da do Cruzeiro; gran-cruz da Legião de Honra; gran-cruz de

S. Estevão da Hungria; e gran-cruz de S. Mauricio e S. Lazaro da Sardenha.

Vulto respeitavel da vida politica de seu paiz, o Marquez de Olinda viveu rodeado pela veneração da nova geração, e dos seus contemporaneos coberto de serviços de subido valor cuja paga fruia na tranquillidade de seu retiro.

Falleceu em 7 de Junho de 1870.

Pedro Rodrigues Fernandes Chaves.

Nasceu na provincia do Rio Grande do Sul em 1810.

Começou seus estudos em Coimbra, e veio termina-los em S. Paulo, onde tomou gráo de bacharel em direito.

Occupou importantes cargos na magistratura, na diplomacia, e na administração.

Representou sua provincia por diversas vezes na camara temporaria, até que em 19 de Abril de 1853 foi escolhido senador por sua provincia.

Falleceu na Europa em 23 de Junho de 1866, sendo: grande do Imperio; commendador de Christo e Rosa; senador do Imperio e 1º Barão de Quarahim.

Pedro de Santa Marianna (D. Frei).

Nasceu em Pernambuco a 30 de Dezembro de 1782.

Entrou na ordem carmelita a 7 de Fevereiro de 1797, onde professou, e cursou as aulas de sua religião, entregando-se com paixão ao estudo de geometria, de que foi professor, sendo ainda corista.

Em 1805 buscou a cidade de Lisboa, onde recebeu as ordens sacras, nesse mesmo anno, na capella de Bemposta, por mãos do bispo Paulopolino.

Em 1806 matriculou-se na academia real de marinha, no collegio dos nobres.

Pela fama de seu saber, foi nomeado professor da cadeira do segundo anno da academia militar do Rio de Janeiro, creada pelo Conde de Linhares.

Aqui chegando em 1812, principiou a ensinar como substituto, e de 1818 como proprietario até 1833, em que se jubilou.

Nomeado professor de S. M. o Imperador limitou-se sómente ao cumprimento do sagrado ministerio, de que se tinha incumbido; seu elogio está em que através dos vertiginosos tempos por que passou o Brasil na minoridade de seu augusto discipulo, ninguem se queixou de sua in-

fluencia, e nem os jornaes daquellas épocas fallão em seu nome.

A seu saber, e ás suas virtudes deveu o ter sido nomeado bispo de Chrysopolis em 6 de Maio de 1841 pelo papa Gregorio XVI.

Vivendo no paço, tudo que recebia dava de esmola, e nunca pedio a seu augusto discipulo cousa alguma.

Falleceu em 7 de Maio de 1864, sendo bispo de Chrysopolis; prelado domestico de S. Santidade; assistente ao Solio Pontificio; Conde Palatino; do conselho de S. M. o Imperador; seu esmoler-mór; commendador de Christo; doutor em mathematicas; membro do Instituto Historico, da Academia das Bellas-Artes e de varias sociedades litterarias e scientificas nacionaes e estrangeiras; lente jubilado da escola militar.

Sua Magestade sentio profundamente o seu passamento, e depois de mandar embalsamar seu cadaver, assistio com sua augusta familia ás exequias, que celebrarão-se na igreja da Lapa, onde se acha depositado o illustre finado.

S. Ex. Reverendissima foi sepultado na igreja dos religiosos carmelitanos, em cuja ordem era professo, sita no largo da Lapa, em 9 de Maio de 1864.

Os religiosos do Carmo mandárão celebrar exequias dignas das virtudes do illustre morto

e nas quaes oração os Reverendos Conego Fonseca Lima, e Frei Santa Candida Bastos, da mesma ordem.

R

Raymundo José da Cunha Mattos.

Nasceu na cidade de Faro, em Portugal, em 2 de Novembro de 1776; filho legitimo de Alexandre José da Cunha Mattos e D. Isabel Theodora Cecilia de Oliveira.

Aos 14 annos assentou praça voluntariamente no regimento de artilharia; tres annos depois promovido a cabo de esquadra, por exame, marchou para a campanha de Roussillon, após tres annos de campanha, onde escreveu e guardou boas producções, seguiu como forriell para as ilhas de S. Thomé e Principe, onde esteve 18 annos, sendo commandante da fortaleza de S. Sebastião da Barra; ajudante de ordens do governador (1806); provedor de fazenda, e feitor da alfandega de S. Thomé.

Vindo ao Rio de Janeiro em 1814 foi nomeado tenente-coronel commandante interino da mesma ilha, como recompensa de seus muitos serviços, e promovido a coronel em 1817, quando voltou de novo a esta côrte.

Em Pernambuco, em 1818, foi encarregado da organização da 1ª brigada miliciana de todas as armas; do recrutamento e instrução dos recrutados; commandante geral da artilharia da provincia; de organizar baterias de defesa da costa, e tudo isto fez no limitado espaço de dous annos.

Em 1820 foi nomeado inspector do arsenal de guerra da côrte, deixando para ser commandante das armas da provincia de Goyaz, quando escreveu a sua — *Viagem da côrte á Goyaz*. —

De Goyaz; voltou deputado á legislatura de 1826, e foi pouco depois promovido a brigadeiro.

Em 1826 se passou ao Rio Grande na expedição commandada pelo Marquez de Barbacena, voltando d'alli para a assembléa; em 1831 se passou á Europa, com licença.

Foi nomeado em 1834 commandante da academia militar da côrte.

Nomeado vogal do Conselho Supremo, publicou o — *Repertorio da Legislação Militar*. —

Socio da sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, foi um dos fundadores do Instituto Historico Brasileiro; sendo em 1834 promovido a marechal de campo.

Falleceu em 1839, sendo: marechal de Campo; Vogal do Supremo Conselho Militar; official do Cruzeiro; commendador de S. Bento

de Aviz ; socio do Instituto de França, da Academia Real de Napoles, secretario perpetuo da sociedade Auxiliadora da Industria Nacional.

Rodrigo Antonio Falcão Bulcão.

Nasceu a 7 de Abril de 1789 na cidade da Cachoeira, provincia da Bahia.

Assentou praça de capitão de cavallaria em 1811.

Entrou na luta da independencia, estando na cidade da Cachoeira, em 25 de Junho de 1822.

Entre muitos outros actos brilhantes de sua vida, livrou a villa da Feira de Sant'Anna de ser arrasada pelos rebeldes.

Falleceu aos 10 de Setembro de 1855, sendo : brigadeiro do exercito ; commendador de Christo ; official do Cruzeiro ; commendador de S. Bento de Aviz ; medalha da guerra da Independencia (Bahia) ; Barão de Belém, e jaz sepultado no convento dos religiosos franciscanos de Paraguassú.

S

Salvador Corrêa de Sá e Benevides.

Nasceu em 1594, nesta cidade do Rio de Janeiro; filho legítimo de Martim de Sá e D. Maria de Mendoza e Benevides; neto do primeiro governador desta cidade, Salvador Corrêa de Sá.

Passou a infancia com seu pai, que concluiu seu governo em 1608.

Entrou no serviço publico em 1612 conduzindo a salvo da pirataria hollandeza um comboy de trinta navios que passou de Pernambuco á Europa.

Voltou depois ao Rio de Janeiro para obter o soccorro de 500 homens e tres canôas de guerra, afim de coadjuvar a armada que de Lisboa partira a 24 de Novembro de 1624; tocando nessa occasião no Espirito-Santo, livrou esta capitania do saque que pretendião fazer seis náos do corso hollandez; continuando seu destino chegou á Bahia, onde muito concorreu para a recuperação da cidade do poder dos Hollandezes, partindo d'alli para Lisboa, onde recebeu a infausta noticia do fallecimento de seu pai em 10 de Agosto de 1632.

Em 1634 foi nomeado almirante do mar do

sul, com ordem de combater os rebeldes do Paraguay, onde desbaratou os Calequis, e ganhou a batalha de Palingarta em 1635, em que recebeu doze ferimentos de flexas, e com ella pacificou a provincia de Tucuman ; esses serviços importantes, derão lugar a seu casamento com D. Catharina Velasco, filha do então governador do Chile D. Pedro Ramires de Velasco.

A 21 de Fevereiro de 1637 recebe a carta patente de capitão-mór e governador do Rio de Janeiro ; a 8 de Junho de 1639 é revestido de amplos poderes, afim de levar a effeito o reforço e melhor organização da milicia ; a 6 de Setembro do mesmo anno vê nascer seu primogenito Martim Corrêa de Sá, depois primeiro Visconde de Asseca.

Relevantes fôrão seus serviços no grande conflicto entre o povo e os padres Jesuitas, sobre a escravidão dos indios, deixando a 29 de Março de 1640 o mando da capitania a seu tio Duarte Corrêa Vasqueanes, seguiu para S. Paulo, onde tudo obteve pelo seu zelo e dedicação em breve tempo.

Voltando ao Rio de Janeiro, foi nomeado general da frota destinada a proteger o commercio do Brasil em 26 de Março de 1644 ; a 8 de Junho do mesmo anno, foi encarregado com amplos poderes de dirigir a exploração das minas,

recebendo o despacho de deputado do conselho ultramarino.

Delegando os demais cargos, embarcou-se na frota, de que era general, e surgiu defronte do Recife em 12 de Agosto de 1645; prestando grande auxilio a João Fernandes Vieira.

Recebendo a nomeação para estabelecer um presidio em Angola, que protegesse alli o commercio, chegou á barra desta cidade a 23 de Janeiro, encontrando aqui os cinco galeões em que devia partir, o que fez em 12 de Maio.

Seus relevantes e preciosos serviços naquella parte d'África fôrão corôados com a celebre capitulação do forte S. Miguel em 15 de Agosto de 1648.

Recebendo como premio de seus serviços dous africanos por supportes de suas armas, e depois de governar por tres annos o reino do Congo, que submettêra, volta ao Rio de Janeiro, e achando-se em Campos em 1652 fundou o templo de S. Salvador.

Voltando á Lisboa, é novamente encarregado do governo da repartição do Sul, em 17 de Setembro de 1658, partindo o nomeado em começo de 1659 chegou á Bahia em principios de Setembro, e a este porto ainda nesse mesmo mez, em que tomou posse.

Objecto de muita ponderação o fizerão entregar

o governo a 11 de Outubro de 1660 a seu primo Thomé Corrêa de Alvarenga, e passar-se a S. Paulo.

A defficiencia de numerario, novos impostos e fintas muito discontentava o povo, que só era contido por sua presença, por isso a 30 do mesmo mez, muitos habitantes reunirão-se nas proximidades de S. Gonçalo em Nictheroy, e rebellando-se, voltárão á cidade com vertiginosa furia; aos 8 de Novembro lavrárão um auto declarando excluido do governo o general Salvador Corrêa, deposto Thomé Corrêa e nomeando a Agostinho Barbalho Bezerra, que foi violentado a aceita-lo, e depois de alguns bandos do valente general, foi tudo pacificado com sua chegada em Abril seguinte.

Em 1º de Junho de 1661 fez entrega deste governo ao seu successor e partio para Lisboa.

A deposição de Affonso VI em 23 de Setembro de 1667, e sua privança e de seu filho visconde com esse monarcha, muitos desgostos lhe trouxerão, recebendo uma sentença de dez annos de degredo para a Africa como premio de seus muitos serviços.

E depois de resolvido a findar seus dias em um convento da Companhia de Jesus, a quem muito protegera, obteve moradia com homenagem no seu palacio de—*Santos o velho*—

por influencia daquelles padres, onde falleceu em 1º de Janeiro de 1688, foi sepultado na sacristia do convento de N. Senhora dos Remedios dos Carmelitas (hoje extinto).

Foi 1º alcaide-mór do Rio de Janeiro; fidalgo da Casa Real; commendador de S. Salvador das Alagôas; e de S. João de Cassia (bispado de Coimbra) na ordem de Christo, e entre outras foi fundador das villas de Ubatuba e Paranaguá.

T

Theophilo Benedicto Ottoni.

Nasceu na cidade do Sêro, provincia de Minas-Geraes, aos 27 de Novembro de 1807; filho legitimo de Jorge Benedicto Ottoni e sua esposa D. Rosalia Benedicta Ottoni.

Em 1823 deu começo a seus estudos de humanidade naquella cidade, tendo já patenteado a precoce intelligencia, e em 1826 veio ao Rio de Janeiro para alargar a esphera de seus conhecimentos.

Em 1828 e 1829 era guarda-marinha em companhia de seus tres irmãos.

Frequentando a academia, filiou-se ao partido politico a que sempre pertenceu, e collaborou

na *Astréa*, *Astro de Minas*, *Echo do Sêrro*, sendo membro do *Club dos amigos unidos*, cuja influencia nos movimentos de Abril de 1831 a historia aponta.

Em Setembro de 1830 fez sua retirada para Minas, tendo em 1828 feito parte da mesa eleitoral da freguezia do Sacramento desta côrte, na qualidade de escrutador; tendo pouco depois aceitado a baixa de guarda-marinha.

Voltando a Minas, entregou-se ao commercio na localidade de seu nascimento; onde começou a publicar a *Sentinella do Sêrro*, em uma pequena typographia que da côrte levára.

Os movimentos politicos em 1831 naquella localidade o encontrarão sempre em actividade como secretario da caixa militar allí creada, e quando chegarão a 22 as noticias das occorrenças de 7 de Abril, á sua moderação e popularidade se deve a vida de muitos cidadãos e a tranquillidade publica.

Fundou na cidade do Sêrro a Sociedade Patriótica Promotora do Bem Publico, que a 2 de Fevereiro de 1832 publicou uma circular pedindo a reforma da Constituição sob bases que apresentava.

Em 1833 marchou com a guarda nacional do Sêrro, que o elegêra tenente, em auxilio da lega-

lidade contra os sublevados do Ouro-Preto, a pedido do vice-presidente de então.

Em 1835 foi eleito deputado provincial de sua provincia, servindo nessa legislatura e na de 1839, em cujo seio prestou valiosos serviços.

Valiosos são os serviços que prestou á sua provincia, quer no seu desenvolvimento moral, quer material, que revelados, como já fôrão, serão uma das folhas da corôa civica do grande cidadão.

Em 1838 foi eleito deputado á assembléa geral, onde assumio brilhante posição, pelo papel que representou na questão da *maioridade*, para que muito concorreu, e pela revelação de seu muito saber, evitando sua popularidade, que no momento da declaração da maioridade, fôsse apedrejada a casa do senador Vasconcellos.

A revolução mineira de 1842, de que foi elle a alma, palpita da actualidade, e bom será esperar pelo juizo da posteridade.

Pouco antes dessa revolução, casou-se elle com D. Carlota Amalia de Azevedo.

Preso, após a derrota de Santa Luzia, e processado, foi absolvido pelo jury em 1843, bem como todos os autores dessa rebellião.

Muito concorreu Theophilo Ottoni para a terminação, em 1844, da revolução rio-grandense. Seus esforços em favor da lei eleitoral de 1846,

em maxima parte feita sua, concorrêrão em grande parte para a sua approvação.

Em 1846, na qualidade de vice-presidente da camara dos deputados, assistio ao baptisado da Princeza Imperial, a actual Condessa d'Eu.

Desde então até 1860, deixou de tomar parte activa na politica; sua actividade esteve absorvida pela Companhia Mucury, de que foi director, e pelo commercio.

Minas o elegeu para senador em Junho de 1857, 21 de Agosto de 1859, 11 de Fevereiro de 1860, 27 de Janeiro de 1861; a provincia de de Matto-Grosso tambem o elegeu para o mesmo cargo em 1862; sendo afinal eleito em 1863 pela sua provincia, e escolhido em 9 de Janeiro de 1864.

Em 1853 foi eleito presidente do Monte-Pio Geral, a que prestou serviços d'alta importancia.

A 29 de Abril de 1860 publicou um vehemente protesto politico.

Em actividade politica de 1860 pleiteou a eleição da côrte nesse anno, obtendo seu partido esplendida victoria, e adquirindo elle immensa popularidade; sendo nesse anno eleito deputado geral pelo 2º districto de Minas.

Por occasião da inauguração da estatua de D. Pedro I, duas assembléas provinciaes, trinta e duas camaras municipaes e algumas sociedades scientificas, o designárão para representa-las no

acto; não aceitou a missão, por coherencia politica, declarando-o pela imprensa.

O gabinete de 30 de Maio de 1862 concedeu-lhe em 1863 a carta de conselho, que recusou por coherencia com sua idéa—*de que os membros do corpo legislativo não devem aceitar graças do poder.*

Em 1863, como supplente, tomou parte na camara municipal desta côrte.

Sua longa vida, matizada pela abnegação, patriotismo, e probidade, será um modelo digno de imitação.

Pobre, rodeado pela estima dos seus e pela veneração de seus contemporaneos, e sem receber honraria alguma dos poderes publicos, findou sua gloriosa existencia a 17 de Outubro de 1869 nesta côrte.

Das demonstrações de pezar, patenteadas em todo o Imperio, deve ufanar-se sua familia.

V

Valentim da Fonseca e Silva.

Era natural da provincia de Minas-Geraes, ignorando-se o dia de seu nascimento e morte: filho de um fidalgo portuguez e de uma obscura senhora dessa provincia.

Foi a Portugal para receber educação artística, e retirou-se desse paiz pelo fallecimento de seu pai.

Foi seu mestre de esculptura e obra de talha, no Rio de Janeiro, o entalhador que fez as primeiras obras para a nossa igreja do Carmo, que fôrão por Valentim concluidas.

Os trabalhos exteriores, bem como a obra de talha do interior do templo da Cruz, são obras delle.

A capella-mór de S. Francisco de Paula, e os ornatos da Candelaria, fôrão por elle executados.

As lindas alampadas de prata, que ainda hoje attrahem a attenção nas igrejas de S. Bento, do Carmo e de Santa Rita, fôrão feitas pelo desenho deste artista.

A obra de architectura do Passeio Publico, e o grupo dos jacarés, que alli se vê, fôrão por elle feitas, por ordem do seu amigo, então vice-rei Luiz de Vasconcellos.

O chafariz da praça de Dom Pedro II, cheio de elegancia e belleza, é uma de suas melhores obras.

O recolhimento do Parto, incendiado em 26 de Agosto de 1789, foi por elle reedificado em seis mezes!

Na sacristia da igreja do Parto existem dous

paineis descrevendo esse facto, onde se vê os retratos desse artista brasileiro, e do vice-rei Luiz de Vasconcellos.

Vicente Navarro de Andrade.

Nasceu na villa de Guimarães, em 26 de Fevereiro de 1776.

Tendo estudado com distincção em Coimbra, tendo uma grande clinica em Portugal, foi pela Universidade escolhido para viajar.

Passou-se á França, onde residio sete annos e depois aos Estados-Unidos e Rio de Janeiro.

Depois de 7 de Abril de 1831 retirou-se para França, e depois de visitar Portugal, recolheu-se de novo ao Rio de Janeiro.

Perdendo sua mulher, a quem dedicava o mais puro affecto, partio para França pela terceira vez e ahi falleceu aos 23 de Abril de 1850 na cidade de Pariz.

Em medicina foi tido como medico de muito saber; em finanças passava por muito entendido, e foi varias vezes consultado pelo Governo e Corpo Legislativo de então.

Foi amigo de muito particular estima de D. Pedro I.

Era doutor em medicina, fidalgo cavalleiro, physico-mór effectivo da armada, medico da

Imperial Camara, membro effectivo, honorario, e correspondente de muitas sociedades scientificas, commendador de Christo, official do Cruzeiro, dignitario da Rosa e Barão de Inhomeirim.

Escreveu muitas obras em portuguez e francez sobre medicina, politica, finanças e litteratura, porém não publicou nenhuma.

FIM.

INDICE ALPHABETICO.



A

| | | |
|---|------|----|
| Alexandre Rodrigues Ferreira. | PAG. | 1 |
| André Vidal de Negretros. | | 3 |
| Angelo Muniz da Silva Ferraz | | 4 |
| Antéro José Ferreira de Brito. | | 6 |
| Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva | | 6 |
| Antonio Felipe Camarão (D.). | | 10 |
| Antonio Navarro de Abreu | | 11 |
| Antonio Paulino Limpo de Abreu. | | 12 |
| Antonio Pereira de Souza Galdas. | | 15 |

B

| | |
|---|----|
| Balthazar da Silva Lisboa | 17 |
| Bartholomeu Lourenço de Gusmão | 20 |
| Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha | 21 |
| Bento Lucio Machado | 22 |
| Bento da Silva Lisboa | 23 |
| Bernardo José da Gama | 24 |
| Bernardo de Souza Franco. | 25 |

C

| | |
|---|----|
| Caetano Maria Lopes Gama | 28 |
| Caetano Pinto de Miranda Montenegro | 29 |
| Candido Baptista de Oliveira | 29 |
| Carlos Miguel de Lima e Silva | 32 |
| Custodio Ferreira Leite. | 33 |

D

| | |
|---|----|
| Diogo Antonio Feijó (Padre) | 35 |
| Domingos Borges de Barros | 39 |
| Domingos Malaquias de Aguiar Pires Ferreira | 39 |
| Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto | 41 |

E

| | |
|--|----|
| Estevão Ribeiro de Rezende | 42 |
| Euzebio de Queirós Coitinho Mattoso Camara | 43 |

F

| | |
|--|----|
| Feliciano José Rodrigues Prates (Dom) | 45 |
| Francisco Alvares Machado e Vasconcellos | 51 |
| Francisco Antonio de Oliveira. | 52 |
| Francisco Cordeiro da Silva Torres | 53 |
| Francisco José da Rocha | 54 |
| Francisco José de Souza Soares de Andréa. | 55 |
| Francisco Julio Xavier. | 57 |
| Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho. | 60 |
| Francisco de Lima e Silva. | 62 |
| Francisco Mariano de Viveiros Sobrinho. | 64 |
| Francisco do Mont'Alverne (Frei). | 46 |
| Francisco de Santa Thereza de Jesus Sampaio (Frei) | 49 |

G

| | |
|-----------------------------|----|
| Gregorio de Mattos. | 65 |
|-----------------------------|----|

H

| | |
|--|----|
| Henrique Luiz de Niemeyer Bellegarde | 68 |
| Honorio Hermeto Carneiro Leão | 70 |

I

| | |
|---------------------------------------|----|
| Irenêo Evangelista de Souza | 72 |
|---------------------------------------|----|

J

| | |
|--|----|
| João Alvares Carneiro | 73 |
| João de Castro Couto e Mello. | 75 |
| João Pereira Darrigue Faro | 75 |
| João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho | 76 |
| João Propicio Menna Barreto | 79 |

INDICE

III

| | |
|--|-----|
| João da Purificação Marques Perdigo | 80 |
| Joaquim Antonio Ferreira | 84 |
| Joaquim Francisco | 82 |
| Joaquim José Ignacio | 86 |
| Joaquim José Rodrigues Torres | 90 |
| Joaquim José da Silva Xavier | 92 |
| José Alves Rangel | 94 |
| José de Araujo Aragão Bulcão | 95 |
| José Basilio da Gama | 95 |
| José Bonifacio de Andrada e Silva | 98 |
| José Carlos de Almeida | 104 |
| José Carneiro da Silva | 105 |
| José Ceazario de Miranda Ribeiro | 106 |
| José Clemente Pereira | 107 |
| José da Costa Carvalho | 110 |
| José Egydio Gordilho de Barbuda | 112 |
| José Joaquim de Andrade Neves | 113 |
| José Joaquim Carneiro de Campos | 120 |
| José Joaquim Coelho | 126 |
| José Joaquim da Cunha Azeredo Coutinho (D.). | 124 |
| José Joaquim de Lima e Silva | 123 |
| José Leandro | 127 |
| José Mariano da Conceição Velloso (Frei) | 129 |
| José Mauricio Nunes Garcia | 132 |
| José Monteiro de Noronha | 135 |
| José Pinto de Azeredo | 136 |
| José Ricardo da Costa Aguiar de Andrada | 137 |
| José da Silva Lisboa | 139 |
| José de Souza Azevedo Pizarro | 141 |

L

| | |
|--|-----|
| Lucas Antonio Monteiro de Barros | 143 |
| Luiz Alves de Lima e Silva | 143 |
| Luiz da Cunha Moreira | 149 |
| Luiz José de Oliveira | 151 |

M

| | |
|---|-----|
| Manoel Alves Branco | 152 |
| Manoel Antonio Alvares de Azevedo | 153 |
| Manoel Antonio Ribeiro de Castro | 153 |

IV

INDICE

| | |
|--|-----|
| Manoel Ignacio da Cunha | 154 |
| Manoel Ignacio de Mello e Souza | 154 |
| Manoel do Monte Rodrigues de Araujo (D.) | 156 |
| Marcellino José Ferreira Armond. | 158 |
| Mariano José Pereira da Fonseca. | 158 |
| Martinho Alvares da Silva. | 160 |
| Miguel Calmon du Pin e Almeida | 161 |

N

| | |
|---|-----|
| Nicoláo Pereira de Campos Vergueiro | 164 |
|---|-----|

P

| | |
|--|-----|
| Paulino José Soares de Souza. | 167 |
| Pedro d'Alcantara (D.), 1º Imperador do Brasil | 170 |
| Pedro de Araujo Lima. | 172 |
| Pedro Rodrigues Fernandes Chaves | 175 |
| Pedro de Santa Marianna (D. Frei) | 176 |

R

| | |
|---|-----|
| Raymundo José da Cunha Mattos. | 178 |
| Rodrigo Antonio Falcão Bulcão | 180 |

S

| | |
|---|-----|
| Salvador Corrêa de Sá e Benevides | 181 |
|---|-----|

T

| | |
|--------------------------------------|-----|
| Theophilo Benedicto Ottoni | 185 |
|--------------------------------------|-----|

V

| | |
|---------------------------------------|-----|
| Valentim da Fonseca e Silva | 189 |
| Vicente Navarro de Andrade | 191 |









